FOLHETINS DE SILVANUS

Governo do Estado do Ceará

Governador
Cid Ferreira Gomes

Vice-Governador
Francisco José Pinheiro

Secretário da Cultura
Francisco Auto Filho

Secretária Executiva da Cultura
Alda de Oliveira

Coordenadoria de Políticas do Livro e de Acervos
Karine David
Raymundo Netto (Coordenação Editorial)

Coordenadoria de Patrimônio Artístico e Cultural
Otávio Menezes

Diretoria da Casa de Juvenal Galeno
Antônio Santiago Galeno Júnior

Coleção Nossa Cultura

Conselho Editorial
Ângela Maria R. Mota de Gutiérrez
Cristina Rodrigues Holanda
Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes
Jorge Pieiro
Maria Eleuda de Carvalho
Rafael Sânzio de Azevedo
Sarah Diva da Silva Ipiranga

Juvenal Galeno
— OBRA COMPLETA —

Folhetins de Silvanus

3ª edição

Organização
Raymundo Netto

Apresentação à 2ª edição
Renato Braga

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

Fortaleza - Ceará
2010

Juvenal Galeno: obra completa

Folhetins de Silvanus

3ª edição
Copyright © 2010 Secretaria da Cultura do Estado do Ceará

Todos os direitos desta edição reservados e protegidos pela Lei nº 9.610 de 19.02.1988 à Secretaria da Cultura do Estado do Ceará. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc., nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da SECULT/CE.

Secretaria da Cultura do Estado do Ceará
Av. Gal. Afonso Albuquerque Lima, s/n, 3º andar, Fortaleza, Ceará
CEP: 60.839-900
www.secult.ce.gov.br

Casa de Juvenal Galeno
Rua General Sampaio, 1128, Centro, Fortaleza, Ceará

Coordenação editorial
Raymundo Netto

Revisão de texto
Raymundo Netto e Jefferson Alves de Aquino

Digitação do original
Remo e Raymundo Netto

Capa
Mariano Souza e Raymundo Netto

Programação visual e diagramação
Francisco Batista

Ilustrações
Na capa: "Juvenal Galeno", óleo sobre tela da poetisa e artista plástica Jane Blumberg
Na orelha: "Juvenal Galeno", óleo sobre tela de Otacílio de Azevedo
A seguir: Capa da 1ª edição de *Folhetins de Silvanus* (1891) e original em manuscrito do poema "Escada de Jacob" de Silvanus (Juvenal Galeno), 30 de janeiro de 1907.
Foto de orelha: Fragmento de manuscrito de Juvenal Galeno sob a assinatura de "Silvanus", acervo da Casa de Juvenal Galeno (foto: Raymundo Netto)

Impresso no Brasil/*Printed in Brazil*

Catalogação na Fonte

G 15 f Galeno, Juvenal
Folhetins de Silvanus. 3ª.ed./ Juvenal Galeno.-
Fortaleza: Secult, 2010.
256 p. :il.

ISBN: 978-85-7563-597-1

1. Literatura - sátira I. Título

CDD: 808.7

Juvenal Galeno

FOLHETINS

DE

SILVANUS

BIBLIOTHECA D'AVENDA FERREIRA

✡

I.º VOLUME

✡

PREÇO 2$000

Escada de Jacob.

O rio, que descera da montanha,
Para o seio do mar lento corria;
E em vapores, depois de lá subia
Para em chuva voltar, que a serra banha.

Assim vivemos nós... lida tamanha!
A subir a descer, trilhando a via
Da nossa evolução, — até que um dia
Possamos descançar em terra extranha.

De planeta em planeta, obedecendo
A lei da gradação, por Deus traçada,
Progredimos, jamais retrocedendo.

Do sonho de Jacob, na longa escada,
Que vae da terra ao ceo, sempre ascendendo,
Chegaremos dos anjos a morada.

20 de Janeiro de 1907. Silvanus

ÍNDICE

Retorno às Origens 11
Apresentação à 1ª Edição 15
Cavaco 31
O Luxo 37
Dom Paio 45
Noite da Cidade 51
O Lelê 59
Os Novos Sábios 63
O Romance 72
O Baile 78
Passeio 84
Dom Fuas 90
A Panelada 96
A Moda 100
Flores Murchas 105
O Banquete 109
O Despeito 115
A Civilização 117
O Padre Velho 122
A Rosa 127
As Bodas 130
Versos a Lápis 138
A Subscrição 141
O Bom-Tom... 145
O Pecado 146
Amor e Medo 149
O Mundo 151

Impressões d'um Baile..... 156
O Bandoleiro 161
Formosura! 165
Os Barões 167
Bons - Bocados 177
Os Relógios 179
A Barriga 181
A Dor 185
À Fortaleza 186
O Que Mais Doi..... 194
Tobias 196
Sonho do Celibatário 199
O Poeta d'água-Doce.....205
O Pai do Doutor 215
O Corisco 225
Os Homens da Rua 230
Apêndice: O Pão da Padaria Espiritual, Ano II - Nº 25.....249

RETORNO ÀS ORIGENS

A publicação, pela Secretaria da Cultura do Estado, de ***Juvenal Galeno: obra completa*** pretende iniciar uma nova fase na vida da famosa Casa que leva seu nome. Criada para preservar a memória do poeta, a Casa de Juvenal Galeno terminou por assumir, ao longo do tempo, outras funções que a levaram a pôr em plano secundário a política literária nacional-popular do autor de *Lendas e Canções Populares*.

Se essa política literária cumpriu, na origem, um papel decisivo na formulação de uma autêntica literatura nacional, como, na segunda metade do século XIX, buscou demonstrar o crítico Araripe Júnior em duas famosas cartas (a primeira, sobre a "literatura brasílica", de 1869, e a segunda, sobre "A poesia sertaneja", de 1875), agora, sob o impacto da "globalização" imperialista, ela readquire flagrante atualidade diante do avassalador "jugo de estrangeiras emoções".

E foi o próprio Juvenal Galeno um dos primeiros a formular os fundamentos dessa então nova política literária. Na nota de introdução que escreveu para o livro *Lendas e Canções Populares* (1865), assim os exprimiu:

> Reproduzindo, ampliando e publicando as lendas e canções do povo brasileiro, tive por fim representá-lo tal qual ele é na sua vida íntima e política, ao mesmo tempo doutrinando-o e guiando-o por entre as facções que retalham o Império – pugnando pela liberdade e reabilitação moral da pátria, encarada por diversos lados, – em tudo servindo-me da toada de suas cantigas, de sua linguagem, imagens e algumas vezes de seus próprios versos.

> Se consegui, não sei; mas para consegui-lo procurei primeiro que tudo conhecer o povo e com ele identificar-me. Acompanhei-o passo a passo no seu viver, e então, nos campos e povoados, no sertão, na praia e na montanha, ouvi e decorei seus cantos, suas queixas, suas lendas e profecias – aprendi seus costumes e superstições, falei-lhe em nome da Pátria e guardei dentro em mim os sentimentos de sua alma, – com ele sorri e chorei, – e depois escrevi o que ele sentia, o que cantava, o que me dizia, o que me inspirava.

Não se limitou, porém, o nosso poeta a tratar a questão no terreno puramente antropológico. Sua concepção de política literária contempla a dimensão do engajamento sociopolítico, numa atitude que o singulariza entre os que, à época, propugnavam pela construção de uma literatura "brasílica":

> Chorei a sorte do povo, que nas ruas, no cárcere, e por toda a parte sofria a escravidão. E vendo então que ele ignorava seus direitos, lhe expliquei; vendo-o no sono fatal da indiferença, despertei-o com maldições ao despotismo e hinos à liberdade, — e estimulei-o comemorando os feitos dos mártires da Independência e de seus grandes defensores, — preparando-o assim para a reivindicação de seus foros, para a grande luta que um dia libertará o Brasil do jugo da prepotência, e arrancará o povo das trevas da ignorância, e dos grilhões do arbítrio.

É a esses valores que se pretende fazer a Casa de Juvenal Galeno retornar agora, após a reforma e ampliação que o Governo do Estado promove. O novo programa da SECULT de apoio à cultura popular cearense, cumprindo as diretrizes de governo do então candidato Cid Gomes, concretiza tais valores

com a criação de uma rede de instituições que inclui, além da **Casa de Juvenal Galeno**, o **Memorial Patativa do Assaré**, restaurado e ampliado; o **Memorial do Poeta Agricultor Patativa do Assaré**, instalado na Serra de Santana; o **Memorial Cego Aderaldo**, em Quixadá; a **Lira Nordestina**, em Juazeiro do Norte, em parceria com a Prefeitura do Município e a Universidade Regional do Cariri; o **Centro Histórico-Cultural do Caldeirão**, em parceria com a Prefeitura do Crato; os **Memoriais das Culturas Indígenas**, o primeiro dos quais a ser instalado na Casa de José de Alencar, em parceria com a Universidade Federal do Ceará e a Federação das Indústrias do Estado do Ceará; o **Memorial dos Quilombolas**; os **Museus de Arte e Cultura Populares**, no Centro de Turismo de Fortaleza; **Arte Sacra Popular**, no Cariri, e do **Ex-Voto**, em Canindé; e, finalmente, a **Universidade Popular dos Mestres da Cultura Tradicional**. Outras instituições igualmente necessárias para a preservação e difusão das culturas populares do Ceará estão em estudo pelo corpo técnico da SECULT e entidades da sociedade civil local.

A necessidade da intervenção do poder público como suporte institucional dessa esfera de nossa cultura é não só obrigação constitucional do Estado, mas encontra respaldo na opinião de renomados estudiosos, como Tristão de Athayde, que, já em 1928, destacava: “Se o povo, mas que as gerações cultas, participa da natureza e das condições ambientes, nenhuma terra mais propícia à poesia popular que o Ceará”.

Auto Filho
Secretário da Cultura
do Estado do Ceará

APRESENTAÇÃO À 2ª EDIÇÃO DE *FOLHETINS DE SILVANUS* E DE *A MACHADADA*

Entre as festividades que engalanam o transcurso do aniversário desta Casa [trata-se do ano de 1969, 50 anos da Casa de Juvenal Galeno, lançamento da segunda edição do *Folhetins de Silvanus*, à época, com *A Machadada*], culmina a de que estamos participando no momento, dedicada à lembrança de seu nume tutelar, que aqui viveu a maior parte de sua vida.

Em homenagens semelhantes, já oficiaram nesta capela votiva a Juvenal Galeno, vozes de muita autoridade, algumas até vindas de fora, e todas atraídas pela grandeza do bardo, o primeiro a abeberar-se nas fontes puras da poesia popular.

Cabe-me agora, pela força da amizade que me prende à beletrista Henriqueta Galeno, ser o celebrante final dos festejos do dia. Mas há uma diferença profunda em relação aos que me precederam, neste ofício. Em vez do incenso que perdura tempo afora, trago em meu turíbulo que não é de ouro nem de prata, apenas uma resina agreste, como a chorada pelas nossas almécegas, que outrora, à falta de incenso verdadeiro, a Igreja permitia queimá-la em honra a Deus e aos seus santos.

No princípio do século, quando ainda Juvenal Galeno não perdera a vista e fisicamente estava em esplêndida maturidade, o seu amigo Antônio Sales assim o situava na paisagem intelectual contemporânea:

> (...) é hoje um desconhecido para as novas gerações literárias, com as quais nada tem de comum. Demais, sua feição literária passou da moda, e só interessa hoje aos críticos e investigadores, dentre

> os quais poucos lhe conhecem alguma cousa além do nome.
> A obra de Juvenal Galeno atravessa o período fatal do esquecimento a que estão sujeitos os maiores gênios; ela já deixou de interessar à geração presente, encaminhada em direções inteiramente opostas, nutridas de ideias do *dernier cri*, toda desdéns e tédio pelos que a precederam nas oficinas do pensamento nacional; por outro lado, esta obra é ainda muito recente para ter a consagração histórica e ser devidamente aquilatada como documento de época cuja influência e valor só mais tarde poderão ser julgadas com segurança.

Faz mais de cinquenta anos que Antônio Sales emitiu estes conceitos verídicos e prudentes. Porém de lá para cá o acervo literário de Juvenal Galeno adquiriu a necessária sazão para ocupar lugar inconteste entre os clássicos brasileiros. A obra de Juvenal Galeno não é clássica no sentido comum do termo, isto é, pela sua expressão estética ou pelos seus requintes psicológicos. É clássica, sim, porque através dela, como afirmou Araripe Junior:

> Ninguém melhor, nem com mais graça, tem pintado os costumes do rude lavrador, a vida do audaz e atrevido vaqueiro, ou a poética sorte do melancólico pescador; ninguém com mais delicadeza tem chegado a penetrar nos segredos do lar doméstico do pobre, e sabido com tanta destreza acompanhá-lo em suas felicidades ou torturas, em suas festas ou brinquedos; ninguém afinal já conseguiu esboçar com mais vivas cores as desgraças das ínfimas classes sociais, dessas vítimas inglórias da prepotência dos subdelegados, da ignorância das autoridades, e mais que tudo, do nosso desastrado sistema eleitoral.

É clássica, repito, porque é um documentário verídico de motivos urbanos e rurais, principalmente rurais, da vida cearense entre as décadas de 50 a 90 da centúria passada.

Daí ser necessária uma advertência preliminar ao leitor de Juvenal Galeno. Ele deve ser lido devagar e sem confundir o nosso tempo com o tempo dele, como aconselhava João Ribeiro que se fizesse no tocante aos velhos mestres da língua, para serem amados e entendidos.

Com efeito, quem percorrer os seus escritos com os vagares de ledor atento se depara com variadas surpresas.

Encontrará, de logo, um dos mais ricos mananciais da linguagem popular, com que Juvenal Galeno teceu a trama sonora de suas canções, entremeada de fios dobrados por Castilho. Achará nas estâncias, a dormir o sono da morte, pelo menos na área cearense, palavras que há um século viviam esplendidamente na boca do povo, ao lado de outras redivivas das tumbas do arcaísmo.

O estudioso dos fatos políticos verá que as mudanças na dinâmica partidária foram epidérmicas e que os problemas na essência continuam os mesmos. No passado, como hoje, o eleitor camponês só votava se lhe dessem roupa, calçado e dinheiro. Sofria a pressão dos donos de terra, dos credores e das autoridades. A corrupção imperava e os representantes do povo se vendiam em leilão. Desesperançado, o poeta agitava essa bandeira que pode passear pelas ruas e pelos agros nos dias correntes:

Nenhum governo me serve,
Tenha o nome que tiver,
Se entre o povo, com desvelo,
Educação não houver;
Se imperar o patronato,
Se a corrupção se exercer,

Se não houver liberdade.
E também moralidade
Nas figuras do poder!

O pesquisador social ou econômico, ao contrário daquelas, achará um mundo de paisagens mortas. Onde andam o guia da boiada, o topador, os cavalos e bois famosos? Quem dá notícia do esplendor dos cafezais nas encostas da Aratanha? Ali, ao tempo da apanha das rubicundas bagas, nasciam idílios à sombra de moitas festonadas de trepadeiras e perfumadas pelo jenipapeiro bravo. Na propriedade dos pais do poeta, Capanema recolheu esta quadra brejeira:

Quem tiver sua filha, ouça:
Não mande apanhar café,
Se for menina vem moça,
Se for moça vem mulher.

Não irei mais longe nessas análises. Deixo-as aos estudiosos, mormente aos de história social, pois Juvenal Galeno assimilando a musa popular, cunhando-a para a posteridade, aprendeu e sentiu como ninguém as dores, as alegrias e as esperanças do povo.

Seguirei outro caminho, o que me leva à musa chocarreira d'*A Machadada* e à graça leve e picante dos *Folhetins de Silvanus*. Não é tão trafegado quanto o das *Lendas e Canções Populares*, talvez pela urtiga que lhe bordeja as margens, talvez pelas aves palreiras que aí fizeram os seus ninhos.

Nos começos de 1859 chegou a Fortaleza a Comissão Científica, organizada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob o alto patrocínio de Pedro II. Trazia amplo programa de estudos e se compunha do que havia de mais seleto nos quadros científicos da Corte. O chefe, Francisco Freire

Alemão, granjeara renome europeu como botânico. Eram seus companheiros Guilherme de Capanema, Manuel Ferreira Lagos, Giacomo Raja Gabaglia e Antônio Gonçalves Dias, acompanhados de luzida turma de ajudantes que tomou de assalto os melhores salões da Capital. A comissão empolgou Fortaleza, cidadezinha de 10 a 15 mil habitantes. Os seus limites urbanos estavam contidos entre o Pajeú e a Senador Pompeu, até a igrejinha de São Bernardo. O resto eram as *areias* com os seus casebres de palha. O local em que ora estamos talvez fosse uma capoeira de pau-ferro e viçosos cajueiros.

Os rapazes qualificados da terra porfiaram em participar do convívio da ilustre companhia. Numa situação ímpar estava Juvenal. Três anos antes publicara, no Rio, os *Prelúdios Poéticos*, livro que o aproximou de Gonçalves Dias e consequentemente de Capanema, ambos amigos inseparáveis. A convivência envolveu para a intimidade com as frequentes estadas dos dois visitantes no lar dos genitores do poeta, no sítio Boa Vista, pendurado numa das encostas da Aratanha, a ouvir dia e noite o soluço manso do Boaçu, a despedir-se dos umbrosos recôncavos da serra.

Capanema, Gabaglia, Dias e seus ajudantes, resolveram montar casa, em rua que ignoro. Fugiam da disciplina monacal imposta por Freire Alemão na residência comum aos expedicionários. O presidente tinha sessenta anos e eles trinta. A nova moradia tornou-se famosa na crônica da época. Aí se realizaram ruidosos almoços e jantares, regados a bom vinho francês, alegrados por mulheres tímidas e ariscas, vindas das *areias*, a convite de Jacarandá, famoso oficial da força de linha responsável pela emboscada que assassinou o Major Facundo. Dessas comedorias (*Honni soit*...) participou Juvenal, que a acreditar-se no testemunho dos contemporâneos, era um garfo feroz. Ele mesmo, numa panelada, giza de si o seguinte instantâneo gastronômico:

E almocei como almoça quem tem medo
De entisicar...
Como quem neste mundo de misérias
Já não tem pretensões nem que esperar;
Almocei como almoça, em desobriga,
Quem se chama vigário e tem barriga.

Também manducava por ali de quando em vez o Padre Pompeu, o futuro Senador Pompeu, padre de grande saber e de pouca missa. Conheço uma carta de Gonçalves Dias convidando o Pompeu para um almoço, por sinal em dia de procissão. Prometia o cantor dos *Timbiras* comparecer ao ato religioso e lhe assegurava que a comezaina terminaria às 2 horas, com tempo suficiente para todos irem à igreja. Note-se, a título de esclarecimento, que os nossos bisavós almoçavam entre 8 e 9 horas. Tratava-se, por conseguinte, de refeição muito demorada, certamente interpolada de cenas alegres destinadas a ajudar a digestão. Para atrair Pompeu, Gonçalves Dias lhe mandava dizer que um dos vatéis era o engenheiro João Martins da Silva Coutinho, tão grande cozinheiro quanto geólogo. Lourejava um assado com a mesma perícia com que classificava uma rocha.

Por essa época Juvenal Galeno era alferes da Guarda Nacional, cujo comando, em Fortaleza, cabia a João Antônio Machado, expressiva figura política e administrativa. Gostava Machado de reunir os seus comandados em vistosas paradas, ao sol do logradouro principal da cidade, na Praça Pedro II, hoje do Ferreira, vasto areal semeado de mongubeiras. Nesse dia, os oficiais compareciam metidos em vistosas fardas, de espadas suspensas em boldriés bordados a cadarços de ouro. Suados, atochados nas vestes militares, com as reúnas a apertar-lhes os calos, faziam durante horas exercícios de ordem unida, sob as vistas e admiração de um povo que sempre cortejou a farda, não pelas responsabilidades que ela acarreta, mas pelo vistoso da indumentária.

Convocado a uma dessas revistas, comemorativa à passagem do aniversário da Constituição, Juvenal não compareceu. Preferiu ir comer um peru em companhia de Gonçalves Dias, Pompeu e Coutinho, na Lagoa Funda, onde Dias e Capanema haviam assentado tenda de trabalho ao regressarem da primeira grande excursão ao interior da Província. O peru custou-lhe seis dias de prisão do Estado-Maior da tropa. Vingou-se de João Antônio Machado, que mandou prendê-lo, escrevendo *A Machadada*.

A Machadada, diz o próprio autor, é um *poema fantástico*, nascido numa noite de insônia e de revolta. Encontro dificuldades em classificá-lo. Não sei se é uma gargalhada achincalhante, ou uma pancadaria agressiva e destruidora, ou as duas cousas reunidas. Há risos de desabafo e vingança e há silvos de chicote revoluteando no ar.

Os versos foram lidos por alguns amigos do poeta, que os espalharam pela cidade aumentando o fel e o vinagre neles contidos. O escândalo tornou-se rumoroso e as pessoas envolvidas na sátira movimentaram-se para que a versalhada não fosse publicada. Quase conseguiam o seu intento. Em manuscrito *A Machadada* teria perdido grande parte de seu efeito no tempo e no espaço e certamente não chegaria até nós, trazendo figurões fossilizados pelo ridículo.

Vejamos o retrato da parada, pintado a vermelhão:

Então houve silêncio por momentos,
Que os gingongos convida para o campo,
Onde deve brilhar, qual pirilampo,
Joãozinho, o maioral da grã-brigada,
Que devia marchar enlaureada!...
Todos correm pra forma, onde o sargento
Dos que faltam toma logo arrolamento,
Pois faltar — diz o João — é desaforo,

É coalhada que deve dar bom soro.
Formados todos são; os comandantes
Carrancudos, como velhos embirrantes,
Os alferes, tenentes, capitães,
Uns com caras de bolacha, ou de pães,
Puxam lisos facões, lustrosos ferros,
E entram logo em forma dando berros!
Tudo assim se prepara, após asneiras,
Muito grito e potoca, e baboseiras,
Entre bravos e briosos batalhões...
'Té que enfim lá desfilam os pelotões;
Vão num largo esperar — não um veado,
Nem cutia e preá, nem um queixado,
E sim o chefe João — homem de fama,
Que dizem não ser porco na lama,
Nem jumento também... e sim ilustre!
Na ciência e nas armas, grande lustre!
Nas letras — Boileau, Sue ou Dumas,
Nas armas — um Roldão, um Ferrabrás!...

Assim, tudo findou. A gingongada
Toda aflita pelos calos e suada,
Vai as depor... pôr-se a caminho
Enquanto o camelo, o tal Joãozinho,
Ordenando a prisão do pobre vate,
Que despreza mandões desse quilate,
Vai pra casa dizendo: tanta glória!
Perpétua ficará na pátria história!

Não se pode negar vida, movimento e cor a este desabafo pessoal. Perdoem, porém, o alferes. Tinha apenas 24 anos e sentia-se ferido em seus melindres. Jamais repetiria esse tipo de musa trocista.

A título de ilustração, desejo fazer duas achegas aos versos lidos. Neles encontram-se as palavras *gingongos* e *gingongadas*, hoje desaparecidas do nosso vocabulário popular. Deveriam ser comuns em 1860, data dos versos, egressas certamente das senzalas. Procurei as duas, mas não as encontrei nos dicionários de Morais, Aulete e Cândido de Figueiredo. Virão de *jingar*, andar bamboleando o corpo, que por sua vez parece derivar de *jinga*, negros congueses que andam desse jeito? Não sei. Entrego o problema aos filólogos.

A outra é quanto a camelo. Todos sabem que camelo é sinônimo de indivíduo tapado, estúpido. Mas em *A Machadada* tem sentido diverso. João Antônio Machado, que ali aparece tantas vezes como camelo, possuía relativa cultura. Filho de família abastada, fora educado em Portugal. Não lhe cabia, portanto, o pejorativo, porque de fato não o merecia. O poeta aplicava-lhe o epíteto por moda daqueles dias. No ano anterior, em julho de 1859, chegaram a Fortaleza, vindos de Argel, 12 dromedários, ou camelos como passaram a ser chamados. Foi enorme o alvoroço na cidade à vista de tão esquipáticas alimárias. Os bichos corriam espantados quando os viam. Os comboios dispersavam-se, com os animais aos galopes, entrando pelos matos. Os meninos choravam assombrados. Muita gente se benzia e batia as portas diante da insólita aparição, a que o povo no seu espanto e ingenuidade, chamava de *anticristo*. Camelo, daí por diante, passou a ser uma expressão aplicada ao fenomenal, porém ao fenomenal ridículo.

Em 1863 apareceu em Fortaleza o jornal *A Constituição*. Dizia-se representante das ideias do partido conservador adiantado, o que nos leva a admitir, com certa graça, a existência de um partido conservador atrasado. Dispunha, como os outros, de reduzidíssimo público ledor, mas em certo momento ultrapassou-os em circulação, graças aos *Folhetins de Silvanus*.

Que eram estes Folhetins?

Eram comentários em versos com chiste, graça, agudeza e malícia dos acidentes e incidentes da vida de Fortaleza, feitos por Juvenal, que por algum tempo se escondeu dos leitores se servindo do nome de *Silvanus*.

Eis aí um quadro da vida mundana da cidade a transformar-se:

O Bom-Tom...

Noutras eras a dona, sendo honrada,
Era séria na rua...
Morreria chorando de vergonha
Se lhe vissem, meu Deus, — a perna nua!
Mas, hoje saia ajeita, e... mostra a perna...
E ri-se em alto som...
Os olhos requebrando para os homens...
Seja moça, casada, ou seja velha...
São cousas... do bom tom!

É Dom Paio e Dona Sancha que vão à Europa. Tudo igualzinho aos dias correntes. Vejamos a chegada, as impressões que causam e transmitem aos amigos embasbacados:

Dom Paio

. . . . . .

Voltaram, sim! Mas, chegaram
Mudados completamente!
Outros modos, outros trajos,
Linguagem bem diferente!
A ausência durou seis meses,
Mas, voltaram mais franceses

Do que o próprio Paris!
Não conhecem mais goiabas,
Nem pitombas, nem mangabas...
Chamam — *ginja* — os muricis...

Falam em peras e morangos...
— Ai, Paio, e aquelas maçãs? —
E conta Sancha a propósito
Três anedotas louçãs...
Das uvas... que infinidade!
— Esta é melhor qualidade...
— Daquela menos gostei...
E passam das várias frutas
Aos salmões e frescas trutas:
— Cousa igual nunca encontrei!

E viram Sintra... Descrevem
A casa de Dom Fernando...
E os Arcos das águas livres...
E o Tejo... E vão viajando...
Eis a — *Villa Coronada!*
Madri — assim é chamada;
Entram na *Puerta del Sol!*
— *O Prado!* — diz Sancha ufana...
— Ai, *Fuente Castellanna!* —
— Ó lindo reino espanhol! —

A cada estrangeiro falam
Das cousas de sua terra;
Se ingleses — entre a cerveja —,
Mais não largam a Inglaterra;
Se é d'Itália: — Ai, o Vesúvio!
— De belezas que dilúvio! —

Gaba Sancha o macarrão;
Que discurso, não pequeno,
Sobre os castelos do Reno,
Topando com alemão!

Eis, chegam à terra dos sonhos...
Paris!... Paris!... Ideal!...
Qu'importa a torre de Pisa?
De Estrasburgo a catedral?...
De todas trazem retratos,
Que lá compraram baratos,
Tudo vendo... e vendo tudo!
Mas, Paris, em prosa e verso,
— É a Corte do universo!
Exclama Paio a miúdo.

E repetem na conversa,
Em vez de — sim, muito *oui!*
Monsieur... mon cher... madame...
Muitas vezes o — *merci!*
Diz Sancha: — *Mademoiselle*,
Que bolo em *Bonne Nouvelle...*
Gallette!... que bolo bom!
Eu, menina, todo o dia,
No *boulevard* o comia...
São cousas lá do bom tom!

Em Paio qu'entusiasmo,
Só no *Mabille* a falar!
Descreve a *poule converse...*
Descreve *le grand écart...*
Das *cocottes* não se esquece,
Por elas quase enlouquece

Em ceias no *Grand Helder!*
No *Chateau Rouge*, que danças!
Ai, que alegres contradanças
Lá no baile *Bouillier!*

E Sancha mostra às visitas
Modas novas, *toilettes*...
Enquanto o Paio apresenta
Calças, fraques, e coletes:
Tudo... das casas primeiras...
Das modistas verdadeiras...
Do melhor que Paris tem!
— Isto custa francos tantos! —
— Que *chic*... primor... encantos...
Nunca igual trouxe ninguém!

Depois Sancha comovida
Fala em *ducha*, ou *russo banho*...
Mas, curou-se da *nevrose*...
Mas, aí, que susto tamanho!
E às *Águas* foram... qu'é moda
Nas gentes da grande roda
Ir às *Águas minerais*...
Meninos, homens, mulheres,
Tomam banhos ou clisteres,
Das *Águas medicinais*!...
. . . . . .

Há um retoque a fazer. A sátira tem endereço certo e amargou mais a Juvenal do que aos farpeados pela sua malícia.

Dona Sancha existiu e se chamava Maria da Justa. Senhora de peregrina beleza física e moral, invejavelmente educada, rica de pecúnia, foi a grande paixão da mocidade do poeta. Era

sua prima. Amou-a perdidamente. Porém Maria da Justa se casou com o aristocrata Luis Seixas Correa, o Dom Paio da sátira. Não foi sem motivo que Juvenal contraiu matrimônio aos 40 anos, no dourado entardecer que preludia a velhice. Casou-se quando se apagaram as chamas do incêndio que consumiu os bosques florentes de seu coração de moço e fez brotar da coivara, sobre as cinzas daquele, outro amor que lhe engrinaldaria a vida de jasmins e bem-me-queres.

Ainda não se fez com a devida profundidade o estudo crítico, em corpo inteiro, da personalidade de Juvenal Galeno como poeta e escritor. Há a seu respeito uma bibliografia bastante grande, mas de natureza partitiva. Apreciaram algumas faces do cristal, mas a gema não foi aquilatada em seu conjunto. É um tema a desafiar a argúcia de crítico novo, voltado para as cousas brasileiras, e bem poderia servir de motivo a uma tese de doutoramento ou licenciatura em uma das nossas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. Fica aqui a lembrança e espero que ela não caia no vazio.

Juvenal Galeno é único na literatura cearense e não se repetirá.

Renato Braga

Estas verdades singelas,
Sem artifício e conceito,
Pode-as ler qualquer sujeito;
E, se vir que alguma d'elas
Lá pela roupa lhe toca,
Tape a boca

. . . . . .

. . . . . .

Se às vezes traz a verdade
Algum dissabor consigo,
Aquele, que das que digo
Não mostrar nunca vontade,
Tenha ao menos por prudência
Paciência.

P. CABRAL, abade de Jazente

Cavaco

Todo mundo se recorda da impressão que, no público desta capital, produziram os *Folhetins de Silvanus*. Todos se lembram daquela fina crítica dos nossos costumes, dos nossos hábitos, tão habilmente observados, tão espirituosamente descritos.

Era, a esse tempo, a *Constituição* a folha mais procurada e mais lida, e o segredo dessa procura estava nesses vívidos folhetins escritos em verso correto e vibrante, nos quais gostava o público de se rever em alegres caricaturas, inofensivas, mas implacáveis, a dizer as mais cruas verdades, castigando a golpes de hendecassílabos e a grandes surriadas, as misérias das instituições, as falhas dos caracteres, a santidade dos hipócritas, os rebuços da moral.

Monstruosamente indiscreto esse Silvanus, que ninguém conhecia, que não se sabia quem era!... Como dizia, alto e rindo, as cousas que via e que observava, cousas que todo mundo observava e via, mas que, por vergonha ou interesse, calava! Que habilidade de ir, como um mergulhador audacioso, direito ao fundo dos pensamentos e dos corações, metido no impermeável escafandro do seu critério seguro, e de lá repelir, a ferreteadas de ironias e sarcasmos, a bicharia hedionda que ali mora! Como vexava o hipócrita, atordoava o ridículo, chalaceava o presunçoso nos seus recachos amaneirados, e palmatoava o pedante!...

Que Silvanus terrível, que Silvanus medonho! Que insigne Silvanus!

E ninguém se rebotava de ler essas boas sátiras irônicas.

Por toda parte viam-se bocas meio risonhas, e meio irritadas, soltarem interjeições que lhes arrancava o espinho de cada verso, a surpresa de cada página.

E o mais notável é que o feiticeiro, o diabólico Mefisto, que de tudo se ria, continuava oculto, numa ironia imensa, por detrás e um nome que era, por si só, uma filosofia inteira — Silvanus.

Era um habitante da floresta, um hóspede da montanha que, como o antigo Deus das solidões, vinha, a cada momento, surpreender as consciências à beira do caminho do proceder...

Soube-se afinal donde provinham esses folhetins: eram irmãos das *Lendas e Canções Populares*, da *Lira Cearense*, das *Cenas Populares*; vinham da mesma fonte donde nasceram aquelas saudosas canções, assimiladas, com tanto talento e sentir, dos singelos cantares do povo cearense.

O nome de Juvenal Galeno, do mais festejado poeta do norte, vinha confundir-se com o de Silvanus; e este fato era a confirmação de que aquela privilegiada inteligência tinha o dom peregrino de assumir todas as formas da poesia, desde a lenda ingênua do sertanejo rude e do pesado mesteiral, até os mais enaltecidos assomos da grande arte, de que só são capazes as mais valentes envergaduras.

O Béranger se transformava em Boileau; ou antes, o Juvenal ressurgia em... Juvenal, e a flama divina de Marcial vibrava nos versos do cancionista.

Em vista, pois, do grande merecimento dessas sátiras, transcritas em muitas folhas do país; na esperança ou certeza de prestar um valioso serviço às pátrias letras, empreendemos dar-lhes uma edição definitiva, com autorização do autor, que generosamente prestou-se a auxiliar-nos nesse propósito.

Publicadas, como foram, em folha diária, dificílimo se torna já hoje o leitor compulsar coleções para relê-las, ou ter dessas sátiras uma ideia mais exata. Reunindo-as em volume,

remediaremos o inconveniente e prestamos muito útil serviço ao público ledor, a quem, de resto, nada temos a pedir em favor da obra do eminente poeta, pois estamos convencidos de ocorrer a uma necessidade daqueles que felizmente ainda não desamam as boas cousas da inteligência.

Fortaleza — 1891.

Os Editores.

NOTA: Os Editores foram Cunha, Ferro & Cia, da Tipografia Universal.

PRIMEIRA PARTE

— Versos de Silvanus —

O Luxo

O luxo, o luxo!... Eis a lepra
Que lavra pela cidade,
Com tamanha intensidade
Que mata ricos e pobres
Sem trégua... sem piedade!...
Por toda parte os bazares,
Armazéns de borundangas,
Os fiteiros de miçangas,
Trapalhadas do bom-tom;
E tudo caro... bem caro...
Ninguém pergunta se é bom.

Aqui mobília europeia,
À *Luis quatorze* talvez...
Cadeiras de assento fofo,
Ou d'outro modo francês;
Sofás de esquisito encosto
Consolos de mármor'... e gosto,
Bidets de nova invenção!...
Que bonitos guarda-roupas,
Que terrinhas para sopas,
De espelhos que profusão!

De Sevres, — as porcelanas:
Que lindas venezianas...

Que primorosos cristais!
— Repare, senhor, atento,
N'este par de castiçais;
Que paliteiro... é portento...
Os jarros, eu não invento,
São de Paris a expressão! —
Que belos quadros! A gente
Como que fica demente
Na brilhante exposição!

Ali... vastos formigueiros,
Nos esplendentes balcões,
De damas e cavalheiros
Vendo da moda os fustões,
As sedas, as popelinas,
Casemiras, gazas finas,
Chamalotes, gorgurões...
— Não quer, sinhá, as botinas?...
— Repara, Dondom, no salto,
Tem quatro dedos... tão alto...
— É moda, ó, minha senhora!
— É moda?! — Que sobressalto!
— Não quer de rosa os festões?...
— Compre este corte de seda...
— Mas, parece desbotada...
— Ora, a cor da folha seca
É hoje a cor mais usada!
— São curtas demais as ligas?...
— Queria um cinto... não digas...
— Que delicado fichu!...

— Olha ali... não vês aquilo?
Me parece um camisu! —
Quantos bordados e tranças...
Quantas rendas de Bruxelas...
'Té roupinhas de crianças,
Engraçadinhas, singelas!
— Tem novos punhos? — Pois, não!
— Mostre espartilhos e leques...
— Compre o fraque, ó, capitão!
— Pede gorros, gravatinhas?
Ainda há pouco, senhoras,
Desarrumei do caixão! —
E logo mostra às freguesas
Perfumarias francesas...
De Paris as miudezas,
De — nadas... mais d'um milhão!

Além... o Éden das joias!
O Jaques, o Mesiano...
Onde a rola deixa as penas,
E o bico deixa o tucano:
Os tentadores brilhantes,
Os topázios amarelos,
Esmeraldas fascinantes...
Os adereços mais belos!
Quanto alfinete esplendente...
Que brincos e caçoletas...
Quanto relógio e corrente...
Quanto anel nas tabuletas!
Agora tudo tem letras,

De seu nome a inicial;
Ou nos dedos ou pescoço,
Ou no relógio, — que moço
Não traz a marca ou sinal?...
Que bonito guarda joia...
Que pulseiras de jiboia,
Feitas do rubro coral!
Brilha a prata nas colheres...
Que faqueiros, que talheres...
Que primores de metal!
Ó, fugi... fugi, mulheres,
Qu'isto entontece... e faz mal!

Mais além — da gula o templo,
Da venda o gordo balcão:
Queijos de prato ou londrinos,
Os presuntos superfinos,
Amêndoas, passas e figos,
Conservas, batata em gigos,
Cebola, ervilha, azeitonas,
Dos cavalheiros e donas
Reclamam muita atenção!
Morcelas, linguiças, paio,
Groselhas, damascos, pera...
Não há quem diga: — Não caio! —
Pois, cai... embora não queira!
E apronte logo a algibeira,
Que os vinhos não zombam, não:
Madeira, Porto e Lafitte
Fazem bem à digestão:

Quem não tiver apetite,
Absinto ou *bitter* então...
E um copinho de cerveja
É melhor do que cereja
Para qualquer rouquidão;
E para acender amores,
De Paris doces licores,
Cartuxa, anis, curaçau...
Meu Deus, meu Deus, quem resiste?!
Só quem não tem um tostão!
Quem não começa na mesa
Por sopa de macarrão,
E não finda a sobremesa
Com moscatel do mais fino,
Ou café com marrasquino?...
Só quem não tem um tostão!...

E perto daquele abismo,
Também de luxo e dinheiro,
Lida com todo o cinismo
O tipo cabeleireiro!
Faz coques, cachos e tranças,
Pouf zephir... madalenas...
Chinós p'ra velhos-crianças...
Põe ferros no fogareiro,
Que vai fazer os frisados,
Encrespando os estirados,
Ou estirar enroscados,
Conforme a casta... o freguês!
Depois prepara as tinturas

De fabricar formosuras,
Sorrindo de quando em vez:
E mãos à obra... ó, prodígio!
Dos anos tira o vestígio,
Faz do velho um rapazinho,
E a matrona jararaca
Transforma n'um belo anjinho!
Já contando historietas,
No meio de piruetas,
Dos cabelos muda a cor...
E of'rece seu sortimento:
Para calvas — enchimento.
Para sarda — um linimento
Que chama — *mel do pudor!*
Pomada, muita pomada...
Sorrindo da palhaçada,
De seu mendaz esplendor.

Não longe mais outro pouso
Do luxo, moda ou capricho;
Mas, descrevê-lo não ouso
P'ra não tornar-me prolixo:
E nos ditos sorvedouros,
Quer sejam cristãos ou mouros
S'imergem filhos e pais!
Neles gasta num só dia
Toda a sua economia
Se quer casar-se o rapaz;
Pois deve mostrar à bela
Rica mobília e baixela,

Casa de gosto e primor...
Despensa farta e sortida;
Que teme a língua comprida
Do conviva falador!
Embora tome emprestado,
Em breve, para o bocado
Que a fome pede... ao amor!

Também neles o empregado
Despeja o seu ordenado,
Depois se agarra ao fiado,
Tornando-se um caloteiro...
E o pelintrinha caixeiro,
Que, de fraque e de luneta,
Da loja a santa gaveta
Visita com devoção...
Por sua vez o patrão,
Na grande barca — opulência,
Chega ao torpedo — falência,
E estoura como canhão!
Enquanto a safra vindoura
Lá vende a pobre lavoura...
E até a tola viúva,
Da febre no desvario,
De seu defunto marido
Hipoteca o montepio!

Falemos mais sério: — Ó, luxo,
De quanto infortúnio és pai!
Muitas vezes, que vilezas...

Crimes até!... Nas torpezas
Se aquele penetra e vai...
— Ai, de ti, mulher vaidosa! —
Aquela tropeça... e cai!

Vaidades... quantas vaidades!
Não vedes, loucas deidades,
Que vosso pai, vosso esposo,
Já trabalham sem repouso
P'ra tantas leviandades!...
Quanto suor e cansaço
Não custou a fita, o laço...
Esse enfeite que faz rir?!
Essas pompas, essa mesa...
Esses trastes à francesa...
Essa joia... essa lindeza...
Quantas noites sem dormir?!
Pensai, chefes de família:
Não custa menos vigília
Simples, modesto existir?!
E dando tantos cuidados
Aos supérfluos e escusados,
Não deixais abandonados
O necessário... e o porvir?!

Pensai, humanas cabeças!...
Mas, quem se quer corrigir?!

Dom Paio

— Dom Paio voltou da Europa!
Da praia subiu no bonde...
E os amigos correm todos...
— Dom Paio?! — Já vem! — Aonde?! —

Desde há muito Dom Paio desejava
Passear em Paris, passar a Mancha;
Que sonhos não sonhava
Ao lado da consorte Dona Sancha!

Lia então muitos livros de viagens,
Os *Guias* de conversa e viajantes,
Antevendo, em miragens,
Lindezas, entre gozos, fascinantes...

E da volta o prazer principalmente!
Sanchinha afrancesada e mais esperta...
E o povo, e toda a gente
A fitá-los, meu Deus, de boca aberta!

Que muda a condição quem passa a linha,
Quem extremos contempla da beleza!
Quem fresca, a sardinha
Em Nantes almoçou sentado à mesa.

Que figas não faria Dona Sancha,
Na volta, às soberbonas da cidade?!
Ufanas e toda ancha,
Lançaria muito olhar de caridade!

E sonhava o casal, — ambos sonhavam
Nesse longo passeio além dos mares...
Os cobres seus contavam...
Mil castelos fazendo pelos ares!

Decidiram-se alfim! Marcou-se o dia...
Despediram-se então do mundo inteiro!
Sancha a todos dizia: —
Por vontade ia só do companheiro!

Ninguém faltou, ninguém! Mas, como é uso...
Botaram nos jornais uma desculpa:
— "Partindo hoje no *Luso*...
A presteza... *etcetera*... não foi culpa!"

E, olhos gotejando um pranto imenso,
Os amigos abraçaram lá na praia...
Depois no ar o lenço...
Que saudades, meu Deus! Sancha desmaia!

Mas, já voltaram da Europa!
Da praia sobem no bonde...
E os amigos correm todos...
— Dom Paio?! — Já vem! — Aonde?! —

Voltaram, sim! Mas, chegaram
Mudados completamente!
Outros modos, outros trajos,
Linguagem bem diferente!
A ausência durou seis meses,
Mas, voltaram mais franceses
Do que o próprio Paris!
Não conhecem mais goiabas
Nem pitombas, nem mangabas...
Chamam — *ginja* — os muricis...

Falam em peras e morangos...
— Ai, Paio, e aquelas maçãs? —
E conta Sancha, a propósito
Três anedotas louçãs...
Das uvas... que infinidade!
— Esta é melhor qualidade...
— Daquela menos gostei...
E passam das várias frutas
Aos salmões e frescas trutas:
— Cousa igual nunca encontrei!

E viram Sintra... Descrevem
A casa de Dom Fernando...
E os Arcos das águas livres...
E o Tejo... E vão viajando...
Eis a — *Villa Coronada*!
Madri — assim é chamada;
Entram na *Puerta del Sol*!
— O *Prado*! — diz Sancha ufana...

— Ai, *Fuente Castellana*!
— Ó, lindo reino espanhol.

A cada estrangeiro falam
Das cousas de sua terra;
Se ingleses, entre a cerveja,
Mais não largam a Inglaterra;
Se é d'Itália — Ai, o Vesúvio!
— De belezas que dilúvio! —
Gaba Sancha o macarrão;
Que discurso, não pequeno,
Sobre os castelos do Reno,
Topando com alemão!

Eis, chegam à terra dos sonhos...
Paris!... Paris!... Ideal!...
Qu'importa a torre de Pisa?
De Estrasburgo a catedral?...
De todas trazem retratos,
Que lá compraram baratos,
Tudo vendo... e vendo tudo!
Mas, Paris, em prosa e verso,
— É a Corte do Universo!
Exclama Paio a miúdo.

E repetem na conversa,
Em vez de sim, muito *oui!*
Monsieur... mon cher... madame...
Muitas vezes o — *merci*!
Diz Sancha: "*Mademoiselle*,

Que bolo em *Bonne Nouvelle*...
Gallette!... que bolo bom!
Eu, menina, todo dia,
No *boulevard* o comia...
São cousas lá do bom-tom!”

Em Paio qu’entusiasmo,
Só no *Mabille* a falar!
Descreve a *poule converse*...
Descreve *le grand écart*...
Das *cocottes* não se esquece,
Por elas quase enlouquece
Em ceias no *Grand Helder*!
No *Chateau Rouge*, que danças!
Ai, que alegres contradanças,
Lá no baile *Bouillier*!

E Sancha mostra às visitas
Modas novas, *toilettes*...
Enquanto Paio apresenta
Calças, fraques e coletes:
Tudo... das casas primeiras...
Das modistas verdadeiras...
Do melhor que Paris tem!
— Isto custa francos tantos! —
— Que *chic*... primor... encantos...
“Nunca igual trouxe ninguém!”

Depois Sancha comovida
Fala em *ducha* ou *russo banho*...

Mas, curou-se da *nevrose*...
Mas, ai, que susto tamanho!
E às *Águas* foram... qu'é moda
Nas gentes da grande roda
Ir às *Águas minerais*...
Meninos, homens, mulheres,
Tomam banhos ou clisteres,
Das *Águas medicinais*!...

. . . . . .

Depois... Os recém-chegados
Deixam de ser novidade;
Não mais se fala em Dom Paio,
Não mais na cara-metade...
Que novos Paios reclamam
As atenções da cidade!

Noite da Cidade

I

É noite... O suor do povo
Arde nos bicos do gás...
Santelmo em cima dos mastros,
No meio dos temporais...
Mas, nas ondas da cidade,
Das paixões na tempestade,
Entre o vício, entre a vaidade,
Bonança, certo, não traz!
Aquelas flamas trementes
São do campônio as sementes,
Ou tochas de funerais...
Que se prepara um enterro;
E os sisudos combustores
São do Fisco os exatores
Com suas velas na mão;
E a defunta agricultura
Já botaram no caixão...
De que morreu, se pergunta;
Da medicina uma junta
Responde — que de anemia;
Que os morcegos dos impostos
A sangravam todo o dia;
Que estradas *ferruginosas*,

Banhos de açude, água fria,
Debalde a triste pedia...
E o maldito do governo,
Ouvindo a triste, se ria!
Depois amputou-lhe os braços...
Ai, que tremenda agonia!

II

Sentado à porta em que pensas,
De família, ó, pobre pai?...
Pensa na vida apertada,
Às vezes soltando um ai...
Lembrando a todo o momento
Aquele açougue sangrento,
Que do dia ao nascimento
Flagela-o sem descansar...
Que um mês de casa é vencido,
E não tem com que pagar;
Que enferma a sua Marica,
Mandando sempre à botica,
Faz uma conta sem fim;
E já lhe pede um vestido
A filha, seu querubim,
A graciosa donzela,
Que, debruçada à janela,
Cochicha, ri-se e namora
Com seu amado Romeu,
Apesar do velho... Embora!
O papai não tem ouvido,

Que ela precisa marido,
E ele... de um Cirineu!

III

Nas lojas passam revistas
Muitas senhoras gentis;
Uma procura bordados,
Outra linhas de Roriz...
Mas o fim dessas beldades
É ver talvez novidades
Que chegaram de Paris:
Chapéus de novos feitios,
Novas sedas e atavios,
Que o lojista anunciou;
Fazendas nunca aqui vindas,
Cetinetas, cores lindas,
O mais que a moda inventou:
Ei-las tudo examinando,
Que os caixeiros vão mostrando...
E o esposo, ou pai miserando,
Ai, não longe, murmurando:
"Meu Deus, meu Deus, compaixão!
A moda jamais descansa:
Quanta cousa vem de França
P'ra nossa desolação...
Que será de mim, coitado?
Com meu pequeno ordenado
Serei decerto afogado
Na medonha aluvião!"

E geme, que ouviu a esposa
Já pedindo à *Mariposa*,
E à filha o caro fustão...
Qual geme o burro cansado
Da carroça, arrebentado,
Seu fero algoz escutando,
Que já fala em muita carga
D'um vapor que vem entrando.

IV

Perto, à luz dos candeeiros,
Na taverna, os cachaceiros
Recostados ao balcão;
Enquanto, lá bem no fundo,
Numa sala oculta ao mundo,
Os homens de posição,
Conhaque, cerveja, vinho
Bebem, *matando o bichinho*,
Como a plebe do balcão...
Outros nas casas de jogo,
Da cobiça ardem no fogo,
O pão da prole a queimar...
Muitos agora se ocupam
Em baixa politicagem,
Na mais infame linguagem
Seu contrário a difamar;
Em rodas feitas na rua,
Dele a vida pondo nua,
E os segredos do seu lar:

A gargalhada arrancando,
Mentindo, caluniando,
Qu'entendem que só matando
Podem viver... e gozar!

E deles, depois, ai, quantos
Não vão doenças comprar
Naquele paul infesto
Que se chama lupanar?!
Ali dos homens a vítima,
Dos vícios na ebriedade,
Espera a sociedade
Para vingar-se cruel;
E arteira como a hiena,
Os moços mata sem pena,
E os casados envenena,
Vendendo dores e fel...
Da pátria murchando a esp'rança,
Do lar furtando a bonança...
Festeja um riso a vingança,
Qual da cobra o cascavel.

V

Além choram criancinhas,
Em rica alcova forrada,
Uma na cama deitada,
Duas rolando no chão...
Aquela geme doente,
As outras gritando estão:

— A mamã deixou a gente...
— Nem Teresa aqui mais, não...

E a mamã não pode ouvi-las,
Que foi ao clube, e lá dança,
Deixando os filhos entregues
À uma ama de confiança:
— Teresa, toma sentido... —
Cuidados ela afiança:
“Dá remédios à Julinha,
Qu’está com febre e rouquinha;
Arruma logo os meninos:
Não saias da camarinha...”
E sem ouvir os filhinhos,
Que gritam: “Vem cá, mamã...”
Da botina ergue os saltinhos,
E sai sutil e louçã...
Toda fragrante e vaidosa,
Que vai mostrar, donairosa,
Um vestido cor de rosa,
Qu’enfeita desde a manhã...
Sem ouvir a voz gemente:
— A mamã deixou a gente...
— Meu Deus, cadê a mamã?...

E a fiel ama Teresa
Logo o menino ameaça
P’ra que barulho não faça...
Belisca-os até, meu Deus!
E depois, toda enfeitada,

Fecha a porta e desce a escada,
Vai conversar na calçada
Com seu querido Mateus!
E os meninos?... Coitadinhos...
Ó, vinde do céu, anjinhos,
Niná-los nos leitos seus...
Enquanto a mãe pinoteia
Numa valsa, ou balanceia
Nas contradanças, ó, céus!
Vaidosa do seu enfeite,
Imersa no seu deleite,
Sem lembrar-se que o seu leite
Longe um filho pede em vão...
Qu'ela é mãe e seus filhinhos,
Ai, deixou pela função;
Que dará contas um dia
A Deus... de sua missão!

VI

É tarde... tudo silêncio!
Apenas late o rafeiro,
Dizendo que o ratoneiro,
Demandando o galinheiro,
Salta o muro dos quintais!
Canta o galo no poleiro;
E o porquinho forasteiro
Passa na rua altaneiro,
Sem receio dos fiscais.

Dorme a ventura, a inocência...
Vela o infortúnio, o pecado...
Quantos mistérios, ó, quantos,
Das casas sob o telhado!
Aqui suspira a donzela,
Toda amorosa e singela,
Sonhando em seu namorado;
Ali baixinho 'inda rusga
Mais d'um tipo mal-casado...
Penoso geme o enfermo,
Ou da vida chega ao termo,
Da medicina zangado...
Enquanto dormir não podem,
Pela fome enfraquecidos,
Dinheirosos avarentos
Ou mendigos esquecidos.

Quantos mistérios, sim, quantos!
Mas, no meu leito, senhores,
Que doce sono me espera
Debaixo dos cobertores!
Por isso, adeus... Boa noite...
'Té outro dia, ó, leitores.

O Lelê

Um lelê de mulheres!? Quem não teme...
Quem nele não se viu, quem não se vê?
Desconhece-o, leitor?... Pois, ouça e fuja
Desse lelê...

Sai o homem para as lidas,
Para os trabalhos do dia,
E a paz deixa em companhia
De sua esposa no lar:
Demônios largam seus antros...
E a prima, comadre ou tia,
Na mais ruidosa folia,
Se enfeitam, vão passear...

E entram no seu Éden... que surpresa!
Que alegre palestrar!
Depois o segredinho envenenado...
Da velha o cochichar...

E quando volta o ditoso,
No fim do dia ou da lida,
Para, na sombra querida,
Entre mimos, descansar...
Encontra logo na porta
De sua consorte a tromba...

Santo Deus! qu'imensa bomba
Em breve vai estourar!

E as madeixas divisa desatadas...
E as vestes de seu bem...
E a mesa do comer sem a toalha
E sem pratos também...

Então que sustos não sente!
Não quer a esposa encará-lo...
Foge mesmo de fitá-lo,
Olhando só para o ar!!
"Ó, gentes, porque te encontro
Com estas faces em brasa?...
Que houve, menina, em casa?...
Por que, menina, a chorar?..."

Nada mais é mister — cai a borrasca...
Desaba o temporal!...
Ruge o vento na selva, e grossa chuva
Inunda todo o val!

E o homem, quando esperava
De seu anjinho a ternura,
Ai, topa de cara a cara
Com boa descompostura!
E as ironias flamantes,
E os ditozinhos picantes,
Isto em todos os instantes!
Seja dia ou noite escura!

E debalde pergunta o desgraçado:
"Ora, dize, por quê?
D'onde parte a calúnia, a vil intriga,
Esse infame lelê?"

Mas, duvido qu'ele saiba!
Pois nesse tremendo enredo
A mulher guarda segredo,
E na defesa não crê!
Duzentos anos que viva...
Há de durar essa história;
Não a risca da memória...
Nunca se acaba o lelê!

Se por velho se torna intermitente...
Não deixa de existir;
Quando o homem julgava-o já extinto,
Ei-lo audaz a surgir!

E até no meio das festas
Uma alusão a respeito...
Até nas sombras do leito
Um ditozinho com fel...
E a risadinha ferina
Em qualquer ato da vida...
Na esposa sua querida
Vendo um demônio cruel!

Não há nada, não há, que a dissuada,
Que mude o seu pensar;
Pois longe do marido ganha forças
Em novo cochichar!

E no cochicho o motejo
Passa à amiga enredeira...
Desta passa à cozinheira...
Tudo cochicha entre os seus!
E ouvindo sempre cochichos...
O homem desesperado
P'ra rua corre, aterrado,
A morte pedindo a Deus!

E nas ruas encontra o bom parente,
O seu amigo bom,
Que lhe fala no caso cochichando
Naquele mesmo tom!

E o que resta, pois, ao homem?
Cometer um crime horrendo?
Dar um escând'lo estupendo?
Ou fugir p'ra longe, enfim?...
Não pode fazer tais cousas!
Sempre enredado, gemendo,
Vai pouco a pouco morrendo,
'Té que se livra por fim!

. . . . . .
. . . . . .

Um lelê de mulheres!? Quem não teme?
Quem nele não se viu, quem não se vê?
Desconhece-o, leitor?... Pois, olhe, mata
Desses anjos de saias um lelê!...

Os Novos Sábios

I

Ei-los, na rua esplendentes,
Os sábios desta cidade,
Alguns ainda recentes...
Nos olhos a piedade,
Nos risos a compaixão,
Ouvindo dizer o povo
Qu'existe Deus, houve Adão,
Que das Santas Escrituras
É mãe a revelação! —
Do vulgo tamanha inópia
Faz decerto compaixão! —
Pois os sábios da cidade
Estudaram tanto... até
Que d'um lapo deram cabo
Da pobre velhinha — Fé!...

Prova o Neves plenamente
Que não há um Deus potente,
Que Deus não é... o que é;
Que Céu não há, nem Inferno,
Nem alma, nem purgatório...
Que é tudo invento irrisório!

Jesus — um mito ilusório,
Assim como o Padre Eterno!

O Silva não chega a tanto!
Mas diz que não há razão
Nem para dizer que sim,
Nem para dizer que não!
Que talvez exista Deus...
Que talvez Deus não exista;
Que uma alma nunca foi vista...
Pode ser que a tenha, ou não!
E que é um... positivista,
Não tem, pois, religião:
Esp'rito forte, que ri-se
De mim, que vou ao sermão...
D'antigas crenças e usos,
Que chama superstição!

O Costa acrescenta um pouco...
Afirma, coçando o caco
Que o homem não é senão
Nova edição do macaco!
Do bicho — continuação —
Ou da raposa, ou do cão!
Que morrendo vira estrume,
Que produz muito legume,
Batata, milho, algodão...
Que nesta vida tem pulgas,
E n'outra nos dá feijão!

E mais cousas luminosas...
Tantas... dizem no falar...
Que livros escreveria
Quem as fosse copiar:
Mas, são cousas que arrebatam!
Pois Deus depressinha matam,
Sem que Ele possa gritar!
E os santos? Nem mais falemos!
Acabaram 'té os demos...
Alma, Céu, Inferno, altar!

— Ó, talentos sublimados!
Abortos de inteligência!
Ó, crânios iluminados
Pelo sol da sapiência!
D'um verme parvo e rasteiro
Aceitai — é verdadeiro —
O preito da reverência!...

II

— Bons dias, prima...
— Bons dias...
— Teu Neves como passou?
— Vai melhorzinho, obrigada...
A Virgem Santa o salvou!"
— Graças a Deus!... olhe, prima,
Pois tive medo que o Neves
Morresse sem confissão!
Como sabe, ele era incréu,

Não ia à missa, ao sermão,
E não tirava o chapéu
Quando via a procissão!

— É certo, prima, não nego!
Deus sabe quanto eu rezava
Pela sua conversão...
Mas no dia desse ataque...
Ataque do coração,
Soluçava arrependido
Meu pobrezinho marido...
Que vexames, que aflição!
Gritando: "Valha-me a Virgem,
A Virgem da Conceição!"
E pedindo logo um padre
Para ouvi-lo em confissão!

— O mesmo me aconteceu
Lá por casa... O meu Silvinha,
Parece, se arrependeu!...
— Ai, gentes... o teu menino
Era dos tais... do Liceu?!"
— E também do Gabinete,
Onde lia o diabrete
Tantas cousas... que sei eu?!
E ficou de fazer dó!
De sábio, quase maluco...
Às vezes falando só!
— Ó, priminha, isto é verdade!
E dizia na cidade,

Ai, cada barbaridade
Contra as almas, contra Deus...
— Pois, olhe, não era falta
De muitos conselhos meus...
— E, prima, d'exemplos seus...
— Mas foi, prima, castigado
Há três dias do seu erro,
Pois ficou mal-assombrado,
Acompanhando um enterro!
Na verdade...
E toda a noite,
Ai, quase não pregou olho...
E só coçando a cabeça,
Como quem sente piolho...
Via o defunto nos cantos...
E apesar de seus espantos,
Negava o medo a sorrir...
Mas só rezando ele pôde
Um bocadinho dormir.

— Também o Costa... não sabe?
— Qual? O Costa... dos macacos?
— Sim, o mesmo... Ai, que fez pena!
Indo ontem ver uns casacos,
Contou-me o caso a Lucena...
— E o que sofreu?
— O Costinha
Foi na semana passada,
Somente por caçoada,
Assistir o espiritismo...

E chegando na sessão
Quem há de invocar?... O Cão!
— Ai, priminha, espere um pouco...
Como estou arrepiada!
— Escute o resto...
— E então?
— Não tardou o bode preto...
Veio e nele se meteu!
— Misericórdia! ó, priminha,
Me diga, que sucedeu?
— O Costa ficou possesso...
Dava saltos de caçotes...
Mil caretas, mil pinotes,
Os santos a descompor!
O pai correu para o Bispo,
Do Bispo para o Reitor...
Veio um padre e veio outro...
Insultava o demo a todos
Sem vergonha, sem pudor!
Mas, depois de muita reza,
Retirou-se o tentador!

— Ó, prima, fiquei suando!
E agora o Costa?
— Ora veja!
Quando vai o sacristão
Abrir as portas da igreja...
Já lá encontra o Costinha
Com seu rosário na mão!
— Bem feito...

— Foi um exemplo,
Exemplo muito preciso!
Agora tomam juízo
Esses homens sem miolo!
Fugirão da epidemia
De falsa sabedoria...
Que, priminha, está grassando
No rapazio mais tolo!

III

Não acreditem, leitores,
Na história destas mulheres
Contra os livres pensadores!
Os nossos materialistas,
Que sejam positivistas,
Ou se chamem panteístas,
Ou macacais darwinistas,
São da ciência esplendores!
Talentos superiores,
Que, pregando ideias suas,
Iluminam nossas ruas,
Servindo de combustores!

Qu'importa que muitos caíam
Em grande contradição,
Negando todos os dogmas
De nossa religião,
E rogando à Virgem Santa
Se lhes doi o coração?

Ou, se veem a morte perto,
Gritando por confissão?!

Que neguem d'alma a existência
De manhã numa calçada,
E a noite passem suando
Com medo d'alma penada?
Que preguem moderna ideia
Sobre a humana sepultura,
E botem cruz sobre a campa
De sua mãe... com ternura?
Que não pisem num defunto...
Respeitando a carne morta?!
Mas, tudo isto qu'importa?...
São fraquezas, são misérias
Da humanidade... Pois, bem...
Mas, dizem que essas fraquezas
Contradições são também!

Embora! Quero esquecê-las...
Mais ninguém fale, senão
Me resfria cá por dentro
A minha admiração!
São calúnias, acredito,
Invejas de muita gente,
Pois um sábio, certamente,
É sempre um sábio... pois, não!

E embora canse d'ouvi-los,
Sem poder compreendê-los...
Falando em Littré... em Comte...
E n'outros iguais modelos...
Se os vejo, digo: — Lá vão! —
E neles fito os meus olhos
Com toda a veneração:
Que em seus lábios a ciência,
Da moda, na conferência,
Ribomba como o trovão!
Nós, tolos, batemos palmas,
Tremendo de comoção!...

O Romance

Era uma noite horripilante, tétrica!...
Medonha a escuridão,
Os ventos da procela associando
Da selva n'amplidão!
Tremia a floresta sobre os montes,
De medo a soluçar;
A virgem natureza de enxaqueca
Gemia sem cessar;
E com dores de dentes choramingam
Os riachos do val...
No meio do serralho 'inda ressona
O galo do casal!
O grilo emudeceu e foi deitar-se
No seu verde lençol...
As corujas somente solfejavam,
Estudando um bemol!
E a colcha da tristeza tudo envolve...
Depois... a da mudez:
Parecia que Deus abandonara
A terra desta vez!

Eis ribomba um canhão... qu'imenso estrondo...
O mundo estremeceu!
No dorso de montanha penhascosa
Alto trono s'ergueu,

Debaixo de frondosa gameleira,
Escura como o mal;
E surge d'um abismo o rei das trevas,
Toda a corte infernal!
Que fedores d'enxofre pelos ares...
Ó, qu'infando tropel!
Já sentou-se no trono um bode preto...
O safado Lusbel;
Em torno a bodaria acocorou-se,
Formando o tribunal,
Para contas prestar d'almas perdidas
Agora ao maioral...
E pedindo a palavra um bode velho,
Das hostes general,
Mesurando à assembleia, tosse, escarra,
Como faz o mortal,
E após a breve pausa do costume,
Falou, falou assim,
No meio dos imensos apoiados...
Cumprimentos no fim:

— Majestade! Eu vos saúdo,
Com toda a veneração!
Uma grande novidade
Reclama a vossa atenção!
Convosco me congratulo,
Pois agora o mundo engulo...
Sofra embora indigestão;
Pois, senhor, tenho um invento...
Prodigioso... um portento...
A própria devastação!

Muito pior que a metralha,
Do que veneno letal,
Ou armadilha funesta...
Não sei se m'exprimo mal!
Mas, querendo o inferno cheio,
Não se pode achar um meio
Mais eficaz, mais fatal!
Não há virtude, senhores,
Que resista aos seus olores,
Ao seu eflúvio mortal!

Não tem os grandes defeitos
D'antigas armas... não tem;
Em qualquer parte penetra,
Nada seus passos detém:
Traz-no consigo a donzela...
Dorme na cama com ela...
Com ela chora também!
Não deixa nunca a casada,
A velha, ao moço, a criada...
Ninguém lh'escapa, ninguém!

E ilude a qualquer polícia
De colégio... é tão sutil!
Debalde o pai de família
Vela à porta do redil!
Qu'oculto na menor cousa,
Ele tudo afronta e ousa...
O sem-vergonha, o servil!
E dentro do lar mais puro

É, qual fogo do monturo,
Sempre aceso e sempre vil!

Pois ganhando o lar... começa
A sua nefanda ação:
Sobe à cabeça... alucina!
Desce... e infecta o coração!
Que o vil endeusa o crime...
Pintando o vício é sublime...
Exalta a prostituição!
Enfeita tanto o adultério,
Que o torna um doce mistério...
Que forças... que tentação!

E, pois, senhor, nesse invento
Alguns servos transmudei;
Por uma mera exp'riência
Milhares d'almas ganhei!
Certo agora, os meus soldados
Hei de tê-los transformados
Nessa cousa que inventei!
Perguntais-me o nome dela?
Chamam — romance ou novela...
Romance lhe chamarei!

Que pouco m'importam nomes...
Os lucros quero contar;
Fabricando os tais romances,
Desejo sempre agradar...
É moda o naturalismo?

Mentira, traição, cinismo?
Muita torpeza sem par?...
Pois tudo arrumo com jeito...
E dou-lhe um certo confeito...
Perfumes de enfeitiçar!

E por isso quanta gente,
Lendo — *Werther*[1] — se matou?
Minha — *Dama das Camélias* —
O lupanar povoou!
Da minha Sand ao demônio
Entreguei o matrimônio...
Muito bem desempenhou!
Contá-los não me é possível;
Mas o efeito é incrível...
O céu... a terra abalou!...

Parabéns, pois, Majestade!
Eis vossa c'roa a fulgir!
Mais nada tolhe-me os passos,
Quem me virá impedir?
As oficinas da França
Já dão-me tanta pujança...
Qu'espero o céu demolir!
E o próprio Crucificado
Há de esconder-se aterrado...
Podemos tudo engolir!

[1] *Os Sofrimentos do Jovem Werther* (1774), romance de Johann Wolfgang von Goethe (N.E.)

E tão grande algazarra de — apoiados,
De — bravos — muito bem ressoa então...
Que os galos acordando no poleiro
Cantaram... Desaparece a multidão!
Mas, ficou no romance o bode arteiro
Cumprindo de seu chefe a vil missão!

O Baile

Um baile! — me disse o velho, —
É o traiçoeiro mondé,
Onde cai a rola incauta
Das inocências, da fé!
Lago fundo d'águas tétricas,
Contendo enguias elétricas,
Ou vorace jacaré...
Perau no meio do rio,
Ou nos banhos da maré;
Miragem das falsas óticas,
Sombra das ramas narcóticas
Da macenilha... Não é?!
Remoinho no oceano...
Um labirinto... Um arcano
Que enleia o povo indiano,
Na voz do mago pajé!
Torpedo que a honra espera...
Ou esto que murcha a hera...
Ou monstro... que à primavera
Das flores rouba a libré...
Um baile é isto... ó, dizei-me
Se tudo... um baile não é?!

Minha filha... ah, minha filha!
— O velho prossegue assim: —
Minha filha, coitadinha...
Era mesmo um querubim!
De quatorze anos somente,
Era tolinha, inocente...
Sorriam tão docemente
Seus lábios de carmesim!
Que f'licidade eu sentia,
Quando ela olhava p'ra mim!
Ai, como me embevecia
A mimosa singeleza
De seus modos infantis!
Tão pura como a pureza...
Contente como o feliz!
As auroras de seu rosto
Nunca a sombra do desgosto
Enuviara... jamais!
Semblante sempre risonho...
Os anjos eram seu sonho,
As flores de seus rosais!

Eis qu'um dia... ó, quanto abalo...
Que vergonha ao recordá-lo,
Pois tive a culpa, senhor!
Venceram-me alguns pedidos,
Venceu-me seu muito amor...
Comprei-lhe os lindos vestidos,
As joias d'áureo esplendor,

E fui ao baile com ela,
Com minha rola singela,
Vaidoso! — vendo-a tão bela,
Minha filha... o meu primor!
Erro fatal!... Não devia...
Mas, a filhinha pedia...
Venceu-me seu muito amor!

Entrei no baile... caíra
Nos labirintos sem fim,
Que prenderam-me os estilos...
Não fui mais dono de mim!
E então...
Um rapaz... um lagartão
Me carregou a filhinha,
E enfiou para o salão!...
Não gostei logo da graça,
Mas, sendo o uso da praça,
Aos usos obedeci...
Depois, calado qual monge,
Ora perto, ora de longe,
Pus-me a ver o baile... E vi...
— Ó, malditas etiquetas! —
Uns vadios de lunetas,
Qu'eles chamam pincenê...
Valdevinos, borra-botas,
Uns pelintras, uns janotas,
— Me desculpe, vosmecê, —

Em roda da minha filha...
Escarcéus em torno à ilha
Ou vespas ilhando a flor!
Dizendo torpes asneiras,
No meio de frioleiras,
Que lh'acendiam rubor...
— Ó, malditas etiquetas
Sem recato, sem pudor! —

Depois... um lorpa daqueles...
Um diabo!...
Minha filhinha agarrando,
Saiu com ela dançando,
Como calangro sem rabo!

Não sei o que mais passou-se,
Pois não quis mais ver... senão
Sofria a *conveniência*...
Qu'eu dava em S. Excelência
Socos de morte e paixão!

No fim do baile, voltamos:
Qu'imensa transformação!
Já não sorria... cismava...
Seu colo de cisne arfava...
O rosto seu abrasava
A chama do coração!
Uma fora e outra vinha!

Vendo assim a filha minha...
Imaginai... que aflição!

Noutro dia... que tristeza!
Não era mais a criança
Que me fitava louçã!
Perdera, meu Deus, na dança,
Seu sossego e f'licidade...
Da rola a serenidade...
Cor de partida romã...
Seus risos de passarinhos
Quando desperta a manhã!

E tornou-se reservada...
Suspirosa... retirada...
Sempre a face descorada
Com sinais de quem chorou!
Ai, filha desventurada...
Ai de mim! — Sofria eu tanto,
Que nos meus olhos o pranto
Não mais, não mais estancou.

. . . . . .

Até que um dia... ó, destino!
A filha qu'eu muito amava
Sem pena me abandonou!
Fugira com um janota...
Ai, o pior borra-bota...
Daqueles com quem dançou!

Eis porque odeio o baile,
Essa invenção de Lusbel,
Que as asas queima dos anjos,
Que para um pai é cruel;
Que transforma um lar ditoso
Num vaso d'angústia e fel! —
E soluçava o velhinho,
Concluindo a narração...
Eu despedi-me, dizendo:
— É verdade... tem razão!

Passeio

Fui ao festivo arrebalde,
Ao passeio do bom-tom,
De chapeuzinho barato,
Sentado no meu *wagon*!
E depois de alguns momentos,
Em visita aos monumentos...
— Velha cadeia é o que há! —
Fui procurar novidade,
No meio da humanidade
Aqui... ali... acolá!...

Aqui... rumores de paixão fremente...
O jogo... o jogo! O precipício horrente,
Onde se perde mais que o pão e ouro,
— P'ra sempre, a honra! — o principal tesouro!
Dados rolando sobre a infausta banca,
Quais rolam prantos que a miséria arranca...
E, em torno, vê-se, da fatal voragem —
Cobiça e raiva — de Satã a imagem!
Medonho quadro! Que terror... que susto...
Do monstro infunde sobre a mesa o busto!
Ei-lo... devora, d'infortunados entes,
Com seus três dados — três ferinos dentes,
O pão, o riso e a f'licidade extreme!

Quanta consorte abandonada geme!
Quanta criança a soluçar de fome!
Quanta donzela a perdição consome!
. . . . . .
Cena tremenda! Humanidade insana!
Eia, fujamos da loucura humana!

E ali... nas ruas, em bando,
Os passeantes, cobertos
De lantejoulas a mil...
Finas sedas arrastando
Quem não possui um ceitil!
E a família do *quebrado*,
Filhas de pobre empregado,
Trajando galas da moda,
Que não costumam pagar!
E o rapazinho sem eira,
Arrancando da algibeira
O charuto — *Regalia* —
Que não podia comprar!
E vendo por ordem sua,
De cerveja o copo encher...
E dizendo, como graças,
As mais infames chalaças,
Entre espumas e fumaças
Do desenvolto prazer!

Enquanto vaidosas pisam,
Passeando as senhoritas!

Qu'imenso garbo... Estremecem
Anquinhas cheias de fitas...
Que *arapoá* no toucado!
Depois o rosto caiado
Mesmo de longe se vê...
E as donzelonas querendo
Passar por jovens... a murros...
E muitos, muitos casmurros
Carregando um pincenê!

E o gritinho que a nervosa,
Ali!... solta de vez em quando?...
E os olhares requebrados,
Os suspiros namorados,
Os sorrisos enlevados
Da moça chique, do tom?!
Sempre, sempre murmurando:
— Já vai partir o *wagon*! —

E quanta jandaia em bando...
Que falácia vai e vem!
— Neném, seguro o vestido...
— Lá vai, gentes, teu querido...
— Na terra... — murmura alguém:
— Menina! que tarde linda!
— Vem cá, vem cá, Ermelinda...
— Que dor de dentes! — Ainda?...
— Pois temos agora um trem!

— Mamãe, não corra! Que moda!
O papai ficou atrás!
— Olha os moços... cala a boca... —
Lá vem um moço dos tais:
— Dona Espertinha, que dita!
Dê-me um beijo, ó, pequenita...
— Adeus, doutor... está bom?
— Quase não vim... — Que tardança...
— E veio Dona Esperança?...
— Viemos num só *wagon*!

— Não sabe, Dona Marocas?...
— Será acaso um segredo?...
— Não é, não! — Pois, diga, Alfredo...
— Vamos no clube dançar!
— Isto sim! — E sai poeira!
— Dondom, eu quero a primeira...
— Já tenho, Cazuza, um par!
— E depois, depois da dança,
Como se volta, meu bem?...
— Há um trem p'ra meia-noite...
— Iremos, pois, nesse trem!

Momentos depois a dança;
Anquinhas em corrupio...
Nas brancas faces em fio
O branco pó a correr!
Os laços amarrotados...
Apertos, calos pisados...

Encontros inesperados...
E outras cenas do prazer!

E saí atordoado,
Pela rua a murmurar:
— Vos deixo, loucura humana...
Vou acolá... descansar.

E a loucura acolá... na *mandureba*...
No lupanar!
Na treva oculta, cambaleando ébria,
A tropeçar!

De taça em punho, da família o chefe,
Mesmo ancião!
E o moço imberbe — juvenil esp'rança
D'uma nação!

E moço e velho vomitavam ambos
Palavras vis!
No vício torpe, que embrutece e mata,
Ambos servis.

— Ébrios, ouvi-me! — Lhes bradei bem alto,
Cheio de horror... —
Onde a consorte?... Só miséria destes-lhe,
Em vez de amor!

Onde os filhinhos?... Que fatais exemplos,
Que educação!
E tu, mancebo? Tua mãe definha
Na solidão!

E Deus e a pátria? Deslembrastes, loucos,
Santo dever?! —
Eles se erguendo procuraram logo
M'interromper...

— Fora! — bradaram — Cidadão, és doido,
Pra assim falar!
A vida é isto... o lupanar... o vinho...
Grato sonhar! —

E riram, como do prostib'lo as filhas...
Riso infernal!
E após se espojam... do nefando alcouce
No lodaçal!

E eu larguei-me horrorizado,
Sentado no meu *wagon*,
Que farto, bem farto estava
Do passeio de bom-tom...
E depois de alguns momentos
Entrei nos meus aposentos,
Deitei-me no meu sofá...
E murmurei: — Novidade?...
Aqui... ali... acolá!...

Dom Fuas

Dom Fuas... ai, o Dom Fuas,
Como está inconsolável!
Arranca as madeixas suas,
No estado mais lastimável!

Nem mais um bocado come!
Nem uma gotinha d'água...
Ferina dor o consome,
Traspassa-o ferina mágoa...

E chora e geme arquejante...
Delira, pedindo a morte...
Que perdeu a esposa amante,
A sua amada consorte...

— Beatriz! — o triste exclama:
Quem te levou, quem te esconde?
O teu esposo te chama...
Ouve... atende... ai, me responde! —

E convulso e soluçoso
Perde os sentidos, desmaia;
Volta a si e doloroso,
Como louco, a vista espraia...

Ninguém pode consolá-lo,
Receia-se um suicídio...
Dia e noite a espioná-lo
Não mais o larga o Egídio.

Três dias depois se acalma...
Tomou enfim um caldinho!
Mas, que penas dentro d'alma...
Dentro d'alma quanto espinho!

— Nunca viu-se dor tamanha! —
Dizem todos comovidos;
Não mais o triste se amanha...
Muda a roupa por pedidos!

Cabelo não vê mais pente,
A barba não quer navalha...
Anda como que demente,
Que funda angústia o retalha.

Vivia do céu distante...
Já confessou-se ao vigário,
Já reza d'instante a instante,
Já reza mais de um rosário.

Mas sempre, sempre exclamando
Que mais não será ditoso...
Que está o tempo inteirando...
Que a defunta espera o esposo!

E mais um dia, outro dia...
Faz-se a visita da cova;
E o povo todo dizia:
— De sua dor nos deu prova!

_____

Passou-se um mês. — Já Dom Fuas,
Graças a Deus,
Botou navalha no rosto,
E, apesar de seu desgosto,
Cortou os cabelos seus!

Já come... Pouquinho embora...
Às vezes almoça um ovo!
Já pergunta: "O que há de novo?"
Mas reza... e chora!

_____

Segundo mês. — Ora, alvíssaras!
Hoje à tarde passeou...
Por conselho de seu médico,
Se banhou...

Já passa dia sem missa,
Já se esquece de rezar...
Vai cuidando dos negócios,
Come queijo no jantar...

E se fala na defunta,
Põe-se, enxuto, a meditar.

Três meses. — O sacristão
Diz: “Aqui não vem mais, não!”

O cura da santa Igreja
Diz: “Não há mais quem o veja!”

Os santos dizem: “Nos três...
Perdemos sempre o freguês!”

Mas, muita gente nas ruas
Dá notícias de Dom Fuas.

No teatro já foi visto...
É mentira talvez isto!

Mas, anda mais contentinho...
Bem vestido e mais gordinho...

Um corpo bem enroupado
Diz — coração consolado...

Um pincenê no nariz
Diz — faro d’uma perdiz...

E contam certas gazetas
Tantas cousas... mas, são petas!
Dom Fuas... ó, quem diria!
E eu pensei qu'ele... morria...

Depois de seis meses, na casa do triste,
Que ledo folgar!
As luzes cintilam nas lindas opalas...
Mil flores olentes desmaiam nas salas...
E a branca cerveja no copo a espumar!

Clarins, clarinetas, trombones e baixos
Tocando, tocando...
Rapazes calungas, meninas bonecas
Dançando, dançando...

E os vinhos, do Porto, Madeira, Lafitte,
E o bom moscatel...
Caindo sem trégua nos copos trementes;
E os rubros presuntos nos pratos fulgentes
Sofrendo mil dentes,
Ao som das queixadas d'imenso tropel!

E Dona Alegria, no meio da festa,
Bebendo, bebendo...
Nos belos discursos, nos brindes bonitos,
Dizendo, dizendo:

— Senhores, um brinde! Dom Fuas, o noivo,
Devemos brindar!
— Ó, viva Dom Fuas! — bradaram comendo:
E alguém se levanta gritando: — Um adendo...
Também viva o anjo que o vem de esposar! —

Basta, leitor, de maçadas!
Dom Fuas se consolou...
O pranto da desventura,
Outra mulher enxugou...
E eu pensei qu'ele morresse!
Não morreu... mas se casou.

A Panelada

O domingo passei fora de casa;
Convidado p'ra grande panelada,
Almoço d'amizade,
À mesa não faltei n'hora marcada.

E almocei como almoça quem tem medo
De entisicar...
Como quem neste mundo de misérias,
Já não tem pretensões, nem que esperar;
Almocei como almoça, em desobriga,
Quem se chama vigário e tem barriga.

E com a mão-de-vaca, a tripa, o bofe,
No meio da chalaça,
P'ra não indigestar... nos oferecem
O gole da cachaça...

Mais barato que o vinho e muito usado
Em qualquer panelada desta praça.

Repleta a grande pança d'assembleia,
Nos sentamos na sala,
Trabalhando no quilo... e mais na língua:
Quem mais *tomou*... não tem decerto míngua

De assunto para a fala!
Discursa um deputado, eleito há pouco,
Confessando não ter pedido um voto!...
Surpresa ou emboscada?
Quando menos esperava... ó, caso ignoto?
A urna eleitoral d'um puxo... o pare!
Carga cerrada!
Entretanto, coitado, é um sacrifício
Aceitar a cadeira inesperada!

— O mesmo aconteceu-me, — afirma perto
Um mancebo doutor de boca torta:
— Não pedi meu despacho... Um dia... acordo...
Ei-lo na porta! —

Escutando-o, a matrona principia
A centésima edição do panegírico
Da filha casadoura e feia harpia,
Que depois como gato arranha as teclas,
E esfolando modinhas... grita e mia!

Entretanto a lambisgoia
É preguiçosa demais,
Tem asmas e faniquitos
De muitos choros e ais;
Gênio forte e rabugento,
Em luas novas rusguento...
E muita cousa ruim!
Ai de ti, pobre marmanjo,

Se levas p'ra casa o anjo,
Se levas o querubim!
E as senhoras conversam nos vestidos,
Em rendas, em bordados,
Novas modas e loucuras,
Repolegos e frisados...
E aquelas levianas criaturas,
Criticando a modista e companheiras,
Esquecem que, com trajos luxuosos,
Ai, são coveiras,
Muitas vezes, de seus pais ou seus esposos,
Nas quebradeiras!

Eis falam dois irmãos da mesma crença,
Protestando firmeza no partido...
Ambos dispostos
A desertar dos postos
Por qualquer interesse ou leve ofensa,
Nas horas de combate mais renhido!

Perto, um médico a contar as suas curas!
Entretanto, depois que o doutoraram,
Já se acabaram
De grande cemitério as sepulturas!

Do comércio um ricaço nos diz como
Ganhara o seu dinheiro:
Que labores, ó céus, que probidade!
Mas, de mil traficâncias, na cidade,
Acusa-o o mundo inteiro.

Nos fita um mentiroso, e nos diz sério:
— Como sabe, não minto! —
Qual diz-se ao rico herdeiro, dando pêsames:
— Amigo, eu muito sinto!

Depois, a dispersão... Quanto protesto...
D'amizade o abraço e o doce beijo...
Fica o bocejo
Muita vez no festeiro arrependido;
Enquanto o convidado aborrecido
Não perde ensejo
D'empurrar a tesoura
Em quem deu-lhe o comer... e no comido!...

A Moda

O que eu desejo, senhoras,
É que se cumpra o rifão:
— Cada terra com seu uso,
Cada roca com seu fuso. —
Eis a minha opinião!

Mas, vestir-se o brasileiro
Como lhe ordena o francês...
Não acho isto direito!
Viver o povo sujeito
Aos figurinos do mês!

É mesmo falta de brio,
É fazer-se manequim;
Dizem que somos macacos...
Pois antes trajarmos sacos,
Do que servir de saguim!

Devemos ter nossa moda,
Tenha a sua o japonês;
Vista o prusso à prussiana,
Ande o russo à russiana,
Ninguém roube a do chinês.

Cada qual conforme o clima
De sua terra natal;
Que se o Norte tem calores,
No Sul existem rigores
Da viração glacial.

Mas, ornar-se quem tirita
Como quem sopra... é demais!
Se trajamos nos estios
Como a França nos seus frios,
Não somos racionais!

E que roupagem ridícula
Nos impõe o tal Paris!
Às damas puseram rabo! —
Pois não é um menoscabo
A esta terra infeliz? —

Ou caudas... que varrem tudo,
Cuspo, cisco e seus iguais.
Onde passam, fica enxuto...
Não há ponta de charuto
Que não levem... rabos tais!

E do triste ganha-pouco
Limpa a bolsa o *Lucifer*...
Quanta vez pobre empregado
Não dá um mês de ordenado
Para... a cauda da mulher!

Que o figurino do rico
É do pobre o mesmo, sim;
Ricos e pobres vestidos
Não podem se distinguidos...
Quais os meios? — Eis o fim.

E as outras extravagâncias
Da moda que vem de lá?!
Ora frouxa, ora apertada,
As saias d'alma penada,
Cabelos de *arapoá*!

Batinas e *polonaise*,
Hoje, bico — amanhã, não;
Muitas trouxas, muitos regos,
Babados e repolegos,
Arregaços... confusão!

E franjas, fitas e penas!
No meio desse babel,
A mulher desaparece...
Nem o marido a conhece
Naquele horrendo pastel!

E algumas... que medo ao vê-las...
A gente fazem correr:
Cobertas das trapalhadas,
Com suas caras caiadas,
São bichos... querem morder!

Ó, senhoras de bom senso,
Pensai um pouco... e vereis
Que das modas na loucura
Não é bonita a figura
Que, infelizmente, fazeis.

E ver-se que a tal mania
Domina tudo entre nós...
Que o pobre do brasileiro
Geme nesse cativeiro,
De todos o mais atroz!

E dizem que somos livres...
Nós?! Escravos de Paris!
Cativos do figurino,
D'um capricho libertino,
Que assim governa o país!

Que transtorna as cabecinhas
Dos anjos de nosso amor!
Que nos arranca sem pena
A economia pequena...
Basta chegar o vapor!

E é tamanha a tirania,
Que aqui não sabe ninguém
Como andará pela rua,
Ou consorte ou filha sua,
Em dias do mês que vem!

Já disse o suficiente...
Às damas peço perdão!
Apenas bato o abuso...
Cada terra com seu uso...
Esta é minha opinião!

Flores Murchas

I

Não tirava da boca o seu cigarro
Aquele Lopo Vaz!
Do dito que porção já não fumara!
Mas o torpe depressa o envenenara
Com eflúvios mortais.

Criancinha começara!
Ainda na escola estava!
Ao princípio ele fumava
Quatro cigarros por dia...
Depois fumou meia dúzia,
Maços depois consumia...
'Té que, sem trégua, o cigarro
Na sua boca se via!

E, como todos sabem, sorrateira
A dona *nicotina*,
Que mora no cigarro e na fumaça,
A vida mina...
E faz — ruína...
De quem ama-a deveras, não de graça!

Do Lopo fez maluco! Aquele crânio,
Criado para a luz, para a ciência,
O cigarro tornou subterrâneo
De fumaças e trevas residência!
E aqueles braços,
Robustos para a esgrima e para a lida,
A *nevrose* mudou em frouxos laços!

Que pena, santo Deus! Tão moço e gasto!
Imprestável por causa do cigarro!
Aonde o seu porvir brilhante e vasto?
Hoje é caco ruim, caco de barro!

II

Da cidade a taverna tem no fundo
Uma saleta,
Sem tabuleta,
Onde a gente mais séria deste mundo
Bebe cerveja,
Sem que se veja!

Ali também se bebe o roxo vinho,
O fogoso conhaque, — o absinto,
Ou um copinho
Da cachaça de França, se não minto.

Nessas salas passava Ruy Faleiros
Da noite um bom pedaço,

Queimando a juventude nos braseiros,
O estômago, os pulmões e o pobre baço!
E por isso já sente uma anemia...
Alguma edemacia...
Que chama — beribéri... Ó, qu'inverdade!
Em breve o *delirium tremens*
Irá vê-lo... abraçá-lo na cidade,
Levando em companhia
A parca fria!

Entretanto, meus amigos, o Faleiros
Era um grande talento esperançoso!
Tão grande que um jornal oficioso
Um dia colocou-o entre os luzeiros!

III

Que viço o do Muniz... ó, quanta vida!
Qu'exuberância!
Gentil adolescente, eu te admiro,
Agora que deixaste a leda infância!

Mas, as serpentes do Éden
Gostam da rósea fragrância,
Como d'argêntea *sonância*...
Também gostam da frescura;
E por isso atraíram sem demora
A bela criatura!

Em pouco tempo nas chamas
Da fatal concupiscência,
Qual mariposa no fogo,
Queimou sua adolescência
O jovem Egas Muniz...
Das meretrizes nos laços,
Dos alcouces nos mormaços,
Tanto andou esse infeliz...
Que pilhou um reumatismo...
O povo assim é que diz!

Hoje pobre e sifilítico...
Já tísico...
Quem nasceu p'ras altas cousas!
Pelas ruas tropeçando,
Esperando
Descansar nas tristes lousas!

———

Assim do vício a trindade,
Com sua nefanda mão,
Arranca da mocidade
Lindas flores em botão...
E depois, sem piedade,
Sacode-as murchas no chão.

O Banquete

O teatro representa
Um banquete se animando:
As garrafas vomitando,
Como moças enjoadas;
Os copos à luz brilhando,
Já se enchendo e já vazando
Nas bocas escancaradas;
Lombos de vaca e carneiro
Em toalhas gorduradas;
Dez galinhas mutiladas;
Dois perus em petição...
Frigideiras retalhadas,
Como as terras da nação;
E um presunto às gargalhadas,
Olhando para os farrapos
Dum miserando leitão!

Em torno dessas ruínas,
Algumas gentis meninas,
Descoradas e franzinas,
Nos pratos a beliscar;
Pois nunca devem donzelas
Mostrar as rubras goelas,
Caretas do mastigar...
Só no armário ou despensa,

Sem ninguém presenciar!
As mães — gorduchas matronas,
Olhos negros de azeitonas,
Que mais não tendo a esperar
Deste mundo... as panças enchem,
Comendo para engordar;
Três malcriadas crianças,
Incomodando deveras
Infelizes vizinhanças;
Rapazes abonecados,
De bigodes, filigranas,
Que of'recem doce às Fulanas,
Cicranas a namorar;
E um grupo sexagenário,
Que sobressai no cenário,
Oito velhos mastigando
Com todo o desembaraço...
Alguns baixando o cachaço
Para o bocado aparar,
Outros o queixo empinando
Para o vinho escorregar...
E a criadagem apressada
A servir os convidados,
Escondendo os bons guisados
Para a ceia da criada...
Todos os rostos enxutos,
De gente que não bebeu...
Entretanto a cristalina
Já novamente se encheu!

E reina o prazer na sala...
Qu'o banquete está brilhante,
Muito mais do que uma opala!
Tudo come ou bebe ou fala!
E da casa e festa o dono
Não cabe em si de contente...
É sua cadeira um trono!
E a cara consorte, em frente,
Embala, num doce sono,
Um sonho resplandecente!

Se escutam tantos louvores
À sua delicadeza...
Dos filhos à gentileza...
De seus avós à nobreza...
E sobretudo aos primores
De sua abundante mesa!

Qu'importa que n'outro dia
A bolsa, d'ouro vazia...
Transborde de ingratidão...
Que os amigos extremosos
Não lhes emprestem tostão?...
Gozaram... foram ditosos...
Viva, portanto, a função!

Ouçamos agora os brindes...
— Meus senhores, atenção! —
Este quer falar primeiro...
Quem fica p'ra derradeiro?

Todos de copo na mão!
Se este acaba, aquele enfia...
Discursos, muita alegria...
Que festa... qu'animação!

— Senhores! — grita um conviva:
Um brinde! Brademos — viva
Desta casa o dono honrado,
Pai de família exemplar!
E a sua honrada consorte,
Aquela que deu-lhe a sorte,
Terna esposa e mãe sem par!
— Ó, vivam! — Ei-los bradando,
Das taças sorvendo os vinhos;
E outro, então, quase chorando,
Acrescenta: — E os seus filhinhos! —

Os aplausos são gerais!...
Agora tomemos nota
D'outros brindes festivais,
Como fazem redatores
Dos convidados jornais:
— Senhores! — temos discurso —
Momentos há na existência... —
Depois de muita eloquência
Conclui o Cícero: — Ao honrado
Luzeiro da presidência! —
E da casa a parentalha
Já nas saúdes se espalha...
— Senhores! Viva o honrado

Capitão José Vicente!
— Eu brindo ao Doutor Conrado,
Honrado jurisprudente!
— Da polícia ao chefe honrado,
Na pessoa d'um parente!
— À saúde de um ausente...
Honrado desembargador,
Seu primo, honrado senhor!
— Amigo! Levanta a fronte!
Tens um tio muito honrado...
Brindemos o senador!
— Ó, viva a mãe do Manduca,
A honrada Dona Beluca!
— Ao honrado coronel,
Seu sobrinho... o Maciel!
— A mulher, ó, meus senhores,
A mulher!!! É entre as flores... —
E depois de muita asneira,
De muita cousa sem nexo,
Conclui o bobo: — À saúde
Desse honrado belo-sexo! —
— Menezes, embora gasto,
Ao teu honrado padrasto! —
E repetem tanto o — *honrado* —
Que fechamos nossas notas
Com medo de indigestão!
Ninguém ali desonrado!
Que na cidade da *honra*
Fora o bando recrutado...
Todavia alguns coraram...

Acanhamento ou modéstia...
Pois *honrados* todos são!

Mas, nos brindes ao ausente,
Ouviu-se a lista somente,
Dos nomes de posição:
Os coronéis, os doutores,
Os honrados senadores,
Os majores, os tenentes,
O vigário, o capitão...
Por que se esquecem parentes,
Que são honrados também?...
O pobre irmão sapateiro,
O sobrinho marceneiro,
O primo ou tio pedreiro,
E outros homens de bem?...
Foi certamente um descuido...
Não recordou-se ninguém!

Ficaram para outra vez...
Esteve excelente a festa,
Houve muita embriaguez!
N'outro dia o gazeteiro
Pagou ao nobre festeiro
O convite que lhe fez!
Mas este... qu'esquecimento!
'Inda não fez pagamento
À taverna... ao pasteleiro...
Também se queixa o padeiro
De seu honrado freguês!...

O Despeito

— Ri... que um dia eu hei de ver-te,
Quebrado o cetro, esquecida
Da multidão que te cerca...
Chorando triste... abatida!

E ao ver-te assim, borboleta,
Chorando triste... abatida...
Eu direi: — Salve, rainha
Ufana, louca, atrevida!

Qu'importa que hoje te rias,
Porque te falo hoje assim?...
Muita rainha sem trono
Conheço... perto de mim!

Muita vaidosa de baile
Nos ermos vejo a chorar...
Muita sultana de valsa
Abandonada... a mirrar!

As rosas lindas, soberbas,
Que de manhã contemplei...
De tarde passando acaso
Já murchas no chão pisei!

Sorri-te embora! Escarnece!
Mas, um dia nesta vida,
Também eu hei de sorrir-me,
Ao ver-te humilde... abatida!

Assim cantava um bardo despeitado;
Mas no dia seguinte a soberbinha
Volveu-lhe terno olhar...
E o pateta caiu... e ajoelhado...
E apaixonado
Ei-lo de novo a trovar...

Os doces suspiros, os magos enlevos,
Os cheiros da flor,
E os lábios, e os dentes, e os pés, e os braços...
E até um cachorro, que o pai dela tinha,
O bardo descanta... nas ânsias de amor!...

A Civilização

Bem-vinda sejas, bem-vinda,
Formosa Civ'lização!
Quanta tardança, senhora...
Mas, chegaste ao meu torrão!
Chegaste enfim! Viajando
Em vapor de terra ou mar,
Ora nos fios elétricos,
Ora em balões pelo ar!
Deves estar fatigada...
Te senta p'ra descansar;
E dá-me a honra, princesa,
De contigo palestrar.

Há que tempo te esperava
A minha pátria!... Os jornais
Teu nome nunca largavam
Nos longos editoriais...
Na Assembleia o deputado
Em ti falava exaltado...
'Té nos brindes festivais!
Que eras o sonho dourado
De nossos avós e pais.

E eis-te enfim! E aos teus alvores
Des'pareceram negrores,

Levando muitos horrores...
Morre o resto ao teu clarão!
Que mudança surpreendente...
Qu'imensa transformação!
Nasce a escola... de repente...
Em toda parte a instrução:
D'artes, ciências, indústrias,
As flores juncando o chão;
E o astro da liberdade
Cintila sobre a cidade,
A serra, a praia, o sertão!

Já não há mais um escravo,
Todos são livres agora!
Não sabes? O cativeiro
Existiu aqui outr'ora!
O homem vendia o homem,
E sem pena o flagelava;
Ou consorte ou mãe — a escrava,
À vista do esposo ou filho,
O fero algoz açoitava!
Da mãe extremosa aos olhos,
Pequeno filho surrava...
Sem que ela pudesse ao menos
Soltar um grito de dor...
Pois que o filho era cativo
E ambos tinham senhor!...

Do bacamarte os rugidos
Já não decidem questões;

O sangue humano não molha
Nos templos as eleições;
E do rico e potentado
Findou-se o ingrato reinado,
Nefando pelos sertões...
Mais não sofre o pobre povo,
Nas vilas e povoados,
Cadeias dos delegados,
Algemas dos vis mandões,
E por causa da política
Medonhas perseguições!

Não sabes quanto gemia,
Ai, senhora, o povo então,
Sem de sossego um momento,
Que o feroz recrutamento
Por toda parte o caçava,
Sem trégua, sem compaixão:
De noite, a choça cercava
E surdo aos prantos e ai...
O esposo amante amarrava,
O filho único algemava;
Morrendo à fome ficava
A esposa, a mãe, velho pai!...

E a lei?... Qual lei! Era um crime
Do pobre falar na lei!
A lei nas garras da onça
Sempre infausta foi à grei!
Debalde alega o cordeiro,

Mas o juiz carniceiro
Decide como o leão!
E o que se chama — Direito —
No que chamamos ação...
Custava tanto dinheiro!
Quem não tinha mealheiro
Não falava nele então!

Ora perguntas, senhora:
— E a imprensa nas capitais?
A filha de Gutemberg
Que fazia em seus jornais? —
— Brilhava só no programa!
Depois esgotava a lama
Lá do portão da ribeira,
Às vezes, qual regateira,
Mordendo a vida privada...
Descompostura rasgada,
Nela envolvendo sem dó
A esposa do adversário,
Terna mãe do seu contrário,
Até a velhinha avó!...
. . . . . .
. . . . . .
— Não mais! — Exclamas, cobrindo
O rosto com tua mão,
Ai, por certo horrorizada...
Nervosa... de comoção!
Pois bem, princesa, suspendo
A história da escuridão;

Dessas trevas, que fugiram
Na tua aproximação,
Espancadas certamente
Por tua luz esplendente,
Senhora Civ'lização!

Sim, o passado esqueçamos,
Exultando no presente;
Ó, luzeiro fulgurante,
Eu te saúdo... fervente!
Todo o povo te bendiz!...
Não mais, não mais os horrores
Do tempo da barbaria...
Agora tudo irradia!
Quanta luz em meu país...
Já podemos — fronte erguida —
Dar um passeio em Paris!...
Já não somos mais tupis...
Mas, deves estar cansada;
Ai, basta, pois, de maçada;
Eia, à cama! Boa-noite...
Qu'eu vou dormir... tão feliz!...

O Padre Velho

Da noite no silêncio, o padre velho,
Descansando do seu confessionário,
Ai, pranteava assim — quando largava
Seu Breviário:

— Meu Deus, ó, meu Senhor! Quantos naufrágios
Presenciei!
Nos abismos do mar, ai, quantos nautas
Sumiram-se, meu Deus! E os não salvei!

Ai, quantas virgens incautas
Hoje vieram perdidas
Depor aos meus pés, chorando,
As c'roas emurchecidas!

E quantos infelizes, quantos náufragos
Qu'eu supunha, meu Deus, já ter salvado,
Não vi agonizando ou indif'rentes
Nas voragens medonhas do pecado?...

Penitentes desditosas,
Qu'eu julgava convertidas,
Soluçando hoje vieram
Mais poluídas!

Quantas iras, soberbas e avarezas,
Quanta gula, preguiça e quanta inveja,
Quanta lascívia, ó, céus!
No revolto oceano desta vida,
Por entre os escarcéus.

. . . . . .

Lutar... sempre lutar!... Que duro prélio!
Ai, quanta dor!...
E nada conseguir o nosso esforço,
Senhor, Senhor!...

Tentar subir afanoso
O morro de frouxa areia,
Talhado a pique e alteroso,
Que além na praia campeia...
Passos, mais passos, mais passos...
E sempre o pé a voltar!
Depois d'imensos cansaços,
Sempre no mesmo lugar!

Entretanto, meu Deus, vosso ministro
Não deve recuar...
Que no ápice do morro a santa esp'rança
Lá vem nos acenar...

Subindo, salvaremos muitas almas
Das garras infernais;
Devemos, pois, subir! — Avante! Ao cimo

Dos frouxos areais!
Sim, devemos: — Avante! No calvário
Não subistes, Senhor, levando a cruz?!
Essa taça de fel... cumpre esgotá-la...
Ó, forças, meu Jesus!

Mas, exausto, ei-lo, baqueia,
Suando sangue! e desmaia...
O caminheiro d'areia...
Do morro enorme da praia...
E após acorda a chorar,
Sempre no mesmo lugar... —

Dizia o padre velho, — descansando
Do seu confessionário, —
De noite, a prantear... quando largava
Seu Breviário...

E, escutando-o, soltava gargalhada,
Estridente e mordaz
A infame legião que tem por chefe
O torpe Satanás.

E mais esperta e valente
Com furioso arreganho,
Ou com manhas, atacava
Do padre velho o rebanho...

E do jogo o demônio transformava
Em ladrão da família o próprio pai,

Derramando a penúria e o desespero...
— Quando avança a miséria, a honra sai...
Na lide muita vez auxiliado
Do colega do luxo ou da vaidade...
Nas lojas ou bazares das teteias...
Ou buscando uma vã celebridade...

E o demônio da moderna e má ciência,
Com seu positivismo...
Ai, batendo sem trégua as santas crenças,
Engrossava a falange do ateísmo...

E enquanto o das pinturas e novelas,
Quase sempre d'emboscada,
Enlouquecia as donzelas...
Desnorteava a casada...

O demo da brutal concupiscência,
Ocultando sua lepra sifilítica...
O solteiro, o casado... inficionava,
Ai, como os corrompia o da política...

Também assim batalhavam
Outros demos seus iguais,
Nas assembleias festivas,
No meio das bacanais...

Manchando d'adolescência
As roupagens virginais...

‘Té cuspindo, sem respeito,
Nas vestes sacerdotais...

E como o lavrador que arroteara,
Com fome, e vil nudez, e sede, e ânsia,
Um pedaço de chão...
Que depois vê florente a verde esp’rança...
A planta que dá pão...
E um dia, pelos gados do ricaço,
Sem dó...
Encontra tudo... tudo reduzido
A pó...

O padre velho chorava
A sua decepção...
Perdendo o trabalho, às vezes,
Da custosa conversão...
E quase nunca se ria;
Que quase nunca vencia
Dos demos a legião...
E se vencia, que glória!
Mas, tão rara era a vitória,
Como na seca um trovão...

Ai, por isso, de noite, o padre velho,
Descansando do seu confessionário,
Pranteava a gemer, — quando largava
Seu Breviário...

A Rosa

Era uma rosa ao despontar da aurora,
Linda e mimosa;
Bela entre as belas!... Que divino eflúvio
Não tinha a rosa?!

Então reinava nos jardins da vida
A flor donosa...
Quantos amores! Que paixões ferventes
Cercando a rosa?!

E por entre os extremosos
Vieram três pretendentes
Depor aos pés da princesa
Corações... juras ardentes!...

Um sabiá descantando
Doces estrofes de amor...
Era o outro um gafanhoto...
E um colibri d'áurea cor.

O sabiá disse à rosa,
Nos seus cantos sem iguais;
— Rosa, dou-te afeto e louros,
Ai, mimos celestiais! —

O colibri murmurava:
— Tenho horizonte sem fim...
Longe a glória e perto o ouro,
Nas minhas penas... assim! —

E o gafanhoto tremia,
Nervoso e magro, ao redor...
Não falava, mas chiava
Nos momos de seu fervor!

E a rosa, a linda? A divinal princesa...
Que fez a rosa?
Prefere acaso o trovador melífluo
Da selva umbrosa?...

Ou quer as penas de seu áureo amante
A flor vaidosa?
Louros das penas, — ou da lira os louros...
Quais quer a rosa?...

Fero destino... que fatal castigo
Teve a orgulhosa!
Fugindo ao bardo, — ao colibri fugindo...
Que fez a rosa?...

Deixando os cantos do bardo,
Cantos de glória imortal;
Do colibri a plumagem,
E no horizonte um fanal...

Escolheu o gafanhoto!
Que não tem carne sequer:
Era o pior... o mais feio...
Eis a escolha da mulher!...

As Bodas

Às bodas fui convidado,
E por isso às bodas fui
D'Ismênia, linda menina,
Do jovem, ditoso Ruy...
Numa casaca enfronhado
Qu'outro préstimo não tem,
Senão servir para bodas,
Para os enterros também.

E mal chegava, na porta,
Topei o longo cortejo;
Suava o noivo com frios,
Gelava a noiva com pejo;
Nas donzelas e mancebos
Muita inveja e mais desejo;
Os velhos se recordavam
Com saudade e com bocejo...
Mas, logo se consolavam
Pensando no vinho e queijo.

Em breve entramos no templo:
Os noivos se ajoelharam,
E da boca do vigário
A nova lei escutaram: —
Santos fins do matrimônio:

Fugir de todo ao demônio...
Ter um filho anualmente...
Amar-se mutuamente...
Até da campa no pó! —
Juntaram depois as mãos,
E logo apertou-se o nó...
Enquanto certos olhares,
Ouvindo o Padre, trocavam
As Evas com seus Adãos.

Seguiram-se os parabéns,
Os abraços apertados...
Os choros da noiva e pais,
Sorrisos dos convidados,
E dos calos machucados
Penosos, doridos ais!
Muitos toques, muitas flores...
— Braço às damas, meus senhores! —
E cada qual com seu fardo,
Voltamos, buscando a casa,
A casa do felizardo!

Quisera agora, leitores,
Dizer-vos, aqui baixinho,
O que noivos e convivas
Pensavam pelo caminho...
Mas, não posso, sim, não posso,
Porque não sou adivinho;
Suponho... julgo somente...
Que aquele par inocente

Estudava matemática,
Buscando o valor do *x*...
Ambos tolinhos, sem prática,
Às vezes perdendo o giz!
E a outra gente antevia
A casa que além brilhava...
À mesa que recendia
Já estirando o nariz...

Assim, contentes, entramos
No pouso da f'licidade,
Entre galas e recamos,
Nas ondas da claridade...
Na sala do palacete
Já distribui cravos brancos,
Desmanchando o ramalhete,
Um mimoso diabrete
Por ordem das etiquetas;
No sofá sentam-se os noivos,
Qual lindo par de galhetas;
E para pegar noivado
Uma moça em cada lado.

E muitos vão dando pasto
À sua curiosidade: —
Que mobília luxuosa...
Que gosto, que novidade!
E invadem, qual onda irosa,
Que se encapela nos mares,
Despensa, cozinha, alcova,

Ai, tudo dos novos lares...
Falando, sempre falando,
Em segredo criticando,
Mas, em voz alta louvando
Com muita admiração:
— Que cama, que cortinados,
Que guarda-roupa lustroso,
Que santuário mimoso,
Que louças, quantos dourados,
Na mesa que profusão
Das mais finas iguarias...
Que despensa bem provida,
'Té lamparina e bugias!... —

Dividem-se, após, os grupos:
Aqui um bando de esponjas
Enxuga toda a cerveja...
Sem perguntar quanto custa
Na pança logo a despeja!
Ali revendo o oratório
A velha defende a Igreja,
No mais rançoso auditório!
Além na sala da mesa,
Com ânsia, esperando a hora,
De certos tipos a gula
O cheiro toma e namora!
Entretanto, junto ao tálamo,
Na câmara nupcial,
Reúnem-se os namorados,
Seus sorrisos, seus olhados,

Ai, num prazer sem igual!
Sentam-se as moças no leito...
De vez em quando um sujeito
Apalpa e louva o colchão:
E a donzelinha enrubesce...
E a donzelona estremece,
Volvendo os olhos em vão...
E a gorda casada rindo
Diz certas cousas então!
Cenas comuns, aprovadas,
Que o pudor fugiu medroso
Das classes civilizadas!

Eis bate a hora da mesa:
Já funciona a primeira...
Como sobrei p'ra segunda,
Sentei-me d'um velho à beira;
E o velho solta a linguinha,
Ai, contra o noivo sem eira,
Que sem ramo de figueira,
O que tinha e o que não tinha,
Gastara ornando a casinha,
Consumira em tanta asneira!

E tomando uma pitada,
Prossegue o censor ferino:
— Eis a família atual!...
É chefe um pobre menino,
Que, sem pensar no futuro,
Gasta o pecúlio, sem tino,

No luxo o mais bestial!
Agora vede a matrona...
É criança toleirona,
Inexp'riente e medrosa,
Qu'ainda chora dengosa
Pelo leite maternal!
Dois meninos enlaçados,
Neste lar abandonados,
Quando exigiam cuidados
Da mamãe e do papai!
E para tal, que preparos
Tiveram eles?... Notai:
O noivo bebe cerveja,
Fuma cigarros aos centos;
É livre de pensamentos...
Fala do Papa e da Igreja;
Trabalha o menos possível,
Não gosta de economias...
Mas espera o impossível,
No seu porvir um Messias!
E a menina é das que chamam
De educação esmerada;
Já leu cinquenta novelas
Em menos talvez d'um ano...
E arranha no seu piano...
E faz croché... e mais nada!
Se não casasse tão cedo,
Estudaria talvez,
Um pouco da Geografia,
Ou três verbos do Francês...

Não se ria, meu amigo,
É d'agora a educação...
A nossa mãe de família
Prepara-se assim, ou não?...
Quem lhe ensina o que precisa
Dona de casa saber?...
Dar um xarope ao amado,
Que se acha constipado...
Tratar do filho adorado...
Determinar o comer?
De mãe, senhora e consorte,
Ciência, zelo e dever?...
E no chefe, esposo e pai,
Quem é que exige o juízo
Ou busca ver se o do siso
Já nas queixadas lhe sai?...

Agora tudo são flores,
Mas, breve virão as dores
Da fábula do boi e rã...
Que o barco no mar sem leme,
Com maruja tremelique,
Ou se afunda, ou vai a pique,
Nas procelas... amanhã! —

E sorvendo outra pitada,
Ia o velho prosseguir,
Mas, eu fugi da maçada
Dizendo p'ra concluir:
— Este mundo... sim... vai torto...

É melhor levá-lo a rir...
Mas vamos comer as bodas,
Que são horas de dormir! —
E para a mesa o levando
Servi-o de basta ceia:
Um naco do bom presunto,
Do bom vinho a taça cheia.

Depois da comida feita,
A companhia desfeita...
É um adágio, e por isso
Nos despedimos dos noivos
Tão cansados do cochilo...
E cheios nos retiramos
Das bodas fazendo o quilo.

Versos a Lápis

A seriedade é uma doença, e o mais
sério dos animais é o burro.
Camilo Castelo Branco

Que há de fazer a gente,
senão alegrar-se?
Shakespeare

Quero rir-me, também, ó, deixem rir-me!
De poeta chorão enjeito a c'roa...
Pois não vejo motivos para o pranto
Neste mundo que rola... quase à toa!
E demais, acreditem, não é peta,
Fica feio quem chora e faz careta.

E para que chorar? Não é asneira
Dia e noite passar choramingando?
Que o menino, ao nascer, solte um vagido,
Eu desculpo, — é menino, está brincando;
Mas, um homem que tem barba no rosto...
É decerto tolice, e de mau gosto!

Por que molha o neném as longas barbas?
Qual a causa, vejamos, do carpido:
Este diz — que adorava uma donzela,

E que vê-se da ingrata hoje esquecido...
Mas, isto é natural! Não há fartura?
Neste mundo sempre acha quem procura!

Quantas moças aqui desempregadas,
Dando o tiro na peça quantas vejo!
Por uma dou-lhe cem... Escolha, amigo...
Na igreja santifique o seu almejo;
Mas olhe, quem amor seu legaliza...
Ou fica sem preguiça ou sem camisa!

Grita aquele da sorte se queixando,
Porque sente pobreza... e quer dinheiro!
Gaste pouco, meu caro, qu'enriquece,
Largue o vício e trabalhe o dia inteiro...
Escrevendo sobre a fronte da vaidade:
Só há fado ruim, onde há ruindade!

Outro, além, no seu leito se estorcendo,
D'uns afetos d'outr'ora sente olores...
É muito divertido! Este sujeito
Espinheiros plantou... queria flores!
Quem lhe trouxe p'ra casa tais apuros?...
A prêmio um capital... dá sempre juros!

E tudo o mais assim! Prantos saudosos
Por quem parte pulando de contente?!
'Té o esposo, se lhe morre a companheira,
Cuida logo em casar-se... incontinente!
Não se iluda, leitor; deixe a tolice...
E ria-se de quem... de si já ri-se!

Já um bobo encontrei que acreditava
Na existência do mal. Era um menino!
Um mal a palmatória?! E o que seria
Dos barbados nenéns, faltando o ensino?
Há remédios ruins? Pois a amargura
Se proveito nos dá, nos dá ventura!

Eis a boa doutrina... a verdadeira...
É doença a tristeza — o pranto é soro!,
Dá saúde e vigor uma risada...
Haja riso no mundo, e fora o choro!
Nascemos para rir... e não é peta,
Fica feio quem chora... e faz careta!

A Subscrição

Passear pela cidade
Já não se pode mais, não!
Saindo a temeridade,
Encontra a subscrição!

Um papel em cada canto,
Em cada bolso um papel:
Neste pede esmola um santo,
Naquele pede Lusbel!

Aqui rifa-se um cavalo,
Velho, manco de topar...
No dono manqueja um calo,
De tanto calo passar.

A devoção pede cobres
Para novenas sem fim...
Como o Céu pertence aos pobres,
Iremos ao Céu assim...

Busca a órfã quem a acuda...
Vai casar-se... era tão só!
A todos pede uma ajuda
Para os preparos do nó.

Amigos atrapalhados
Já trazem papel no bolso...
Nunca saem os emprestados
Que não fique o desembolso.

A viúva suplicante,
Seu atestado a mostrar...
É chafariz ambulante
Que nos deixa a tiritar!

Quem de filhas tem rosário,
Precisando vender ouro...
Eis arranja um — *cabeçário*...
E manda à rua o namoro!

Mendiga a literatura,
Para o seu livro imprimir;
Sem a nossa assinatura
Não pode um bardo carpir!

E, passando o benefício,
Vai à caça a linda atriz;
Ao lado o senhor Fabrício
Toma o nome da perdiz...

Mas, se fossem só os pobres,
Que nos atracam, tais cômicas
Ai, sobrariam alguns cobres
Para as caixas-econômicas!

O pio estab'lecimento,
De moças faz comissões...
Um concerto d'espavento!
Ei-las vendendo os cartões!

E esperto condecorado
Quer a medalha of'recida;
Manda à finta um dedicado
Que nos pede — a bolsa ou vida!

Outro deseja um retrato...
Já manda à rua uns suíços!
Cousa de muito aparato,
Em paga de seus serviços!

E o presente dos amigos,
Na loteria primeira?
É invenção d'inimigos...
Parece com ladroeira!

Às vezes recende incenso
O papelinho comprido...
É moça que vende um lenço
Para comprar um vestido!

Um jantar à presidência!
Festa a qualquer figurão...
Atraca até à indigência,
De casaca, a — adulação.

A preguiça, de alfarrábio,
Lembra a família do lar...
Se um rapaz nasceu p'ra sábio,
Esmolas... para estudar!

Quer telha a casa de palha
D'umas mocinhas sem pais...
Pede um defunto a mortalha...
Outro — um enterro capaz...

Por isso a necessidade,
Quando sai, se esconde bem;
Pois o cão — mendicidade
Anda ao faro do vintém.

Quanto papel pede tinta,
Fazendo um triste papel!
A sanguessuga da finta
Tira o sangue e deixa o fel!

Passear, pois, na cidade
Já não se pode mais, não!
Saindo a temeridade,
Encontra a subscrição!

O Bom-Tom...

Noutras eras a dona, sendo honrada,
Era séria na rua...
Morreria chorando de vergonha,
Se lhe vissem, meu Deus, a perna nua!

Mas, hoje a saia ajeita, e... mostra a perna...
E ri-se em alto som...
Os olhos requebrando para os homens...
Seja moça, casada, ou seja velha...
São cousas... do bom-tom!

O Pecado

Pecado!... Por tua causa,
Onde o Éden terreal?!
Derribaste a velha Eva,
Esta o chefe do casal;
Por tua causa doeu-me
Hoje um dente do queixal...
E a humanidade imergiu-se
N'um medonho tremedal!

Vivia Eva ditosa,
Ao lado do seu Adão,
Sem febre, sem reumatismo,
Sem a menor inchação...
Ai, nunca comprou fiado,
Ai, nunca pagou seu pão!
E, entretanto, sempre farta,
Sem medo de indigestão!

E jamais teve ciúmes
De seu Adão, de seu bem;
Nunca sofreram visitas,
Nunca emprestaram vintém;
Os tigres eram cordeiros,
Serviam de palafrém;
E frutas tão saborosas
Quem teve-as iguais? Ninguém!

Até conta a velha história,
Nos alfarrábios senis,
Que jamais sentiram pulgas
Aqueles entes gentis...
Dormiam n'um doce amplexo
Sobre verdoso tapiz,
Sem cuidados, sem frieiras,
Sem defluxos de nariz!

E tu vieste na forma
D'uma serpente infernal!
Caiu Eva e seu marido
No teu abismo fatal:
Adeus, venturas da vida...
Tornou-se a gente mortal;
E a descendência que sofra
O teu veneno letal!

Expulsos do Paraíso,
Ai, como se expulsa um cão!
E passar de pais a filhos
Tamanha condenação!
Que culpa tive — me digam —
De nascer do tal Adão?!
Mas, a cousa não tem jeito...
É sofrer quer queira ou não!

Mas, enquanto tiver forças,
Hei de, ó, vil, te maldizer —
Como o partido debaixo
Sempre insulta o do poder —

Por tua causa, ó, pecado,
Eis-me agora a padecer, —
Condenado a mil doenças,
A trabalhar... pra comer!

E apesar do que fizeste,
Tu não me largas de mão;
Em qualquer ato da vida
Sinto a tua tentação!
Pedi aos padres remédio,
Solucei na confissão...
Rezo, jejuo... É debalde!...
Ó, vai-te, cruel dragão!

Pois não basta o grande calo,
Que sinto no pé doer?
Ver tantas cousas bonitas
Sem podê-las obter?
E ainda queres, perverso,
Minha pobre alma perder?
Depois de feros tormentos,
Levar-me ao inferno a arder!

Por isso, infame pecado,
Tenho razão de clamar:
Tu és um grande patife,
Que não me queres largar!
És causa da seca e peste...
De tudo que faz chorar!
Serpente falaz, maldita...
Ó, hei de sempre bradar...

Amor e Medo

A J.T.A.

Foi entre as ondas d'inspiradas notas,
Entre os eflúvios de harmonia santa,
Que n'um enlevo contemplei seu rosto...
E vi seu riso divinal, qu'encanta!
Então a aurora despontou-me n'alma...
O sol em breve no meu peito ardeu...
E após a tarde — da saudade emblema —
Me entristeceu!...

Depois, n'um baile, que ditoso enleio...
Eu a seu lado, lh'escutando a voz,
Lia em seus olhos celestiais arcanos...
Ó, como o tempo decorreu veloz!
Mas, finda a festa, desprendendo as asas,
Ao doce ninho o colibri voou...
Minh'alma segue-o... n'outro dia o corpo
A acompanhou!

E achei-a pálida! Pobre moça! Acaso
Fora a saudade que roubou-lhe a cor?!
Ó, sim! Seus olhos revelaram súplices
O que meus olhos lhe disseram — amor!
Em terno enlevo, que ventura a nossa!

Quanto mistério... qu'emoção senti!
Seus pais sorriam, que sorriso aquele...
Não entendi!

Mas, hoje entendo... Que afeição em tudo!
Seu pai me aperta fervoroso a mão...
A mãe me abraça... O pequenito mesmo
Me estende os braços... Nem me late o cão!
Em que rascada, Santo Deus, meti-me!
Ri-se o vizinho... todos falam... sei...
E ela... e ela encomendando as rendas...
Que mais direi?!

Direi... que vivo banzeiro,
Tremendo, quase a chorar;
Porque vejo que o negócio
Não se acaba sem altar...
Eu amo... mas, não queria...
Tenho medo de casar!

O Mundo

Por mais qu'estude e medite,
Não posso agradar o mundo!
Por mais que um meio cogite,
Ei-lo de rosto iracundo!

Meus atos sempre condena
Sem a menor piedade,
M'infligindo a dura pena
De sua mordacidade.

E nas ações mais formosas
Até descobre maus fins,
Como serpes venenosas,
Ocultas entre os jasmins.

Pois quando a virtude é clara:
— Calculista!... Após... verão... —
Já diz um riso da cara
O gesto d'uma irrisão!

A sua maledicência
De tudo fala... acha mau...
Treva espessa, ou resplendência...
Fel de boi ou mel de pau!

Se durmo, sou dorminhoco;
Se não durmo, espertalhão,
Como macaco no toco,
Espreitando a ocasião.

Se falo, sou um maçante!
— Quanta asneira que faz rir!
Se não falo, — ignorante
Que apenas sabe cuspir!

Se despendo generoso...
— Que perdulário sem tento!
Se economizo cuidoso...
— Que sovina, que avarento!

Se me veem laborioso...
— Descomedida ambição!
Se descanso: — Que ocioso...
Se nada faço: — Ó, poltrão!

Se rezo: — Qu' hipocrisia...
Tenham medo... é lazarista...
Se não rezo: — Ó, quem diria?...
É ateu... positivista!

Se infeliz eu empobreço...
— Mãos abertas... mandrião!
Se ditoso eu enriqueço...
— Há mistérios... é ladrão!

Se choro: — Decerto é tolo...
Ou prantos de crocodilo...
Se me rio: — É sem miolo...
Ou fingido é tudo aquilo...

Se visto bem: — Que janota,
Que namorado e pimpão!
Se mal me visto: — Qu'idiota...
Anda mesmo um besuntão!

E tudo o mais neste gosto,
Haja ou não haja razão!
Nas calçadas ao sol posto.
Toma fresco a detração...

Ou da taverna no fundo,
Onde se bebe a cerveja:
Em muito jornal imundo,
Que a nossa imprensa negreja!

Co'a irmã maledicência
Ou da calúnia no colo,
Morde a virtude, a ciência,
Até nos filhos de Apolo!

De sua língua a navalha
Nas rodas anda afiada;
Sem piedade retalha
A carne da gente honrada...

Quando lh'escapa o elogio,
Já cavalga uma intenção;
Atira flores no rio,
E pedras na multidão!

Ou como arteira serpente,
Sempre funesta a ferir,
Só lambe o corpo inocente
Para o poder engolir!...

Não há mais mulher honesta,
Homem de bem, de valia...
Tudo a baba podre empesta,
Na fúria da hidrofobia.

Por muito esforço que faça,
Ó, quem consegue escapar?
Ninguém pode pôr mordaça
No mundo p'ra não falar.

— Ó, bola, tomai juízo,
Mudai vossa condição;
Qu'assim não sois paraíso,
Sois uma aperreação! —

Mas, não toma o meu conselho
O velho e caduco mundo,
E quem meter o bedelho
Sofre um bote furibundo!

Por isso perdi a esp’rança
De melhorá-lo sequer;
Toca agora a encher a pança...
Diga o mundo... o que quiser!...

Impressões d'um Baile

Há muito tempo qu'eu não via uma baile!
Metido nas montanhas,
Dava à lida o meu tempo, e o resto ao sono...
Ou vagava, qual vaga um cão sem dono,
Da cisma nas entranhas.

Mas um dia, uma velha já caduca,
Que se chama Amizade,
Mandou-me recrutar pelo Convite;
E algemado lá fui, sem apetite,
Ao baile da cidade.

Fui ao baile, sim, fui; não se admire,
Nem se espante ninguém;
Casaca, pincenê, luvas de p'lica...
E linda gravatinha alva e pudica...
Que sou gente também...

Só não pude dançar... qu'em minhas pernas
Pesava um reumatismo!
E por isso à Dom Juan fito o pagode,
Num portal a torcer o meu bigode,
Fingindo romantismo.

E vi a valsa... e na valsa
Não só pulavam donzelas,
Como casadas também...
Uma, que estava pejada,
Tornou-se carga pesada
No dorso do palafrém!
No rapazio agarradas
Como as ostras no rochedo,
Ou canoas atracadas
Lá no trapiche ou no cais...
Corriam, meu Deus, sem medo
De seus esposos e pais!

Ora n'uns loucos volteios,
Ou em bruscos empurrões;
Quase ligados os seios...
Um d'outro aspirando anseios,
Entre apertos, beliscões...
Nos amplexos, — quase unidos
Os rostos enlanguescidos...
As mãos roçando os quadris!
Todos os cinco sentidos
Trabalhando senhoris...
Olhos, vendo... ouvindo, ouvidos...
Cousas... que o bardo não diz...
Fragrâncias pelo nariz...
Suave o gosto, o sabor...
Quantas delícias no tato...
Quantos mistérios d'amor!

E tu não vias, marido?!
Não reparastes, ó, pai?!
Pois, eu rondando nos ares,
Tive um receio, escutai:
Que vendo vós os tais pares
Houvesse pancadaria,
E terminasse a folia
Em muito gemido e ai!
Mas sosseguei — quem diria? —
Topando a filosofia
Na vossa fisionomia,
Grave esposo e santo pai!

Então contou-me um jovem, douto imberbe,
Literato atual,
Qu'era filha da neve aquela dança,
Da zona glacial,
Onde o sangue não pula com pujança
De burro em capinal;
Excelente no gelo... Nos calores,
Simplesmente imoral;
E que teve da moda um louco aceite,
Nos brasílios saraus,
Qual das focas terá — um dia — o azeite,
Bebida d'*Esquimaus*...

E emudeceu o erudito,
Vendo umas donas passar,
Com *toillete* esquisito
De fazer arrepiar;

Longas caudas nas roupagens,
Imitando — *almas-de-gato* —
Aves de rabos iguais;
E decotadas demais...
Mostrando certas paragens
De seus colos sensuais...
Os braços todos despidos
E da vacina os sinais...
Bem retratando a indecência
Em vestes de carnavais!

— Eis de Roma — prossegue o literato —,
Mas, da Roma pagã,
Nos trajos — as hetairas graciosas...
Que loucura, meu Deus, as virtuosas
Trajando à cortesã...

Como podem, senhor, ser veneradas...
Que direitos terão?...
Se vergonha no mundo existe ainda...
Ai, quanta não terá o pai da linda...
O esposo moleirão?!

E que modos, notai, tão desenvoltos...
Pois, é civ'lização!...
Que costumes tão livres e mundanos...
Muitas vezes me julgo entre os ciganos,
Do baile no salão!

Abra a História e verá quantos exemplos...
Que profícua lição!
Para onde — exclamou — nós caminhamos?...
— P'ra mesa, respondi: — é tempo, vamos
Tomar o chá com pão! —

Ele riu-se de mim, e eu ri-me dele...
Ri-se o mundo de nós...
E volvi à montanha, à soledade,
Do baile aborrecido e da cidade...
De tudo... até de vós!...

O Bandoleiro

Era um pobre cão pelado,
De mazelas armazém,
Já sem vergonha e sem carne,
Sem brios de cão de bem.

Roía um osso esquecido
Em monte de lixo imundo;
Coitadinho, morto à fome,
Desprezado pelo mundo.

Nem sequer um nervo tinha
Aquele ossinho a comer:
Quase seco... e o desgraçado,
Virando-o, sempre a lamber!

‘ Té que exausto, pelo esforço,
As patas no chão firmou,
E tristonho e gemebundo,
Fitando o lixo exclamou:

— Ó, sorte, sorte mesquinha!
Ai, que penoso sofrer!
E entretanto, venturoso,
Já tive farto viver!

Fui nos mares da política
O nauta que naufragou!
Entre os cães fui prestimoso,
Muito diploma me honrou.

Aos meus chefes afagava,
Com mui servil submissão.
Que subir era o meu sonho,
A minha cega ambição!

Tornei-me, pois, instrumento,
Sem o menor pundonor;
Mas, sendo cão bandoleiro,
Mudei muito de senhor.

Se rasteiro hoje seguia
O chefe de uma facção...
Amanhã o abandonava,
Mordia-o sem compaixão...

Que seu contrário subira,
E eu não largava o poder:
Queria voar depressa,
Para as distâncias vencer!

E, pois, curvado, de rastros,
Os pés de todos lambi;
Logo depois os traindo,
A todos logo mordi.

Enganou-me a minha estrela,
Julguei ao mundo iludir...
Com semelhante esperteza
Aos altos cargos subir...

Mas, eis — ó sorte funesta! —
Que me apontam como o cão
Mais *refalsario*, mais torpe,
E monstro de ingratidão!

E logo me abandonaram,
Cheio de lama e de pó!
Quando contrito eu volvia...
Que pontapés... ai, sem dó!

Ninguém escuta os carpidos
De meu triste coração,
Ninguém me quer na cozinha...
Sou um tipo de abjeção!

Eis meu estado e castigo!
Me restam sarnas a mil,
Piolhos, chagas, desprezo,
Aquilo que dá-se ao vil...

Este monturo asqueroso,
Sem carne, um osso a roer...
Tomai lição, bandoleiros,
Neste cruel padecer! —

E o pobre cão não chorava,
Que prantos não tinha mais;
Riu descrente, como riem
Os delambidos mortais.

E retomando o seu osso,
Ei-lo de novo a chupar...
E eu, que perto o escutara,
Retirei-me a murmurar:

— Muitos, assim, entre os homens,
Ora veem os olhos meus!
Mas, não declino seus nomes,
O mundo os conhece... e Deus!

Formosura!

. . . . . .
Quem não cai ajoelhado
Ante um rostinho formoso,
De triste pranto banhado?...

— Meu Deus, meu Deus, que sentis?!...
Por que chorais, ó, Senhora?!
Que tendes, olhos gentis?! —

E se a bonita chorona
Tem uns cabelos sedosos,
Soltos, esparsos, perdidos,
Ai, sobre uns ombros mimosos?
Se tem olhares ardentes
Os olhos seus lagrimosos?
Longos cílios, boca breve,
E colo... dos perfumosos?...
Quem ao vê-la... não suspende
Os passos de seu andar?...
Ou não dá-lhe uma cadeira
À sombra de seu solar?
E depois de mil carícias
Também não põe-se a chorar?!...

Mas, se a chorona é das feias?...
Se tem olhos de coruja...
E uma camada de sardas,
Que lhe torna a face suja?
Cabelos de quem não vive,
Nuns ombros de quem morreu?
Haja franqueza e verdade!
Dizei... quem se comoveu?!...

— Não posso ouvir-vos, Senhora...
Saí... deixai-me passar! —
Ninguém lhe dá um consolo,
Uma cadeira em seu lar!
Ninguém, ninguém se comove,
Ninguém lhe escuta o pesar!

Nem sequer o filantropo,
E o caridoso sequer!
Que modos bruscos, grosseiros,
E caras de Lucifer!
Pois se é feia, 'inda mais feia
Fica, chorando, a mulher!...

Assim o mundo... Portanto,
Quem for bonita... que chore!
Mas, que até eu mesmo ignore
Das feias o prantear:
Assim o mundo... já disse...
E devo, pois, me calar!

Os Barões

I

Eu não canto os barões assinalados
Por atos de virtude ou d'heroísmo...
Mas espertos e torpes titulados,
Egrégios na baixeza e no cinismo!
Que os primeiros são tão raros
Nesta terra em que nasci,
Ao passo que dos segundos
Mais de um cento conheci!
E deles cada qual o mais tratante,
Mais néscio e mais servil...
Em fidalgos ruins já ninguém vence
Por certo o meu Brasil!
E se alguém duvidar ponha a luneta
E o passado examine dos barões...
Empurre no presente uma lanceta
E verá o que sai... que podridões!
Ou procure, que tenho na gaveta,
Alguns apontamentos ou borrões...
Mas, trabalho é demais... ninguém se meta,
Antes leia estes traços a *crayons*.

II

Ó, quem não conhece o Neves?
Que maganão!
— Sou barão do Campo-Escuro...
— Ora, o barão!

Que serviços à lavoura,
Ó, não prestou!
Pois as plagas africanas...
Despovoou!

Navios e mais navios
De negros nus...
Ah, no seio da mãe pátria
Vertiam pus!

E os pretinhos soluçavam...
Que toleirões!
E quantos, quantos morreram
Lá nos porões!

Esposas sem seus maridos,
Filhos sem pai...
Roubados aos seus penates,
Soltando um ai!

Mas, rendiam, bem vendidos
Esses chorões...
E demais não eram gente,
Eram borrões...

E Neves, os transportando
Para o país...
Quase o agarra um cruzeiro
Pelo nariz!

E nisto ganhou pecúnia...
Enriqueceu;
A pátria reconhecida
O enobreceu.

Se já foi um dia — Neves —
Não é mais, não...
— Sou barão do Campo-Escuro...
— Ora, o barão!

III

Que ativo contrabandista
Foi outr'ora, — e ainda o é —
Aquele esperto Fulgêncio,
O barão de Gereré!...

Quem mais ligeiro no ofício!...
Sagaz!
Por entre as trevas da noite...
Traz...zas!

As cousas vinham dos barcos,
Sem o fisco examinar...

Pelas artes de berliques,
Passavam todas no ar;
E por artes de berloques
Nunca as puderam pegar!
E as que vinham pelo fisco
Mudavam de condição...
Popelinas despachadas
Por fazenda de algodão!

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

E desse modo Fulgêncio
Depressa se f'licitou...
Passando mil contrabandos
Em pouco tempo enricou,
E para não ser Fulgêncio,
Um baronato arranjou!

Hoje é fidalgo...
Dos nobres é:
Barão exímio
Do Gereré!...

IV

Começou devagar, vendia aos quatro,
Passou depois a dez, a vinte, a cem...
E há quem diga, meu Deus, que o negocinho
Dos melhores não é?! Pois, rende bem!

E que belos escravos... que pechinchas!...
Que lucros não tirava o meu Pinheiro!
Comprava-os no sertão pelo barato,
E vendia-os no Sul por bom dinheiro!

E tornou-se perito, pois a cousa
Não parece, mas tem sua ciência:
É mister conhecer as *peças* finas,
E não ter coração nem consciência.

A boca escancarar p'ra ver os dentes,
Do negro devassar o corpo inteiro...
Tudo, tudo, meu Deus! Ó, nesse ofício
Um grande professor era o Pinheiro!

Mil perguntas fazia e mil exames,
Como artista sem par no entusiasmo!
Se o pretinho era bom... como exultava!
Mas, se a *peça* era má... quanto sarcasmo!

E passando ao negócio... que espertezas!
Depois na própria casa encarcerava...
Ao chegar o vapor... quantos magotes,
Sorrindo, para o Sul não desterrava!

E se a escrava, abraçando o caro filho,
Medrosa do futuro soluçava...
Que discursos não tinha o filantropo!
Como terno e mendaz a consolava!

Ó, cena a mais cruel! — Ver-se arrancado
Às doces afeições... ao lar natal...
Mas, Pinheiro dizia: — Uma fazenda
Do Sul... é um paraíso terreal! —

E assim ganhou Pinheiro uma fortuna,
Que dizem ser das boas do país;
E como o nome seu fedia a — escravos,
Crismou-se de barão do Chafariz!

V

Era um homem serviçal;
Por isso de alguns senhores
Sempre amigo especial!
As crianças o amavam,
A sua vinda anelavam...
Ao vê-lo, quanto fervor!
Se ele lhes dava bonitos
Bonequinhos, periquitos...
Agrados de muito amor!

Que mãe, que pai, que avô
Não ama a quem lhe festeja
O dengosinho yoiô?!

E quem não gosta daquele
Que se alegra em nos servir;
Que, sem *soberbas* faz compras
De nossa casa, a sorrir:

Que vai a qualquer mandado,
Que nos é fiel criado,
Que sabe lisonjear...
Que tem sempre mel nos lábios,
Doçuras no seu olhar?!

Pois era assim o Taveira!
— Mas, que Taveira, ó, senhor?
— Um bodegueiro da Corte...
De molhados mercador.

Taveira tinha uma ideia...
Quem não tem dourado sonho?
Ah, quantas vezes risonho
Ele antevia o seu fim?!
'Té que raiou a alvorada
Ardentemente almejada!
Vestiu-se Taveira às pressas,
Consigo dizendo: — Enfim!

E foi agarrar-se às saias,
Aos cueiros das crianças...
Na febre das esperanças,
Nos delírios da ambição!
As madrinhas não faltaram...
Maridos não descansaram...
Até nenéns o ajudaram...
Se era justa a pretensão!

Ai, tudo vence o empenho,
Ai, tudo arranja o amor!
Em poucos dias, portanto,
Embarcou-se num vapor
Para o Prata — então em guerra —
Taveira — o fornecedor!

E quando findou-se a luta,
Ele era um rico senhor!
Não mais aquele Taveira,
Mas, gentil Comendador;
Pois da tropa brasileira
Fora um bom fornecedor!

Realizara o seu sonho!
Forneceu... esta nação...
Ó, quanto patriotismo,
Qu'imensa dedicação!

Hoje, por isso, o Taveira
Não é mais Taveira, não...
É um fidalgo orgulhoso,
Das Muambas é barão.

VI

Pão-Torrado foi padeiro
E cousa muito ruim!
Como vendia barato...
Ganhou uns cobres enfim!

Abriu depois uma venda,
Que chamava botequim;
Como comprava uns furtinhos...
Ganhou uns cobres enfim!

Um armazém de molhados:
Quando se sobe é assim!
Como o vinho batizava...
Ganhou uns cobres enfim!

Dinheiro sobre penhores,
Num escuro camarim!
Como nunca teve escrup'los...
Ganhou uns cobres enfim!

Meteu-se em compra de gêneros,
Algodão, café, ó, sim!
Como os pesos aparara...
Ganhou uns cobres enfim!

Fez contratos no Tesouro
P'ra colonos de Berlim!
Como tinha as costas quentes...
Ganhou uns cobres enfim!

Disseram que passou notas,
Jeitoso qual serafim!
Como tinha sócio grande...
Ganhou uns cobres enfim!

Eis que um dia acordou rico...
N'outro... puro qual jasmim!
Já não era o Pão-Torrado...
Mas, o barão d'Alecrim!

VII

Eis os nossos barões... ó, quem não ri-se
Ao vê-los nos festins, graves, altivos,
Impando de soberba e pança cheia?!
— Não vês o Campo-Escuro? Ó, qu'eminência!
— Ali vai Chafariz... Que porte austero...
— Conversa o de Muambas... Quanto espírito!
— Medita o Gereré... Que profundeza! —
Aprecia-os somente a parvoíce,
Ou mera convenção de seus parceiros...
E os bobos a pensar que a cousa é certa,
Que deveras são nobres, — que nas veias,
Lhes corre o sangue azul d'alta linhagem!
Enquanto do bom senso as hostes passam,
Sem neles reparar, ou rindo ao vê-los...
E a velha tradição, botando o xale,
Muitas vezes na rua comemora:
Dos fidalgos brasões a suja origem...
Da nobreza atual... as lendas torpes!...

— Março, 1883 —

Bons - Bocados

Senhora, que bons-bocados
Sabem vossas mãos fazer!
Que doces deliciosos...
Nunca os comi mais gostosos,
Nem me fartei de os comer!

Que mago aroma não tinham,
Que delicado sabor!
Traziam filtros d'encanto...
Pois tanto comi, ó, tanto,
Que fiquei... louco de amor!

E fiz um grande banquete,
Dentro do meu coração...
Minh'alma sentou-se à mesa,
Dizendo com singeleza —
Que vos tem muita afeição!

Depois, Senhora, que sonhos
Nas horas do repousar!
Larguei do mundo os pecados,
E sonhei que os bons-bocados
No céu estava a cear!

— Ó, delicadas mãozinhas! —
Acordei dizendo assim:
Beijar-vos quisera agora...
Não sois de humana senhora...
Mãozinhas d'um querubim! —

E de joelhos vos peço,
Senhora, por compaixão...
Receita dos bons-bocados,
Desses doces encantados,
Que prendem minha razão.

Não levam somente açúcar,
Nem coco e ovos... bem sei!
Maná do céu posto ao lume...
De vossas mãos o perfume...
Ó, vede se eu acertei!

Decerto, sim! Entretanto
Não precisava o maná!
De vossas mãos o perfume
Bastava, porque resume
De mais gostoso o que há!

Agradecer-vos me resta:
Senhora... quanto prazer!
Muito, muito agradecido
Pelo mimo recebido...
Pelos que mais receber!...

Os Relógios

Em certa roda um poeta,
Querendo saber a hora,
Do bolso puxa um relógio,
De metal que já descora.

O relógio era suíço,
Custara trinta mil réis,
Entretanto os seus ponteiros
Não eram nunca infiéis.

Riu-se então ferino escárnio
Nos lábios d'um figurão,
Dos que sobem como o cisco,
Nas águas da inundação.

E o magnate puxando
Um rico patente inglês...
— Este sim! — disse ao poeta: —
Guarde o seu... para outra vez...

Mas, vermelho como o lacre,
O poeta lhe tornou:
— Nem sempre regula o mérito...
Neste mundo aonde estou...

Muitos relógios conheço
Da mais servil ascendência...
Que, embora torpes, regulam
Como... o de Vossa Excelência...

E o magnate, enfiando,
Desconversou... foi-se embora;
Os outros ficam sorrindo,
Fica o bardo... vendo a hora.

A Barriga

Enquanto os vates d'agora,
Nas asas da inspiração...
Repetem, mudando termos,
D'outr'ora a velha canção...
E enquanto o jantar não vejo...
Eu, à moderna, trovejo,
Nas asas da inspiração!
Descantando a humana pança,
Porto de toda a esperança...
Lá vai a obra... atenção!

Ó ventre, ó pança, ó barriga,
Nume dos filhos de Adão,
Farol nos mares da vida,
Nas hostes áureo pendão...
Por ti as nações da terra
Movem tropas, travam guerra,
Banhando de sangue o chão;
E altivo marcha o soldado,
Pois vencendo o denodado,
Tem vencido encher-te o vão!

Por tua causa trabalha
Jurisprudente doutor...
Insulta, provoca o próximo,

Transforma-se em falador;
E muita vez na audiência
Abandona a consciência
Por um prato sedutor...
Assim como na Assembleia,
Transige, muda de ideia,
Vende o voto, o pundonor!

E quantas vezes o médico,
Fingindo o mal conhecer,
Não receita ao pobre enfermo
Remédio p'ra não viver?
Ou sabendo o qu'ele sente,
Não prolonga ao padecente
O tempo do padecer?
Ou, com vil desembaraço,
Não lhe corta a perna, o braço,
Para a cousa mais render?!

Nas irmandades dos santos,
Engorda o procurador...
E quanta pança não cresce
Nas embrulhadas de amor?
O rapaz procura o dote,
E a moça ensaia o calote
No sorriso encantador...
O pai quer genro arranjado,
O noivo — um sogro abastado,
E a noiva — um rico senhor!

Até, barriga, se és grande,
Dás gravidade também...
No vigário e na casada
A gordura assenta bem...
E em posição eminente
Não é perfeito o vivente
Se grande pança não tem...
Que a magreza faz *mogango*,
Faz d'um home' orangotango,
Que não atesta vintém...

Em conclusão, qual a causa
Da mentira mercantil...
Das traficâncias e lidas,
'Té nos rigores de abril?
Das tricas d'alto estadista,
Das vigílias d'um artista,
De tanto lidar febril?
A barriga!... Tudo anseia
Encher a pança vazia,
E ser de gozos funil!...

Egoísta? — só me chama
Quem não pode a sua encher!
O pobre fala do rico,
Mas deseja enriquecer...
Assim o mundo!... Egoísmo?
Se é mola deste organismo,
E luz do nosso viver?...
Egoísmo seja embora...

Barriga, quem não te adora...
Quem não gosta de comer?!...

O mesmo bardo inspirado...
Das nuvens o trovador;
Jamais do ventre se esquece
O mais etéreo cantor...
Que tu encerras a ideia
D'uma sublime epopeia...
Da humanidade, ó, amor!
Mas, são horas da papança...
Quem puder, cuide na pança...
Qu'eu vou jantar, meu leitor!...

A Dor

... E corre a linfa pelo rosto abaixo!...
Nascem dois rios — navegáveis ambos:
Alguém nas ondas... Um barquinho desce,
Entre os relampos das pungentes queixas
E as trovoadas dos soluços roucos,
N'asa dos ventos que os suspiros sopram!...
E quem o nauta, o aventureiro afouto,
Que sulca mares, que a procela agita?...
Ó! quanto esforço denuncia a marcha!
Talvez há pressa... Que nos fale ao menos:
— Olá, do barco! — Nem sequer responde,
Mas voa e passa!...
O fugitivo nauta
É a dor que esvai-se quando desce o pranto!

A Fortaleza

I

Vem hoje o bardo Silvanus,
Neste dia festival,
Dar — vivas! — a Fortaleza,
Sua cidade natal;
Entre os vates soberanos,
Cantores d'altos arcanos,
Peço lugar para mim:
Se não trago as lindas flores,
Que, nos Andes, os condores
Colheram para o festim...
Nos meus lábios vêm mil bravos
Para quem, remindo escravos,
Cumpriu a lei de Jesus!
Para a pátria de Iracema,
Que transformou-se em poema
Chamado — Terra da luz! —

Ó, sim! Que imensa alegria!
Minha cidade gentil,
Seu nome dourou na história,
C'roado de eterna glória,
Como na fausta vitória
Que memora hoje o Brasil, —
De vinte e quatro de Maio,

Onde o infeliz Paraguaio,
Batido sem piedade
Pelo Clarindo e Sampaio,
Viu Tibúrcio, o general,
Guiando a ingente coorte
Dos invencíveis do Norte,
Por entre metralha e morte,
Para um triunfo imortal!

— E tu festejas, cidade,
O feito que nos eleva,
Conduzindo à claridade
Quem se estorcia na treva...
Na treva da escravidão!
Dizendo d'áurea tribuna:
— Na *taba* do Jacaúna
Não mais cativos... ó, não! —

II

Quanto prazer neste dia!
Mas, quantas lutas e dores
Não custou esta alegria!...
Os heróis libertadores
Que nos contem seu sofrer,
Desde o ditoso momento
Em que, desfraldando ao vento,
Bandeira do grande intento,
Se ergueram p'ra combater...
Bradando, quais velhos godos:

— Todos por um — um por todos! —
Lutemos até vencer! —
E travou-se um prélio imenso!
O ódio lavrava intenso
Entre os negreiros mais vis!...
Quanta calúnia e sarcasmo
Contra o santo entusiasmo
Dos guerreiros juvenis!...
Mas, neles, que gentilezas,
Arremessando às vilezas —
Partidos grilhões servis!

Depois um governo infame
Apareceu no certame,
P'ra sufocar o tentame
Com torpe perseguição;
Mas, esse imigo nefário
Só conseguiu o contrário...
Que fortalece o calvário
Das crenças à legião!

E a luta, já bem travada,
Tornou-se mais porfiada,
Sem trégua, sem compaixão...
Do Poder cada estocada
Vingava a falange honrada
Com muita emancipação!
E quando o seu Frederico
Viu cair sob o *tacape*,
Liberta o nobre Acarape,

A vila da Redenção!
São Francisco e Pacatuba
Logo após... Da fama a tuba
Irrita mais o leão...
Que pula e levanta a juba
Contra o quinze batalhão,
Desterrando-o para longe,
Por ter livre opinião;
E demite o ilustre Almino
Por discurso celestino,
De seu estro inspiração!

De tanto golpe ferino
A represália... qual é?...
Hoje o Icó se emancipa,
Amanhã... Baturité!
E como o governo infame
Mais investe no certame,
Como assanhado chacal...
Agora os libertadores
Dão-lhe descargas de flores,
Libertando a Capital!...

II

Eis soa a hora almejada
Da civil solenidade,
Em que a formosa cidade
Se declara emancipada;
Nas ruas, quantos adornos,

Que viçosa e flórea arcada!
No meio dos ramalhetes,
Bandeiras e galhardetes
Do Brasil, d'outras nações;
Em toda parte foguetes
Sobem dos verdes tapetes
Para as altas regiões;
Enquanto os hinos ressoam,
Do povo os brados ecoam,
Festivas aclamações!...
E no semblante daqueles
Que gemiam nos grilhões,
Do sol da completa dita
Que vivas cintilações!
Alguns se julgam no sonho
Suave, sutil, risonho,
Da madrugada infantil...
Que custa a crer na ventura
Ao filho da desventura,
Afeito ao temor servil!

Mas soa a hora almejada!
E a donosa Fortaleza,
No meio da realeza,
De fina seda trajada,
Tendo ao lado o Gutemberg,
Com sua imprensa ilustrada,
Ao trono sobe e assim fala:
— Triste filho da senzala,
Sois livre, sois cidadão!
Que o meu seio já não mancha

A nódoa da escravidão!
Sabei vós, nações estranhas...
Sabei vós, pátria-nação! —

Que trovoada de — bravos!
Das palmas quantos fragores!
Que chuva densa de flores...
Que inundação de eloquência
Dos talentos oradores!
Nos rostos, como irradia
A prazenteira ufania...
Que festa resplandecente!
Mas, silêncio! Docemente
Inspirados trovadores,
Áureas liras dedilhando,
Agora estão descantando
Os merecidos louvores!...

IV

Chegou a vez de Silvanus,
Também chegou sua vez!
De casaca e luva branca,
Eu me aproximo cortês:
— Salve, terra de Iracema,
Minha cidade natal! —
Ó, musa, dai-me um poema!
Lira! o som mais festival!
— Fortaleza! O teu poeta
Mais humilde, hoje, também
Veio brindar-te na festa,

Veio dar-te o parabém!
Desculpa, ó linda princesa,
De sua frase a rudeza...
E escuta-a com singeleza
Em teu faustoso salão!
Quisera entoar o canto
Da minha admiração...
Um hino de mago encanto
Ao feito que causa espanto,
À tua divina ação!
Mas, cidade que amo tanto,
Debalde busco a expressão
Para o fervor, para o pasmo,
Para o ardente entusiasmo
Que me queima o coração...
Não posso!... As hostes escravas
Banhaste do amor nas lavas!
Acaso existem palavras
Para tamanha emoção?!
Debalde n'alma as procuro!
Por isso o bardo obscuro
Vem comovido e silente
Aos teus pés depor somente
Um ramalhete de cravos...
Que de infelizes escravos
Fizeste ditosa gente!

Colhi-os, linda princesa,
Das choupanas nos canteiros,
Plantados por jangadeiros
Para esta festa sem par...

Naquele dia sublime,
Quando forte fez-se o vime,
Trancando o porto do mar;
Quando os nautas das jangadas,
Ante às ondas ultrajadas,
Bradaram nos areais:
"Ó, ricos, também os pobres
São livres, também são nobres;
Guardai, pois, os vossos cobres
Dos comércios canibais...
Qu'este barco brasileiro
Não se presta ao cativeiro...
Ó, ricos, ouvi, não mais!"
E depois, sempre altaneiros,
Foram plantar os craveiros
Para enfeitar, nos terreiros,
Os seus arcos triunfais!

E assim, ó, minha cidade,
Eu preferi estas flores,
Que plantou a liberdade,
Regando-as com seus amores...
Não têm as vestes pomposas
Das belas, fidalgas rosas,
Nem perfumes do Japão...
Mas, na cor a candideza,
E na fragrância a pureza...
Qu'importa a sua pobreza?...
São flores do coração!

— 24 de maio de 1883 —

O Que Mais Doi...

(Paródia)

O que mais doi na vida, o que mais custa
Não é cortar um braço!
Nem — quando não nos prende o parentesco,
Ou d'amizade o laço —
Suportar de uma velha ramelosa
Um amoroso abraço!

Não! O que mais doi não é um beijo
Da boca qu'envenena...
Suja mão apertar do falso amigo
Que, na mundana arena,
Traiçoeiro nos morde e calunia...
Nos difama sem pena!

Não! O que mais doi não é o calo
Do pé... ou d'algibeira:
Juntar uns cobrezitos, com mil fomes,
E após tanta canseira,
Emprestá-los, perdendo de mais vê-los,
Esp'rança lisonjeira!

Não! O que mais doi não é, nas horas
D'uma festa esperada,

Tremenda tempestade na barriga...
E enquanto a bem-amada,
Ai, valsa lá no baile... ver-se a gente
Em casa... e tão suada!

Não! O que mais doi não é um tiro
Após um benefício!
Com perigo salvar o desgraçado
Que pisa o precipício...
E mais tarde sentir que a vilania
Pagou-lhe o sacrifício!

O que mais doi, mas de dor que não tem cura,
Que mais nos amofina,
É ver CANA em ROLETE e não ter dentes!...
De Tant'lo a fera guina...
De Frolo o desespero ante a Esmeralda...
Do Quasímodo a sina!

Querer e não poder!... Velho fumante
Privado de fumar!
Chorando, sem rapé, um tabaquista
Nos ermos... ou no mar!
Não há nada, leitores, que mais doa...
Que cause mais pesar!...

Tobias

Do mundo em certo pedaço,
Não se perde ocasião
De elogiar o ricaço...
Embora seja um ladrão!

Eis o grande Tobias... desta terra,
O rico cidadão...
Homem sério, sisudo, grave, austero...
Que espera ser barão...

Mas, aqui em segredo... É um finório
O rico cidadão:
Para a fama gozar de caridoso,
Que aparato se estende um dia a mão!
Concorre alguma vez para as novenas,
Que, judeu, quer passar por um cristão!
Vai à missa ao domingo, a frequentada
Da gente mais elevada...
Da gente de posição!
Aparece, quando lucra aparecendo,
Até numa eleição!...
E nunca, nunca esquece o jornalismo
O rico cidadão...
E por isso nas *locais*

O incansável repórter não enjeita
O mais fútil pretexto de exaltá-lo;
O jovem folhetim vem osculá-lo,
Com sorrisos nos lábios... de corais;
E o sábio gazeteiro
O louva com prazer, no andar primeiro,
Nos seus editoriais.

Entretanto, leitores — afianço —,
Quantos órfãos, ai, quantos, esbulhados,
Das terrinhas que o defunto lhes deixara,
Não choram, sem abrigo... esfomeados?!

Nem o próprio parente ele perdoa!
D'um sei eu qu'arrancou o magro pão...
O trapo derradeiro... em pagamento...
Sem dó, sem compaixão!

E ai dos pobres vizinhos de seus sítios
Ou terras ou fazendas...
Sua extrema a caminhar, — judeu errante,
Os empurra sem pena nas contendas!

E toda a rês sem marca, ou marca estranha,
Vagabunda, fugida, — o barbatão...
Não manda ele ferrar? E quem se atreve
Disputá-la ao ricaço cidadão?...

'Té relata baixinho a noite umbrosa,
Que muita donzelinha soluçara

Nas unhas desse açor...
Que venha o sol depor... testemunhara
Mais d'uma improbidade vergonhosa
E falta de pudor!

Por isso e pelo que dos autos consta,
Embirro, e fico sempre incomodado,
Quando vejo em banquete, ou qualquer cousa,
Tobias exaltar... chamar — honrado!...

Sonho do Celibatário

(Recitativo)

Um dia... um dia... não me lembro quando...
Ó, que loucura!... Em me casar pensei!
Mas, hoje... credo! Quem for tolo, case...
Que eu cá... duvido! E a razão direi...

Era num baile. A fervorosa dança
Pisava os calos... atordoava a gente,
Quando a avistei no *balancê*, dengosa...
E fiquei logo de paixão demente.

Que lisa face, que empoado rosto...
No pó que nuvens de rebique vi!
Que ternos olhos preguiçosos, langues...
Ai, que sorrisos... como me perdi!

Eram bem alvos seus dentinhos, eram...
Não sei se podres tinha alguns, não sei!
Andar de fadas — se as tais fadas andam...
Ó, fora um anjo que na terra achei!

E após olhares de abrasada febre,
E três palavras de ternura e fé...
Pedi-lhe a quinta contradança, e eis-me,

Às onze em ponto, de meu anjo ao pé.
E louco eu disse — o que não diz um louco?
Ninguém se ria do qu'eu disse, não!
— Anjo celeste, querubim, eu te amo! —
Isto, em tremores de quem tem sezão!

"Que val a vida, mergulhado em trevas,
Longe das chamas dos olhares teus?
Viver anelo... Não me mates, virgem!
Não me desprezes, querubim de Deus!

Qu'eu juro amar-te, com firmeza e ânsia,
Em frente às aras apertar-te a mão...
Dá-me a ventura que sonhei na febre! —"
E outras asneiras murmurei então.

Ela escutou-me e estremeceu sentindo
Ecos no peito do fervente amor;
E um — *sim* — tremido, de quem sente engasgo,
Voou-lhe aos lábios com fugaz palor.

E fui p'ra casa, tropeçando... estava
A noite escura como escuro breu!
E suspirando me deitei na rede...
Os belos sonhos não vos conto eu...

Pois nunca os tive, — só sonhei um sonho,
Sonho tremendo que me fez suar...
Sonhei que um padre me casava, ouvi-me,
Com o tal arcanjo que eu jurara amar!

E que o tal arcanjo transformou-se, ó, fado,
Em mulher feia que a ralhar vivia...
Magra, amarela, escorridinha, à toa...
E os olhos fundos de quem sofre azia!

Sujo cabelo num cocó sem graça...
Nos pés sem meias descoradas cores;
E dois chinelos — dois chinelos velhos —
Gritando sempre pelos corredores!

E a roupa sua em desalinho extremo,
E em casa tudo... Que preguiça mesmo!
E a dita esposa num queixume eterno,
E entre as visitas... que tolice a esmo!

Sempre enfezada... e exigente sempre!
De palmo e meio me mostrando a língua...
E eu nos apertos de quem pobre sofre
Dos *cobrezitos* n'algibeira à míngua.

E vinham filhos p'ra aumentar os quilos,
Litros e metros da despesa insana...
Roupa, sapato, medicina, escola,
Gritos pedindo pão-de-ló e cana!

E me cercavam choramigando todos,
Mesmo de noite que viver *sereno*!
Tirando a mama do neném crescido...
Mudando os panos do neném pequeno!

E ela, e ela... a me ralhar tão feia!
Pedindo os *cobres* qu'eu não tinha em mim;
E eu, como um burro a trabalhar cansado,
Burro de carga, padecendo assim!

E nisto acordo, que infernal barulho
Troava perto... no fronteiro lar...
Ralhos... gemidos... Perguntei a causa:
— Era a vizinha no marido a dar! —

Então benzi-me e resmunguei: — Hom'essa!
Ainda ontem em me casar pensei!
Mas, hoje, credo!... Quem for tolo, case...
Qu'eu não me caso... não me casarei!

SEGUNDA PARTE

— Tipos em Prosa —

O Poeta d'água-Doce

Apresento-vos, leitor, o homem mais inútil da sociedade, — o poeta d'água-doce.

Demos-lhe um nome: — Edmundo Ramires.

Conhecei, pois, o Sr. Edmundo Ramires, — moço de robustas esperanças e um dos luzeiros da pátria, como afirmam as gazetas da terra.

Já na escola o jovem Edmundo escrevia versos, pelo que chuchou excelentes bolos de palmatória.

Ó, ferrenha sina dos predestinados, quando deixarás de ser tirânica?

O caso é que não sabia a lição e por isso alisava com as mãos o tostado rosto da férula.

Os versos d'então, surrupiados aos confeiteiros, findavam sempre:

Meu sensível coração!

Passando ao estudo das humanidades, isto é, da infância à adolescência, o jovem Ramires tomou ares de poeta, e declarou-se em perene inspiração.

Leu, releu e decorou a versalhada que pôde encontrar, e com os alforjes cheios d'ilustração trepou-se no Pégaso e galopou no Parnaso.

Chorai, miseranda humanidade, chorai, que mais um inimigo do bom senso, mais uma trombeta para vossos ouvidos, surge do limbo.

A princípio o poeta d'água-doce pertencia à escola antiga: — fazia madrigais, sonetos e odes de todos os padrões, pondo em movimento contínuo os deuses do Olimpo.

Cupido era o maior de espada no jogo, e não o largava sua mãe, a Sra. Vênus, acompanhada às vezes da magna caterva.

O jovem bardo, então, estudava cuidadosamente a mitologia, e aquelas frases mais usadas por seus velhos colegas; depois agarrava o *plectro*, tangia a *ebúrnea lira*, ou tomava a sempre afinada *cítara*, e cantava os *netúnios mares*, os *mavórcios feitos*, as *lindas Nereidas e seu pai Nereu, os áureos campos de Ceres*...

Bistánidas Tácias e Faunos,
Os sátiros brincões,
Em córeas sincinas descantavam,
E... etc.

Assim tudo o mais, entre os mitológicos vates.

Felizmente Edmundo apareceu nos tempos da poesia romântica e filosófica.

Amou aos 15 anos com a veemência própria dos gênios. Uma virgem é traste indispensável ao poeta e motivo das mais horripilantes asneiras. E ele amou e disse portanto muita asneira.

A bem-amada de Ramires, como as de seus colegas, era uma *virgem formosa, — face de rosa, — dente de marfim, — colo de cetim, — lábios de coral, — e olhos de cristal!* — como ele afiançava nestes versos:

Tuas faces, diva formosa,
São de rosa;
Os teus dentes, de marfim;
São teus olhos de cristal...
De coral!
Os teus lábios, querubim!

Os leitores não reparem na metrificação, porque o poeta d'água-doce é ardente apologista — da liberdade poética.

Eu nunca o acreditei, por não ter visto, como de fato ainda não vi, um bicho assim.

Em seguida, o esperançoso poeta cantou os gestos, a voz, os sorrisos e até favores que recebera do tal querubim, nos quais também nunca acreditei; e pouco tempo depois bradava em férreas estrofes — que fora traído, — que não havia fidelidade em mulher, — que esta era nada menos que o demônio, e... copio um trecho:

Mulher, ó fúria, ó harpia,
És o riso de Satã!
Como o vento...
Como as vagas... etc.

E *comendo* vento e vagas, prosseguia em uma série de impropérios, que eu repetiria se quisesse envergonhar os racionais.

Apareceu então na arena poética uma fulgurante estrela, um gênio, — Álvares de Azevedo. Cantou, e sua voz inspirada arrastou e dominou todos os vates. Foi uma completa revolução na poesia. A *vateria* declarou-se toda *byrônica*, e

tratou de estragar o belo gênero que o grande poeta iniciara. Surgiram caricatos *Byrons* de todos os lugares, imitando... ou zurrando em torno do imortal Azevedo.

Tudo cantou: — *Se eu morresse amanhã*; tudo descreu e remontou-se às névoas, e desceu à taverna e lupanares.

Estragando o novo gênero, os vates tocaram os extremos; voando às nuvens, seus cantos eram incompreensíveis, vagos, vaporosos; descendo às imundícies da terra, endeusavam a prostituição, a crápula e o que há de mais asqueroso, e assim faziam corar as faces menos pudibundas.

A imprensa das províncias vomitava diariamente essa poesia cética e sensualista; os pais de família tremeram pela tranquilidade da inocente prole; e as musas tomaram cerrado luto por muito tempo.

Edmundo Ramires deixou-se gostosamente arrastar pela correnteza infausta. Frequentou tabernas e lupanares para inspirar-se; bebeu conhaque para escandescer o cérebro; fumou para dissipar o *spleen*; e como a mor parte de seus companheiros, na ausência do talento, aprendeu as palavras *próprias do gênero*, e reunindo-as fez versos.

Tocou então a meta do ridículo.

Luneta, cabelos desgrenhados, roupa preta empoeirada, capote, charutos, cachimbo e conhaque, riso sardônico, olhar de febre, face amarela para atestar a insônia, descrença ilimitada, *spleen, bofé* e *Satã* nos lábios *trépidos*... nada enfim dispensou o poeta d'água-doce caracterizando-se de *Byron*.

Era um dó vê-lo.

Abandonou os compêndios, a Academia, e a boa sociedade, não encarando jamais a vida pelo lado real, porque... *devia morrer amanhã! — Amanhã* que ainda não raiou!

E que inaudito esforço para conceber e metrificar as chamegantes estrofes!

O desgraçado se preparava embriagando-se nas casas de perdição, no calor das orgias, na imundície dos vícios, relendo as páginas de seus confrades, procurando, enfim, perturbar a imaginação, e nos seus cantos primar no *vaporoso*, na *volúpia*, no *ceticismo* — qualidades, no seu entender, essenciais ao gênero, e de seguro efeito no rapazio libertino e *byrônico*.

E não se lembrava da saúde, que ia-se arruinando, e das consequências infalíveis de tamanha loucura.

Qual! se ele dizia em seus cantos de fogo:

A vida deixo, como tu me deixas,
Ó, filha de Satã,
No catre imundo dos desmaios lúbricos,
E na vertigem dos visguentos ósculos...
Se desperta a manhã.

No canto que denominou — *Descrença e névoa*, exclamava:

Vou morrer, e de meus bofes,
Ó, faze, Laura, um tambor,
E canta à luz do prostíbulo
Purezas de nosso amor!

Lendo estes pedacinhos, o leitor avalie do mais, que não transcrevo porque ofenderia a moral.

Muito bebeu e escreveu o ardente Edmundo, e assim conseguiu fazer um livro que, *a pedido e instâncias de seus*

numerosos amigos, mandou imprimir com o *byrônico* título: — *Cordas de ferro*.

Os tais numerosos amigos dos *pedidos* e *instâncias* esquivaram-se ao pagamento da impressão, e como o *bardo* não possuía *real* e somente *ficções*, recorreu às assinaturas.

Ó, quanta decepção para o mísero! Debalde encheu os jornais de pomposos anúncios: debalde seus afeiçoados gritaram e berraram nos *noticiários*, nos *a pedido*, nos *comunicados*, e nos folhetins, — *que Edmundo era um moço de esperanças, um talento robusto e sadio, e seu livro um padrão de glória para a pátria* etc. Nada comoveu os duros peitos de quem tinha dinheiro!

Todos os dias, o mal-aventurado procurava saber nas livrarias o número de assinantes, e voltava mais *cético e byrônico*!

Nestes apuros, alguns *piedosos* saíram à rua e empregando todos os meios de recrutar leitores para o *padrão literário*, encheram de nomes algumas listas... Estava a pátria salva!

O impressor alegrou-se na esperança de não perder todo o seu trabalho. Ramires, não... tinha certeza de seu merecimento; nada mais do que justiça haviam-lhe feito.

Brochado o livro e distribuído pelos assinantes, deu-se tempo à leitura, e saíram depois os *meninos* a receber os cobres.

Ó, desgraça... ó, infortúnio... ó, desventura e todos os demais sinônimos! Não sei, de comovido, como o conte!

Três quartos dos assinantes eram amadores da poesia, eram, apreciaram muito as — *Cordas de ferro*, mas... não possuíam vintém: — pobres diabos, que não tinham

onde cair mortos. O resto podia pagar, mas... não quis aceitar o livro, e o devolveu sujo, roto, levado da breca, às mãos do poeta.

Os livreiros declaravam a quem os quisesse ouvir, que somente comprariam compêndios e livros forenses; — e que versos não era gênero vendável.

Resultado: — grande prejuízo ao impressor, que ainda o chora: alegria nos vendilhões pela abundância de papel de embrulho, e mais descrença ao já descrente filho do Parnaso!

Entretanto, Edmundo Ramires continuava na certeza de seu grande mérito... Se as lavas do gênio abrasavam-lhe o *crânio, e férvido galopava-lhe* o sangue nas artérias!...

Nesta louca ilusão, parecia-lhe que a humanidade inteira o admirava. Quando em seus passeios via moças, supunha que elas se apaixonavam dele; e *dignava-se* lançar-lhes um dos *olhares febris*... ai das pobrezinhas!

Mas noutros momentos, *descria* de tudo, de tudo mesmo, e regalava-se descompondo os homens, as mulheres... a natura inteira! — Homens agiotas e vis, almas de lama, que não entendiam *os santos acordes do gênio!* Estúpidas mulheres que não compreendiam as *ternas melodias de seu coração*!

E acendendo um charuto, assim desabafava as suas injustas iras:

— Almas estúpidas
No lodo presas,
Que importa o vosso riso, lendo os versos
D'alma acesas?...

Em vaso lindo
A flor sem cheiro,
És tudo, formosa! Preferiste ao vate —
Nédio caixeiro!

Fugi, estúpidas,
No comilão...
Que vive p'ra comer, até que morre
De indigestão!

E nas mulheres
Lisas, carnosas,
Que se expõem à janela, quais viandas
Apetitosas...

Ou nas histéricas,
Do baile amantes,
Que no fogo das valsas e quadrilhas
Buscam calmantes...

Ou nos marmanjos,
Mais distinguidos,
Pelos vermes do vício tendo os ossos
Já corroídos...

Ou na algibeira
Dos vendilhões,
Dos agiotas que somando vivem
Os seus milhões...

Ou nos políticos
Que, pela intriga,
Comem tudo o que é bom, deixando aos outros
Somente a espiga!...

Ó, sim, estúpidas,
Fugi! Qu'importa
O vosso riso — do jumento o rincho,
Na minha porta?

Se vos desprezo,
Almas do mundo...
Como desprezo, da lagoa infecta,
O sapo imundo?...

E foi deste modo que *floresceu* e *decaiu* o poeta Edmundo Ramires!

Era perto o seu ocaso.

O fim dos poetas d'água-doce não é sempre o mesmo.

Alguns morrem como mendigos no adro da igreja de sua terra; outros, no hospital dos alienados; e outros, enfraquecidos pelo vício e pela vadiação, entisicam e cedo acabam no seio d'amargurada família, — nos braços do carinhoso pai, que, em vez d'um letrado, um médico, um negociante, que esperava ver no filho, teve apenas — um poeta d'água-doce!

Muitos, porém, depois de tão vergonhosas loucuras, tomam juízo; queimam a versalhada; e reabilitam-se exercendo uma profissão séria entre os homens de bem. Destes conheço um velho ministro, um alto funcionário da fazenda,

quarenta e cinco empregados de segunda ordem, e grande número de comerciantes, artistas e agricultores. Todos são hoje prestantes cidadãos, excelentes pais de família e inimigos acérrimos do Parnaso.

Edmundo Ramires ainda não morreu. Reside no sertão — onde tem fazenda de gados— , é capitão da Guarda Nacional e o juiz de paz mais votado de seu distrito.

Casou-se com uma sertaneja gorda e risonha, que não se esquece de tonificar-lhe a alma com suas singelas carícias, — e o estômago com os excelentes requeijões fabricados por suas alvas e bem lavadas mãozinhas.

Anualmente o capitão Edmundo batiza um pimpolho e ferra duzentos bezerros.

Dizem-me que vive inteiramente feliz — que é o melhor católico de sua freguesia — e que, se o interpelam sobre o seu passado poético, responde sorrindo com os seguintes versos de Francisco Palha:

Dormi. Sonhei. Do sonho hoje acordado,
Na prosaica verdade enfim caí.
Mas como tudo tem sempre um bom lado,
Ganhei gordura, se ilusões perdi.

O Pai do Doutor

Nasceu mais um doutor!

O pai, esse homem que sonha em um filho doutor, desde o dia em que a sua cara-metade anunciou-lhe uma novidade em casa para depois dos indispensáveis nove meses, recebe sorrindo a notícia que lhe dá a amulatada e velha parteira.

Que felicidade para ele, que durante os ditos nove meses oscilou entre o receio e a esperança! Receio de engrossar a família com um desses anjinhos que necessitam de sedas e dote, e esperança de ser pai de um doutor!

— Então, comadre, é macho... hein? — exclama ele, no auge da ventura.

— *Inhor*, sim; é machinho, é, e bonito que benza-o Deus, há de dar-me uma saia de alvíssaras!

— Não tem dúvida; é mais fácil faltar asneiras na Assembleia... do que faltar-lhe eu com a saia.

— Pois, *Inhor*, sim; vosmecê deve levantar as mãos para o Céu. E que parença tem ele com ... com...

— Com quem? Hein?...

— Nos olhos e boca é a mãe em pessoa, no mais é vosmecê inteirinho!

— Bem; vá tratar do seu afilhadinho, vá, e conte com a saia...

— Olhe que a saia há de ser de chita de flores encarnadas, com assento amarelo... não se esqueça...

— Sim... sim... não me esqueço.

Diz ele, e, logo que a mulata velha desaparece, brada como que inspirado:

— Há de ser doutor! Hei de fazê-lo doutor... deputado e...

Neste tempo, escuta-se um vagido da criancinha, e o pai descobrindo alguma cousa de profético nesse choro, exclama:

— Não tem a palavra o nobre orador! Ocupo ainda a tribuna, e por isso só depois poderá abrilhantar a discussão com a sua inteligência sem igual!

Daí em diante, correm os dias, meses e anos para esse casal, e para toda a família talvez, em ridente sonhar de esperanças; porque a parvoíce é contagiosa.

Nas mais insignificantes ações do menino, descobre o pai sinais precursores do porvir glorioso que o espera. Se ele encontrando um livro sobre o sofá, torna-o brinquedo seu, o paizinho julga provado o amor que o filhinho tem pelas letras. Se rasga as páginas do livro, em vez de uma boa palmada, diz-lhe sorrindo o papai:

— Então, tudo isto não presta... hein? Escreverás melhor... não é assim?...

Se ele arranca as estampas, entende o pai que o gênio irrita-se contra a estupidez do gênero humano, que é tal que, para compreender o escrito, necessita de gravuras! E pensando assim, admira o gênio!

Se ele responde às perguntas da mamãe com um desaforo de primeira ordem, e se esta pretende com justa razão dar-lhe duas boas chineladas, brada-lhe o esposo:

— Não faça isto, senhora! Os talentos têm momentos de irritação, e por natureza são orgulhosos e altivos.

Não o torne medroso e pusilânime, pois o homem que tais qualidades possui... não pode figurar no tempestuoso mar da política!

Deste modo são explicadas e desculpadas todas as diabruras do futuro doutor, enquanto este vai crescendo a olhos vistos, comendo e engordando como um porco.

Chega o tempo da escola. O pai entende que é tempo de seu primogênito começar os estudos, e a mãezinha acha-o ainda tão pequenino... coitadinho!

— Espere, homem, deixe-o crescer mais; está tão fracozinho ainda!

— Gente — torna-lhe o esposo —, é necessário que ele comece cedo, para ainda jovem gozar dos altos cargos que o esperam, e a fim de que possamos partilhar de suas glórias!

Discutem, resignam, até que finalmente marca-se o dia, e assenta-se que a escola seja particular e não pública.

O pai do herói procura o mestre, e depois de por muito tempo falar-lhe no talento do filho esperançoso, contrata a aprendizagem do mesmo. A esposa prepara as calcinhas, o casaco e o boné do herói, enquanto este mais engorda, indiferente a tudo isto.

Chega o dia previamente marcado. Logo pela manhã a mãe do gênio acorda-o, tira-lhe a remela dos olhos, veste-o, entrega-lhe o livro e pendura-lhe um ponteiro de prata ao pescoço. O esperançoso berra, urra, esperneia, gritando que lá não vai, que rasgará o livro, que fugirá, etc. Depois de muitas promessas do paizinho e depois de ter visto as gravuras do livro, resigna-se e marcha para a escola.

Nesta, em pouco tempo o futuro doutor distingue-se pela estupidez, pelas más-criações e pela vadiação; nunca dá

lição certa; ocupa-se em quase todo tempo da aula em cortar os bancos com um canivete, mostrando assim decidida vocação para carpina. O professor repara nisto e diz lá consigo: — Que excelente carpina ou sapateiro vai trocar-se por um doutor camelo!... É mais um burro que vai à Faculdade... que pena!

Entretanto, se com o papai do jovem esperançoso encontra-se na rua, ou para agradá-lo ou para reter em sua aula o aluno por mais tempo ou não sei por que, diz-lhe o *magister*:

— Mil parabéns, meu amigo! O seu filho é um talentão!

— Hein?... Tem admirado a habilidade do rapaz... hein?...

— Ó, pois, não! Há de ser um doutor de mão cheia!... Há de honrar a pátria... o pai... a mãe... os irmãos... os tios... os primos...

— Sim?... sim?... sim?...

— E os aderentes também!

— Eu não lhe dizia que o rapaz dava para a cousa... não se lembra?

— V. S. falou pela boca de um anjo... foi profético... fatídico... um lince!...

Com inteira satisfação retira-se o pai do doutor, murmurando:

— É sem dúvida um excelente professor este homem! Vou mandar-lhe um presente.

No fim de cinco ou seis anos, não sabendo ainda escrever uma carta, passa o herói, depois de um exame de formalidades, da escola para o Liceu, onde vai continuar a sua vida de vadio e estúpido.

Ali, empurra-se pela língua nacional adentro, tropeça no latim, dá com as ventas no francês, cai na geometria, arranha-se no inglês, até que levanta-se e toma fôlego na retórica. E em todas estas aulas não passa de mau estudante; nunca sabe lição e nenhum exame presta, porque — razão já sediça — os exames não são válidos na Faculdade! Isto diz em alto e bom som, e o papai dá-lhe toda a razão.

Depois de cinco ou seis anos, sabendo apenas namorar, jogar, fumar e vestir-se à moda, o futuro doutor despede-se do Liceu, da família e de sua província natal, e com os bolsos cheios de cartas de recomendação para os lentes da Faculdade e outros figurões, embarca-se para o Recife ou São Paulo.

Chega ao templo da ciência, e nas asas do patronato, passa por todos os exames de preparatórios sem saber um sequer!

Depois somente flores! Continua a sua vida de peralta, estuda apenas o ponto de exame no fim do ano, e não se descuida de aumentar o número de seus protetores, para o que o papai arranja-lhe novas cartinhas de recomendação.

E logo que presta exame manda a certidão de sua aprovação ao venturoso pai, que ao recebê-la, louco de prazer, sai de casa em casa a mostrá-la aos amigos, engrandecendo mais o talento do filho.

Se por acaso o esperançoso é reprovado em um dos cinco anos do curso, escreve ao pai dizendo "que já esperava essa reprovação, porque o lente Fuão é seu inimigo gratuito, e desde há muito prometera vingar-se!" E acrescenta "que nunca fizera um exame tão brilhante, pelo que tornou-se manifesta a injustiça, e geral a indignação! E que a Faculdade em peso faz-lhe justiça!"

O pai acredita e apregoa a injustiça, filha do despeito de um lente que... que... São largas as considerações a respeito do revoltante fato...

Enfim, após pesadíssimas despesas, muito dinheiro gasto em prejuízo dos outros filhos, raia para o pai do doutor o dia feliz em que, com o diploma de bacharel, o luzeiro da família volve aos lares e precipita-se contente e orgulhoso nos braços paternos.

Que festas então!

O venturoso pai é completamente ditoso.

Reúnem-se os parentes, amigos e conhecidos para a recepção do doutor. As moças não cessam de olhar para o jovem; uma admira-lhe o bem torcido bigodinho; outra o laço chique da gravatinha e a bem acabada calça-balão; e outra, os anelados cabelos e o fraque à francesa. O pai admira, mais do que tudo, a inteligência do filho, tamanha ilustração, tamanho discernimento, murmurando com seus botões:

— Que futuro brilhante o espera... que talento, meu Deus, que talento!

Enquanto os convidados, aborrecidos pela estupidez e pedantismo do jovem, esperam ansiosos o jantar, em cujas iguarias pretendem vingar-se de tanto tédio.

No jantar o entusiasmo toca ao delírio!

Todos os convidados, até os mais enjoados do novo bacharel, propõem estrondosos brindes ao astro que desponta, ao mais feliz dos pais pretéritos, presentes e futuros, ao abençoado ventre em que gerou-se o sábio mancebo, às maninhas, parentes e aderentes do talentoso, e ao Brasil, à pátria que ufana contempla o seu futuro esteio!

Esvaziam as garrafas, enchem-se outra vez para de novo esvaziarem... enquanto o pai do doutor sorri-se como o homem mais venturoso do universo.

Se o doutor abre a boca para dizer... uma asneira, reina religioso silêncio.

O pai é o primeiro a prestar atenção para dar exemplo aos demais, e neste empenho curva-se em procura da sábia palavra, abre a boca como se a quisesse engolir, estende as orelhas, arregala os olhos etc.

E então quanto maior a asneira, maior o aplauso!

Se a cousa é graça, o pai ri-se como quem tem vontade de rir-se, e nisto o imitam os outros ouvintes soltando um grunhido para imitar uma risada; e se a cousa é triste... ai, que cara de choro não faz o papai! Até correm-lhe, às vezes, duas lágrimas pelo rosto abaixo.

Acabadas as festas da recepção, o pai do doutor cuida no futuro de seu filho, que o tempo gasta em fumar bons charutos à custa da bolsa paterna, comer, namorar e pagodear.

Transporta-o em primeiro lugar ao Palácio do Governo, e aí o apresenta ao Presidente da Província.

— Sr. Presidente, é este o meu filho, em quem muitas vezes falei a V. Excia.

— Ah... sim, é o senhor doutor... tenho prazer em conhecê-lo.

— Obrigado, Exmo. Senhor.

— Então já completou seus estudos na Faculdade?

— Sim, senhor, etc.

Conversam um pouco; o pai do doutor ri-se orgulhoso de seu filho; este, mais se desacredita a cada palavra que cospe, e o presidente estuda-o, dizendo lá consigo:

— Temos mais este camelo no número dos pretendentes!

Dos cumprimentos e outras frioleiras passa a conversa ao positivo, e então o jovem doutor declara que aceitará uma promotoria para fazer o seu quatriênio, findo o qual espera ser aproveitado para um lugar de juiz de direito.

Do palácio passam a visitar os homens ricos que têm filhas moças.

É um dos sonhos dourados do pai do doutor, casar o filho bem... com uma moça rica ou com a filha de um figurão da terra.

Todos recebem com afagos o jovem doutor, em atenção ao pai, mas este tudo supõe devido ao talento do filho.

— Quem o não quererá para genro? — diz ele com orgulho. — Um jovem de esperanças não aparece assim todos os dias, ah, ah, ah. Estão pedindo a Deus que o doutor se agrade da filhinha.

E ri-se contente de si mesmo.

Chega o tempo da eleição.

O pai do doutor não descansa mais um instante. Veste-se de manhã para despir-se à noite. Apresenta o filho às influências do partido, encarece o seu merecimento e pede a sua eleição, recordando serviços que ele, pobre velho, prestou nos tempos críticos... Depois, de casa em casa, roga, suplica e chora aos pés dos eleitores, procurando votos para o filho.

Todos prometem com disposição de faltar.

Não se contenta com isto o pai do doutor; procura saber quais os amigos íntimos dos eleitores e pede-lhes cartas de recomendação... esgota os meios para conseguir o seu fim, man-

dando até sua mulher, a mamãe do esperançoso, choramigar ao ouvido da esposa do eleitor.

E nesta lida, vê o pobre velho raiar o dia do pleito eleitoral, a que vai assistir em jejum natural, pois que não lhe é possível engolir cousa alguma.

Que comoções então as suas. Como o secretário tarda em ler na lista o nome do doutor... e quando o lê, como o velho estremece de alegria!

Finda a apuração dos votos, se foi eleito o doutor, que contentamento no ansioso pai!

— As cousas — diz ele —, ainda marcham bem; a desmoralização ainda não contaminou o povo; ainda triunfa o mérito, ainda vence a virtude, ainda o talento entoa os cantos da vitória!...

Mas, se o filho é derrotado? Que desgosto, que fúria, que desespero! Então, espumando de raiva, brada o pai do doutor:

— Tudo está profanado... tudo está corrompido! Que desmoralização, meu Deus! Aonde vamos parar assim? Quanta traficância, quanto cinismo, quanto descaramento nestes eleitores corruptos... infames!

E sai amaldiçoando a política, lamentando a pátria e descompondo os eleitores.

Assim passam-se alguns anos.

Se o patronato o acolhe sob suas asas, o doutor consegue uma posição elevada, onde torna-se o alvo do sarcasmo das turbas e do geral debique, enquanto o velho pai, se ainda vive, continua a admirá-lo, como verdadeiro parvo, sem escutar as anedotas com que nas rodas aprecia-se a estupidez do filho.

Se, porém, não tem padrinhos poderosos... vê-se em pouco tempo gasto, votado ao esquecimento!

Entretanto daria um excelente carpina, ou sapateiro, como dizia o seu professor primário.

Desacreditado, como deputado provincial, pelas asneiras que disse, ou por seu profundo silêncio, não conseguiu mais um voto de eleitor. No júri, acusando ou defendendo, desacreditou-se ainda mais. Casou-se com uma moça pobre, porque os ricos não o quiseram para genro, e, cercado de filhos, vive do ordenado de um empreguinho reles que deram-lhe por esmola.

E seu velho pai?

Das duas, uma: ou morreu de uma apoplexia fulminante na mais ferina decepção ou, pobre pai, passa seus dias a rezar em suas contas, desenganado, descrente das cousas deste mundo, e cuidando nas da outra vida...

Pobre pai do doutor! Merece a nossa compaixão.

— Folhetim publicado em 1862 —

O Corisco

Antes de principiar, uma explicação.

Não pretendo neste utilíssimo artiguinho — escrito a pedido de um mártir — retratar o verdadeiro hóspede; o forasteiro em terra estranha, que pede pão e cama, credor da caridade pública; o pobre caminheiro que, exausto de forças, pelas agruras da viagem, suplica um agasalho na casinha da estrada; o hóspede enfim, como deve sê-lo. Para estes, minha porta está sempre aberta e haverá sempre um lugar em minha mesa e nos cômodos de meu albergue.

O meu fim é retratar o gaudério que, largando sua terra, vem à cidade tratar de negócios ou passear, e, em vez do hotel, onde sua fortuna permite-lhe o ingresso, procura a casa do pobre amigo ou conhecido, e nela aboleta-se e permanece dias e meses, perturbando o sossego de uma família, e ocasionando despesas que, de modo nenhum compensa.

Na província chama-se "corisco" a esta espécie de hóspedes.

Retratemos, pois, o corisco.

De matulão à garupa, ou com um jogo de malas às costas de mísero sendeiro, despede-se o corisco de seus campos, cavalga dias e noites, até que ufano entra na capital, e cai inesperadamente na casa de seu amigo Fulano! Este, pobre empregado público às vezes, e sempre homem de poucos recursos pecuniários, teve a infelicidade de morar no sertão algum tempo, ou de por lá passear; adquiriu conhecimentos e, por isso, de vez em quando, amargurado, vê sua casa incendiada pelos malditos coriscos.

Que apertos então os seus! Crescida a família, minguados os rendimentos, e os gêneros alimentícios por fabuloso preço!

Dia e noite, cogita os meios de fazer economias, privando-se a si e a seus filhinhos de alguns gozos da vida, e à mulher de bonitos vestidos, a fim de reunir alguns vinténs para as enfermidades, e para outras necessidades que por ventura o acometam no futuro.

Mas, cai-lhe o corisco em casa.

Chegam cavaleiros à sua porta, param, apeiam-se, batem palmas e entram arrastando as esporas.

O pobre homem estremece — seu coração bate com força — e um suor gelado inunda-lhe o corpo.

— São eles — murmura tremendo —, são os malditos que chegam!

E são eles mesmos! É o corisco que entra sem cerimônia, que o abraça risonho e assim lhe fala:

— Adeus, meu caro amigo! Como vai de saúde; como está a dona e as crianças?... Vim vê-lo, vim visitá-lo e provar que não me esqueço de você...

Que há de fazer o pobre Fulano? Finge um sorriso, abraça o corisco, amaldiçoando-o no coração, e assim lhe torna:

— Homem... por isso estava tão bonito o dia! Como está, meu amigo, como deixou a família? Já choveu por lá? Como deixou o Pedro, o Bernardo, o Antônio?... Tire o chapéu... Assente-se... Supus que nos havia esquecido... há quanto tempo não aparece!

— É verdade, não pude vir vê-lo há mais tempo... as minhas labutações...

Depois, erguendo-se, vai à porta, olha para os cavalos, coça a cabeça e, com a cara de um refinado tratante, diz à sua vítima:

— Fulano, mande arranjar estes animais em lugar que passem bem. Trouxe estes dois camaradas para ajudar a tratá-los... Veja como se arruma isto...

Ouvindo ao seu algoz, a desgraçada vítima segura-se à cadeira para não desmaiar. Além do corisco, mais os dois camaradas... e mais alguns cavalos, que deve mandar tratar em tempo de capim caro: é para desesperar!

Entretanto diz, como quem não sofre a horrível contrariedade.

— Homem... é verdade; com o prazer de vê-lo, esquecia-me dos animais. Vou mandar arrumá-los no quintal, e comprar capim... Camaradas, tirem as selas... tragam as malas para aqui... Gregório! vem cá... ajuda a conduzir estes cavalos para o quintal etc.

E assim invade o corisco a casa do infeliz conhecido da cidade: instala-se nela e logo se esquece de voltar à sua terra.

No primeiro dia o corisco abre as malas, tira um queijo e oferece-o ao dono da casa, supondo assim pagar a hospitalidade; entretanto é ele quem mais come do queijo à mesa. Há, porém, coriscos que nem isto oferecem à sua vítima.

O corisco come horrivelmente, e seus camaradas, ou criados, diabolicamente. Não há carne e pirão que cheguem para eles. Não mastigam, engolem... devoram tudo que se lhes apresenta.

A casa, em pouco tempo, torna-se um chiqueiro, escarram à parede, sujam tudo, e o quintal fica impasseável.

O corisco fuma e não compra charutos... Se nunca os encontra bons! Mas, acha deliciosos os que lhe dá o dono da casa.

Se este de propósito, ou por acaso, fala no hotel que há na cidade, na prontidão e asseio com que nele são servidos

os hóspedes, o corisco mete outras cousas, pois não gosta desta conversa. E se lhe fala na carestia do papatório, no preço porque se vende a carne, a farinha, o ladrão olha-o com cara de quem o não compreende.

A cozinheira quer mal de morte ao corisco, e quando o vê passar para o quintal, faz-lhe figas, esconjura-o, e o descompõe baixinho. Algumas botam sal no fogo.

E a dona da casa? Coitada, promete rezas a todos os santos para que a livrem de tais pesadelos.

Se o corisco pretende alguma cousa do governo da província, ou do comércio, atraca-se ao amigo e não o larga enquanto este não sai a empenhar-se, a fim de obter-lhe o que ele deseja. Fulano esforça-se em concluir os tais negócios, esperando que terminados, o corisco retire-se; mas, qual! concluem-se, realizam-se, e muitas vezes o perverso nem ao menos sonha em fazer viagem!

Além de tantos incômodos, o patife nunca deixa de constipar-se, ou indigestar, e então, fulano corre à casa do médico e à botica; e sua mulher e cozinheira fazem xaropes e caldos.

O corisco é sempre uma testemunha de vista em casa de sua vítima, casa sempre pequena, onde tudo se vê, onde tudo se escuta. Às vezes é uma víbora que vem empeçonhar a vida do pobre amigo, e que depois retira-se contando os segredos e rindo-se dos defeitos do lar que devassara!...

Às vezes o amigo conversando com o corisco, arteiramente, procura saber quando será o dia venturoso de sua despedida... Que sustos então!... Oscilando entre a esperança e o receio, aguarda a resposta, quando diz-lhe o corisco:

— Suponho, Fulano, que ainda não poderei partir neste mês...

Ai, que dor para a miseranda vítima!

Entretanto — maldita e estúpida lei das conveniências! —, exclama o dono da casa:

— Também... que vai você fazer agora no sertão? Demore-se mais algum tempo, pois não me incomoda, pelo contrário, dá-me muito gosto.

Mas, não há mal que sempre dure. Eis que um dia... — ó, dia de grande contentamento — arruma-se o corisco e selam-se os cavalos.

A cozinheira pula de prazer vendo estes preparativos, e a dona da casa sente-se aliviada de tanto peso, livre de tão medonha peste — o corisco! Seu marido chora, mas não é de saudade do amigo matuto, e sim de alegria; ó, que suaves lágrimas!

Coitado! O corisco comeu-lhe todo o fruto de suas economias! Para sustentá-lo, foi necessário pedir dinheiro emprestado; ainda deve ao médico, ao boticário, ao taverneiro; ainda sangram-lhe as feridas abertas pelo abutre, durante tantos dias; vai entrar em convalescença; mas, ah, quem sabe se os amigos do sertão deixá-lo-ão por muito tempo? Quem sabe se atrás daquele não virá outro, como o que parte, que devorará tudo, desesperará a família e sairá depois falando mal daqueles que o aturaram em sua casa?

Chega a hora do — adeus: parte o corisco.

— Vai-te, judeu errante e comilão; vai-te, perseguidor dos amigos da cidade; vai-te, inimigo dos hotéis; vai-te, corisco; vai-te, cauira.

E praza a Deus que mais não voltes!

Os Homens da Rua

I

Troquemos agora o papel de Demócrito pelo de Juvenal e Heráclito; o riso que nos arrancou o ridículo pela indignação à perversidade, e pranto à dor que oculta geme nas sombras do lar.

Devassemos a vida íntima daquele que abandona e esquece a esposa e o filho pelos prazeres da rua; e nestes, ora nas tavernas ou jogos, ora nos alcouces ou a palestrar sobre a honra alheia, gasta as horas que devera empregar na educação dos filhos, na convivência da consorte, no bem-estar enfim da família.

É triste o que ides ler, mas é verdade, leitor.

Esse homem, que talvez mereceu do poder insígnias e honrosos títulos; que tem uma posição boa na sociedade; que vos aperta a mão; que se assenta entre os juízes de consciência... é pior às vezes que o miserável calceta, por ele mesmo condenado!

Comparai-os.

Este roubou no desespero da fome, ou matou seu inimigo quando alucinado pela injúria: era bom; a força das circunstâncias o impeliram ao crime. Foi por isso privado de sua liberdade por longos anos, e odiado de todos, e carregado de ferros, e coberto de trapos, e lívido pela doença, ei-lo agora no cárcere ou entre baionetas no trabalho público.

Aquele, jurando amor constante, estima e dedicação perante Deus, trouxe para sua casa a virgenzinha que feliz sorria entre os seus; aborreceu-se depois, e hoje — se forçada pela angústia não se transviou a mísera —, assiste impassível seu prolongado martírio, dá-lhe gota a gota o fel que a envenena, que sulca-lhe as faces, que lhe rouba as forças, que lhe faz brotar perene o pranto... a desventura extrema. Teve filhos, e estes crescem no abandono, preparando-se na menina a prostituta, e no menino o crápula, o perturbador da ordem, o réu de polícia: pois que todos têm por norma seu pai, o homem das ruas e casas de perdição!

O calceta cometeu o crime em momento de loucura, fora de si e portanto sem enxergar o abismo em que se precipitava. O homem da rua, frio como o punhal do homicida, o comete lentamente, hora por hora, durante muitos anos.

Se aquele roubou... se assim privou a outrem de uma parte de seus haveres, este priva a muitos da honra, da paz e da felicidade.

Este é o assassino, é o algoz de uma família inteira!

A sociedade pouco se importa com isto; não os compara; condena aquele e abraça este; olha com indiferença para tamanhas atrocidades.

Nós, porém, leitor, rasgando o véu que os envolve, profliguemos severos o malvado, e choremos com suas vítimas.

Entremos, pois, em casa do perdido.

II

Alonzo, o esposo da jovem Carmen, dessa formosa moça que há dois anos conquistava nos salões o cetro de rai-

nha, não só pelo fulgor de seus olhos, como pela ingenuidade de seus sorrisos, trocou há poucos meses sua casa pelas ruas da cidade, onde procura distrair-se continuamente.

Antes de casar-se, a casa que mais frequentava era a de Carmen, da virgem de suas melancólicas cismas, e dos sonhos suaves de suas noites. Carmen correspondia-lhe o seu amor com igual ternura, tornando-o a flor de suas esperanças.

Efetuou-se o casório.

À luz das tochas do Himeneu, quem, sabendo da apaixonada afeição que há muito ligava os noivos, e vendo-os rubros pelo calor do coração, não diria entre si: "Quanta felicidade os aguarda!"

Foram felizes, sim; mas a felicidade durou apenas um ano — tempo da lua-de-mel e seu crepúsculo.

Apagaram-se as chamas do amor na alma de Alonzo, aparecendo logo o frio do tédio. Então, aborrecido, desprezou a vida íntima do lar pelos prazeres da rua.

Nos primeiros dias de perdição, ao voltar para casa à noite, Alonzo encontrava Carmen aflita e muita vez chorosa; arrependia-se e protestava emendar-se, mas no dia seguinte, entrevendo os gozos de que pretendera fugir, alucinado esquecia os seus protestos.

Hoje, Alonzo é um dos mais constantes ruadores. Apenas nas horas da mesa e do leito dirige-se a casa. Taciturno entra; em completa mudez permanece ao lado da esposa; e se esta aventura uma pergunta, ele responde com indiferença, e logo retira-se.

E a infeliz, outrora tão amada do esposo, que hoje abandona-a impiedosamente, sem lembrar-se que o aban-

dono, a solidão e o amor-próprio ofendido são muitas vezes causas invencíveis do crime?

Carmen chorou a fria indiferença de Alonzo, desejando nas horas de maior aflição o descanso do túmulo. Abandonada, ela entregava-se à dor; o pesar proibia-lhe o trabalho; o pranto sulcava sem tréguas as suas faces outrora rubras e aveludadas; mil pensamentos a turbavam...

— Despreza-me... aborrece-me... acha-me certamente feia e insípida. — dizia ela, e então o anjo do mal levava-a ao espelho e dava-lhe a convicção de sua formosura.

— Não ama-me mais! — dizia ela com profundo desgosto, e então o anjo do mal trazia-lhe à mente as juras de amor de tantos mancebos que julgar-se-iam felizes possuindo-a.

— Ama certamente a outra! Enquanto desprezada eu choro, ele repete aos ouvidos dessa mulher apaixonadas frases! — dizia ela, e então o anjo do mal inspirava-lhe a vingança.

Um dia, quando Carmen estava entregue a estas cogitações penosas, apareceu-lhe formoso mancebo, e com a eloquência da serpente do Éden dirigiu-lhe apaixonado estas palavras:

— É longe ainda a hora de teu emurchecer, bela flor! A luz do sol, o canto das aves, o perfume de tuas irmãs, o murmurio dos arroios e os suspiros dos euros derramam misterioso encanto sobre as campinas... Por que emurchecer na aurora da vida, quando tantos gozos te esperam? O que te falta, o que anseias, o que suspiras? Amor? O meu coração é todo amor! Dedicação? Sou teu escravo! Paixão... delírio?... És bela, e eu sou ardente! Prendem-te os laços do consórcio? Não! O consórcio é um contrato entre duas criaturas; quan-

do uma o esquece, o despreza, a outra pode desprezá-lo e esquecê-lo; a falta de uma, autoriza a falta da outra. Esse homem de quem falas, eu vi há pouco ao lado de outra mulher. Vem, pois... Vinga-te de sua indiferença... Corramos ao seio do prazer... Amemo-nos... vivamos...

Carmen procurou evitar o anjo do mal, que se encarnara, aparecendo-lhe na figura do formoso mancebo. Fechou os olhos para não ver-lhe o rosto, e os ouvidos à fervente harmonia de sua voz, dando forças à esperança da regeneração de Alonzo. Mas, este mais e mais evitava a sua convivência, entregando-se de todo à vida miserável das ruas.

Uma noite... o cálice do infortúnio transbordara. A infeliz acabava de receber um insulto de seu esposo e de vê-lo depois retirar-se, dando-lhe as costas com soberano desprezo... quando apareceu-lhe o mancebo, despedindo dos olhos os raios abrasadores da paixão, e murmurando-lhe entre suspiros aquelas palavras tentadoras: "Vinga-te de sua indiferença... Corramos ao seio do prazer... Amemo-nos... vivamos".

Tornou-se iminente o perigo.

— Grande Deus, ela escuta o gênio do mal... Suspende teus passos, fraca mulher! Em vez do tremedal do vício, procura o seio dessa religião cujos preceitos aprendeste no colo de tua carinhosa mãe... corre ao Templo... vai refugiar-te aos pés dos altares... Lá encontrarás a consolação, a paz do espírito e a salvação da alma... enquanto que na prostituição te aguardam a miséria, o embrutecimento, os crimes, as dores do corpo e a perdição eterna!...

Era o seu anjo tutelar que assim lhe bradava; porém a miseranda não o escutou... prostituiu-se.

O que aconteceu depois? O que acontece sempre.

A sociedade abraçou o criminoso Alonzo, e cuspiu na face da vítima.

III

Entremos em casa de outro... É Décio.

A sala e tudo o mais dessa habitação acha-se mobiliado com extrema pobreza e a desordem dos móveis denuncia profundo desgosto daqueles que, nos entorpecendo, tornanos indiferentes ao que nos rodeia.

O aspecto de Marta, consorte de Décio, evidencia melhor a infelicidade que pesa sobre a família.

Bom Deus! Que palidez e sulcos em suas faces! Quem, conhecendo-a na ventura, conhecê-la-á hoje na angústia? Quem dirá que aquela virgenzinha espirituosa, risonha, corada, formosa, tão adorada de seus pais, tão amada dos mancebos, tão querida na sociedade, é hoje esta mulher calada, triste, pálida, desalinhada e infeliz?... Onde aquele espírito, aqueles mimos, aquela ventura? Por que já não desfolha em seus lábios aqueles risos tão doces de outrora? Por que já não canta aquelas lindas e saudosas baladas?

Marta é o símbolo do desgosto e do infortúnio; é a esposa de um desses homens perdidos que todo o seu tempo gastam nas casas de jogo.

Desiludida, chorou amargamente, e então, em vez de lançar-se nos prostíbulos, como o fizera Carmem, ela ajoelhou-se ante a imagem da Virgem, orou como ora o desgraçado; e quando ergueu-se possuía valor bastante para suportar os maus-tratos de seu marido.

Marta é, pois, a esposa resignada ou entorpecida pelas mágoas. Carregando a cruz de seu martírio, perdeu o gosto de enfeitar-se, dando lugar ao desalinho. Enrola os cabelos no alto da cabeça; traja um vestido de chita, velho, desbotado, preso à cintura e com as mangas descidas, deixando aparecer o cabeção de madapolão, que num velho xale de lã esconde se vai à janela, ou se recebe visitas.

Neste estado, não a condeneis. Lembrai-vos que ela apenas recebe do marido o necessário ao alimento; e se isto não basta, dizei-me: quem foi que mudou-a assim? Se foi ou não esse homem cruel que a desprezando pelo jogo, matando-lhe todas as suas aspirações, escarnecendo de seus sonhos, de suas inocentes ilusões, fez-lhe a existência um peso, um tormento contínuo?

Não condeneis a mártir porque não se enfeita, porque não ama os gozos da vida; condenai o autor dessa obra nefanda; ele, sim, merece maldições, enquanto a vítima pede lágrimas.

São três horas da tarde.

Décio entra em casa sem olhar para a consorte e filhos, e dá logo sinais de seu mau humor.

Que importa a necessidade que tem uma mulher de comunicar ao seu companheiro, não só o que se passa em seu coração, como também sob o teto que habitam? Que importa que a filhinha, que se avizinha dessa idade perigosa em que o amor assalta o coração da mulher com tanta influência sobre a cabeça, precise dos conselhos de seu pai?... O perdido em nada disto repara; só um pensamento o preocupa — o jogo!

Ao entrar grita frenético:

— Vamos com o jantar na mesa; andem depressa!

— Vai botar-se já, homem; tenha paciência... espere um pouquinho. — diz Marta correndo à cozinha, porque receia os insultos do marido.

Décio continua preocupado: tira apenas o paletó, e deita-se na primeira rede que encontra, ou no sofá. Momentos depois grita zangado:

— Olá, gente! Então não se apronta hoje esse jantar?

— Paizinho — diz a filha que de um lado o contempla triste —, o dinheiro não chegou para lenha; foi preciso mandar o Gregório procurar uns cavacos...

— É porque tua mãe é uma desmantelada, uma preguiçosa... Não há dinheiro que lhe chegue, tudo é pouco... Ó, não lhe custa a ganhar!

Que exemplo para a pobre menina; como se aflige ela! E o que conclui ouvindo estes disparates? Das duas, uma: ou que o pai é mentiroso e mau, ou que a mãe é na verdade desmazelada e preguiçosa. Concluindo de qualquer modo, infalivelmente deixará de amar, e até aborrecerá a um dos seus progenitores.

Marta, ouvindo a acusação que lhe faz o marido, responde:

— Homem, se não chegou hoje, foi porque do dinheirinho que você deu para o comer, eu tirei dois tostões, comprei pano e linha e concertei a roupa dos meninos, que estão nus.

— Se a dona da casa não fosse descuidada, não acontecia isto... Ainda há poucos dias comprei tanta roupa para casa, e já vem dizer-me que os meninos estão nus!

— Há mais de um ano — reclama a pobre mulher —, que você só nos dá o triste dinheirinho para o comer; o mais gasta lá nos seus passeios da rua, não sei com que...

— Com o que não é da sua conta... ouviu? Posso gastá-lo porque sou eu que o ganho... e não a senhora que é a preguiça em pessoa!

— Está bom, homem; basta, não precisa fazer tanto barulho...

— Se assim continua, abandono a casa; isto não é vida, é o diabo...

E dirige-se à mesa e apressadamente engole os bocados, como se o fizesse em uma casa incendiada.

Findo o jantar, sem unir as mãos para agradecer ao Deus de bondade a refeição que, por sua infinita misericórdia, acaba de conceder-lhe, ao passo que tantas criaturas sofrem as torturas da fome; sem unir as mãos para que a família o veja rezar e tome-lhe o exemplo, ele, o mau pai, o mau esposo, o mau cristão, acende o charuto, abandona a casa e vai para o jogo...

IV

Enquanto Gelásio procura a mulher dos prostíbulos, entremos em sua casa.

É noite.

Aura deitada numa rede na sala do jantar, medita sobre o destino sombrio que lhe coube na vida, no futuro de seus filhos, e muitas vezes murmura aflita:

— Pobres crianças abandonadas como eu, o que será de vós? Inocentes, brincais sorrindo, enquanto aquele que devera cuidar de vosso porvir, entrega-se aos prazeres da rua, como um perdido que é, ou corrompe-se ao lado de sua amásia, dessa mulher infame por quem trocou-me! Meu

Deus, tende compaixão de meus filhinhos! Resignada sofrerei o infortúnio que me acabrunha, mas, Senhor, não consenti que sobre a cabeça do inocente caia o castigo das culpas de seu pai!

Grossas lágrimas correm-lhe pelos sulcos do rosto outrora corado e alegre, quando Gelásio a amava, quando não a trocava pela mulher imunda das ruas.

Ao mesmo tempo, noutra sala, conversam as crianças ao redor da luz.

Contemplai-as antes de ouvi-las. São cinco. Beatriz, mocinha de dezoito anos, lê com toda a atenção um romance, dos mais engraçados, de Paulo de Kok. Os outros, Paulo, Pedro, Damião e Maurício, conversam animados.

— Espera, maninha, deixa-me acender na vela esta pontinha de charuto. — diz Paulo.

— Pois você já fuma, Paulinho? Eu vou contar à minha mãe. — torna-lhe Beatriz.

— Se contar, aleivosa, eu também conto que você está namorando o caixeiro da venda...

— Menino!

— Sim? Então, senhora alevantadeira de falso, já se esqueceu que mandou por mim uma carta, pedindo...

— É tua mentira, mentiroso; estás dizendo isto para eu deixar-te acender o charuto; pois acende... acende...

— Agora, sim. Ora, que mal faz a gente fumar? O papai nem briga, nem nada.

— É assim mesmo — acrescenta Maurício. E aquela mulher, Paulinho, que ele tem amizade, como fuma! Aquela mulher?...

— Ai, sim... aquela que outro dia me deu um vintém para eu trazer um recado ao papai, sem contar nada a mamãe, não é?

— É aquela mesma. E tu compraste o teu vintém de licor e não me deste nem um golpinho...

— Ora, menino, era tão pouco...

— Deixa estar: algum dia... algum dia...

— Pois você já bebe, Paulinho? — diz espantada a irmã.

— E o papai não bebe? Que mal faz? Outro dia papai estava bêbado... ah... ah... ah...

— E nem me conhecia, maninho; eu falei com ele, e sabes o que me respondeu? "Quem é vosmecê, senhor pequeno?" Ah... ah... ah...

— Quando eu for homem, hei de beber como o papai...

— Eu também!

— Olha, Pedrinho, a vida do papai é bem boa; aquela mulher da rua de... quer tanto bem a ele...

— Mas, a mamãe chora quando se fala nisto!

— Eu não sei por quê. Se eu fosse a mamãe não chorava, porque o papai quando vem a casa ralha tanto, que é melhor que não venha, que fique por lá mesmo!

— Mas, como ele é bom para nós! Não briga, não nos dá e nem pergunta se nós fomos à escola.

— Mas, não quis dar-me ontem uns sapatos... Brigou muito, e disse que não dava, não dava!

— Amanhã ele nos dará uns sapatos novos...

— Por que, Pedrinho?...

— Porque quando saí da escola, fui à casa daquela mulher onde o papai vai sempre, e ela me disse que ia pedir ao papai que nos desse uns sapatos novos.

— Espera bem que ele dê.

. . . . . .

É tarde.

A luz da lamparina tremeleia na alcova. Beatriz, depois de pensar por muito tempo nas cenas do romance que lera, de aplicá-las a si e ao vendilhão que namora, adormecera e sonha talvez no que pensara acordada. As outras crianças dormem o sono profundo da infância, perto da infeliz Aura...

Como é triste este quadro à vacilante luz da lamparina!

Vós que ouvistes a prece da desventurada mãe, e a conversa das crianças, contemplai-as agora.

O que resta neste mundo àquela infeliz mulher? O seu dia de ontem foi igual ao de hoje e sê-lo-á ao de amanhã. Nenhum gozo lhe suaviza o presente, nenhuma esperança lhe sorri no futuro. Ontem, hoje, amanhã... sempre o mesmo, sempre essa vida monótona, privações, amarguras e misérias; sempre o esquecimento, o desprezo, os grosseiros insultos de seu esposo — desse Gelásio tão amante outrora, e em compensação tão querido; desse Gelásio tão delicado, tão apaixonado, tão brando, que lhe prometera uma vida deliciosa quando arrancou-a do lar da infância e da felicidade. Desse Gelásio tão sensível, tão poético que, na noite do noivado, vendo-a chorosa junto ao tálamo nupcial, enxugara-lhe o pranto com um ósculo, murmurando: "Não chores... não somos venturosos? Por que receber a felicidade com prantos, mulher que eu amarei eternamente?" Desse Gelásio, enfim, que é hoje um homem perdido, que trocou a esposa pela amásia, acaricia esta, dá-lhe sedas e prazeres, e maltrata aquela, dando-lhe só — miséria e prantos!

Viver não é esperar? E o que espera ela; o que lhe resta neste vale de angústias? Um martírio lento e prolongado que a sociedade contempla indiferente!

E os filhos, aquelas crianças que dormem ao redor da mártir? O que será de Beatriz, cuja alma vai pouco a pouco prostituindo-se na leitura dos maus livros de seu pai? E dos irmãozinhos, desses meninos que têm por norma a vida do pai; que no verdor dos anos já fumam, porque a amásia do pai lhes dá charutos; que já bebem, porque veem seu pai embriagado; e que entregam-se aos vícios porque lhes falta quem os dirija, os aconselhe, os castigue... porque o pai, que deveria cuidar de sua educação, mora num prostíbulo!

O que será dessas crianças, meu Deus?

V

Dez horas da noite...

— Onde vais, pálido Sulpício? Procuras acaso tua habitação, para dormir o sono do justo ao lado da bela esposa, da mãe de teus filhos? Eles, fartos de esperar a bênção paterna, já repousam no berço da inocência. Tão tarde voltas! Por que faltaste no serão da família? Por que não vieste doutrinar com tua carinhosa Lucrécia estas criancinhas, que a Providência aprouve entregar aos seus cuidados? Que tempo não estiveram elas acordadas, esperando-te e perguntando muitas vezes: "Minha mãe, onde está meu pai? Ó, apressa teus passos". Lucrécia chora... vai enxugar-lhe o pranto. Mas, em vez de tua casa, procuras o alcoice... Espera... Volta... repara no abismo em que vais lançar-te...

A voz da razão não foi atendida.

Sulpício, o pai de família devasso, bate à porta dos gozos malditos; entra corajoso, e uma mulher, ainda moça, descorada como a doença, abraça-o murmurando:

— Tão tarde, Sulpício! Já não esperava-te...

— Artemísia, minha querida, não foi possível vir mais cedo...

— Andaste em visitas com tuas filhas?

— Não...

— Tu já não me queres bem, Sulpício...

— Não digas tal, pelo amor de Deus. Não venho ver-te sempre? Não dou-te a metade do meu ordenado? Ingrata...

— E por que não me dás todo?...

— Não posso. Só nisto é rigorosa a sociedade. Que lhe importa que o pai de família volte à meia-noite para casa; que abandone a consorte; que não eduque seus filhos, como devera? É vida privada, todos a respeitam. Exige-se somente dele algumas migalhas para alimento da família e que matricule o filho numa escola. Assim tem cumprido seu principal dever. Mas se este não cumpre; se a mulher, se os filhos estendem a mão pedindo uma esmola, a sociedade, como o velho avarento, irrita-se e amaldiçoa o perdido... Ela não quer sustentar mendigos: dê-se-lhes comer e casa, e tudo irá bem...

Mais tarde, à luz de uma vela de carnaúba, conversam assim:

— Estremeceste falando em teu passado, Artemísia?

— Sim, que ele me doi no fundo da alma. Escuta, meu Sulpício, esta vida é pior que o inferno...

— Não são as tuas horas as do amor?

— As horas da perdida? O cuspo asqueroso da multidão em suas faces... o tédio... as dores do corpo... os crimes... o cárcere... a miséria... o hospital... Tudo isto é belo, é delicioso, não?

Rapidamente tornou-se horrorosa; os olhos cintilaram como os da fera; e seus lábios finos, amarelos, queimados no calor da orgia, estremeceram convulsos num sorriso satânico...

Voltando a si, acrescentou com fingida faceirice:

— Ah, eu sou uma doida; esquece o que eu disse: foi por brincadeira... quis fazer-te medo, meu velho.

— Peço-te um favor, Artemísia...

— A escrava obedece...

— Conta-me teu passado...

— Para que? É como o de todas as outras... Ora, deixa-te disso, dá-me um beijo... É uma história tão feia...

— Conta-me...

— Queres que eu ainda uma vez amaldiçoe o malvado que deu-me o ser?...

— Teu pai?

— Não! Este nome tão suave, tão santo, não merece ele. Pai é o homem que nos serve de anjo tutelar; é aquele que em desvelada educação nos arma contra os perigos da vida; que nos dá exemplos de virtude; que nos salva dos precipícios que a cada instante nos ameaçam; e que só tem um sonho, uma ideia, um fim — a nossa felicidade! E não aquele que nos troca pelos prazeres da rua; que nos esquece à borda do abismo, e somente depois de perdidas lembra-se de nós... para nos condenar...

— Bem, conta-me como te perdeste. — diz Sulpício, trêmulo e lívido pelo remorso.

— Queres ouvir? Pois vou contar-te. Esse homem era... da rua. Passava quase todo o dia fora de casa. Acordava tarde, gritando pelo almoço, com semblante de algoz e voz que nos aterrava; saía depois, e voltava à hora do jantar e à meia-noite, à exceção dos dias em que jantava e dormia não sei onde. Em casa ralhava muito, injuriava minha infeliz mãe, e quando esta chorava, escarnecia de suas lágrimas. À noite tanto barulho fazia batendo à porta, que nos acordava a todos; e entrava com o mau-humor do costume, descompondo minha mãe, porque não abrira depressa a porta. Além destas horas, não nos aparecia, o que muito me alegrava. Entretanto, minha mãe chorava constantemente, maldizendo-se pela vida de perdido que levava o marido, por seu amor à rua e desprezo à família. Isto me admirava tanto que uma vez, não podendo conter-me, perguntei-lhe se não era um alívio a ausência dele... Então — ó, nunca me esqueci de suas palavras —, a mártir, falando-me de meu porvir e de meus irmãozinhos, disse-me: "Não é por mim, é por vocês..." Pobre mãe, meu Deus!

Artemísia não pôde reprimir as lágrimas; enxugando depois o rosto, prosseguiu.

— Cresci, fiquei moça. Meu coração começou a bater de um modo estranho; o sangue galopava-me fervente pelas veias; meu corpo enlanguescia... minha face corava... mil pensamentos de fogo me enfebreciam. A mor parte do tempo, largando a costura, empregava eu na leitura das novelas que meu pai possuía. Aqueles livros faziam-me mal; alguns

envergonhavam-me, e todos levavam-me ao delírio. Era uma sede devoradora que não sei descrever. Apaixonei-me então de um caixeiro de cabelos negros e ondeados e bigodinho retorcido. Dos olhares, sorrisos e gestos, passamos em breve às cartinhas de papel cor de rosa, e destas às entrevistas. Uma noite... não pude resistir à sedução de suas promessas... perdi-me. E ali mesmo, no lugar de meu infortúnio, meu coração encheu-se de ódio para aquele que me desonrara: chorei de raiva e arrependimento. Ele, prometendo reparar o crime com o casamento, procurava estancar-me o pranto. O que fazer, senão aceitar a esperança? Esperei; esperei muito, até que, já não podendo enganar-me, embarcou-se o infame, abandonando-me para sempre...

— E por que logo depois do crime não te queixaste à polícia?

— Tive vergonha. Contavam-me que lá expunha-se a ofendida ao mais repugnante espetáculo, descobrindo-a para ser examinada... e que...

— Tens razão. E o que fizeste?

— Já não podia mais encobrir a minha falta... ia ser mãe. Então, acompanhada de uma parda velha, que frequentava nossa casa, fugi e... tornei-me o que sou... prostituta! A vítima da perversidade dos homens... Ó, quero muito mal a este mundo. Se eu te contasse o que nesta vida miserável tenho sofrido... Talvez te risses como os outros! Não te conto. Sabe apenas que nas horas de agonia amaldiçoo o malvado ruador que deu-me a existência para lançar-me neste abismo de infâmias... o perverso que desonrou-me... essas donzelas que riem-se de mim... a humanidade, enfim, porque todos me desprezam... O que mais queres saber?

Sulpício ia interrogá-la ainda, quando ouviu o toque de rebate. Os sinos das igrejas e as cornetas e tambores dos quartéis davam sem cessar o sinal de alarma, pedindo socorro.

Alguém passava na rua e dizia: “Os presos arrombaram a cadeia e fugiram.”

Ergueu-se Sulpício para vestir-se e sair, mas Artemísia, trêmula de medo, com a roupa e cabelos em desordem, e horrível como uma fúria, prendeu-o em seus braços, suplicando-lhe que a não deixasse só.

Já a cidade acordara, e os curiosos corriam ao lugar do acontecimento.

Apavorados, o adúltero e a perdida ouviam o rumor da rua, quando cautelosamente batem à porta do quintal. Estremecendo ambos, no extremo do medo, conservaram-se mudos e imóveis.

Batem segunda vez, dizendo misteriosamente: “Artemísia... abre, sou eu...”

Então a perdida, apesar dos esforços de Sulpício, que tremia pálido como um defunto, corre à porta e abre-a dizendo:

— É meu irmão... Entra...

E entrou um homem coberto de trapos, lívido, ofegante e de semblante feroz.

Era um dos malfeitores que acabavam de arrombar a cadeia e fugir. Era um assassino... um condenado...

E era também um dos filhos do homem da rua...

. . . . . .

VI

Não mais! Caia espesso véu sobre estas cenas que nos perturbam a alma e nos desatam as lágrimas.

Homens sem coração!

Por que esqueceis aqueles juramentos que, à face dos altares, pronunciastes no momento das núpcias?

O que fizestes da virgem que recebestes por esposa?

O que fizestes dos filhos do legítimo amor?

Ó, tremei... por tamanhas iniquidades.

Deus não dorme e sua justiça é infalível.

Dia virá em que para vós soará a hora do castigo.

Então, ouvireis no prostíbulo as imprecações da adúltera e as blasfêmias da filha perdida; entre os túmulos, o gemido da mártir; e nos cárceres, as maldições do filho perverso...

Fugireis debalde, como Caim fugiu do olho da Providência.

E nos ermos, na multidão, por toda parte, à luz do sol ou nas trevas da noite, escutareis maldições e queixumes, e pungir-vos-á no mais íntimo da alma o ferino espinho do remorso.

E assim, de dor em dor, sempre ouvindo a voz aterradora que vos condena, vagareis na terra, até o dia tremendo em que o Semeador da parábola separar do trigo a cizânia, para entregá-la às chamas eternas.

Homens da rua... voltei ao lar: ainda é tempo de arrepender-vos e abandonar para sempre o caminho da perdição.

Apêndice: O Pão da Padaria Espiritual, Ano II - Nº 25,

1º de Outubro de 1895[1]

Os Quinze Dias

Moacir Jurema (Antônio Sales)

Há muito tempo que não nos era dado ver uma festa tão significativa, tão encantadora na sua singeleza e espontaneidade como a manifestação que a Padaria Espiritual fez ao grande poeta popular Juvenal Galeno, que no dia 27 do mês findo [setembro] completou o seu 59º aniversário natalício. Comecemos pelo começo.

Aventada em sessão da Padaria a idéia da manifestação, ficou assentado que ela consistiria na entrega do Diploma de Padeiro-Mor Honorário ao inspirado cantor da *Lira Cearense*.

Redigido o Diploma, encarregou-se de desenhá-lo o Padeiro Luiz Sá, o grande e modesto artista que, quer empunhando o lápis de desenhista, quer a pena de calígrafo se revela um talento fora do estalão comum.

O trabalho do Sá é um mimo, um verdadeiro primor de concepção e execução.

(Vê o público que a Padaria tem gente para tudo, e ainda sobra — mas para tudo o que é bom, entenda-se)

1 *O Pão... da Padaria Espiritual*. Organização de Sânzio de Azevedo. Fortaleza, Edição fac-similar, Edições UFC/Academia Cearense de Letras/ Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1982.

Esta conspiração contra o retraimento pacato e burguês em que vive há tempos o Juvenal, a dormir sobre os louros conquistados, foi urdida no mais completo segredo a fim de que a coisa fosse para ele uma verdadeira surpresa a assaltá-lo de chofre, e não uma dessas surpresas a óleo e escrivaninha de prata de que muitas vezes o surpreendido faz os gastos.

Ditava os nossos intuitos a mais sentida e grata admiração pela famosa e imorredoura obra de Juvenal Galeno, que tanta inspiração e tanto trabalho despendeu para dotar nossa terra com a história rimada e emocionante das suas lendas, dos seus costumes, das suas glórias e das suas tristezas.

Ao ver o velho triunfador abrigado à sombra do lar, a bater-se vulgarmente na luta pela vida, guardando no fundo das gavetas os lauréis honestamente colhidos — entendemos dever trazê-lo à cena aberta a fim de que, como seus filhos intelectuais, que nós prezamos de ser, lhe rendêssemos os preitos de nossa admiração.

Com quanto seja o juízo da posteridade o único competente para separar o joio do trigo, sagrando os verdadeiros heróis, sempre é bom que a gente sacando sobre o futuro e faça destas apoteoses de corpo presente que, embora não sejam mais tarde referendadas, ao menos derramam um consolo no coração de quem as recebe.

Mas, ou muito nos enganamos, ou a obra de Juvenal Galeno pertence ao número das que a ferrugem das eras não corrói nem deforma.

E foi assim pensando que nós, os soldados de hoje, fomos fazer as nossas continências ao velho general das letras cearenses.

Dentre os nossos consócios há alguns casados, e assim se explica o fato de ter gorado a nossa surpresa, de forma que, quando chegou a banda de música que mandamos pôr à frente da casa do poeta, já esta estava iluminada e enfeitada à nossa espera.

Ao grupo da Padaria incorporaram-se o Dr. Justiniano de Serpa, da Academia Cearense, João Perdigão, do Instituto Histórico, e Luiz Barreiros, da Mina Literária do Pará.

Às sete e pouco da noite entrávamos pela casa do Juvenal.

Waldemiro Cavalcanti, numa alocução de fino lavor literário e cheia de sentimento, saudou-o em nome da Padaria e fez-lhe entrega do Diploma.

Juvenal agradeceu com quatro palavras e algumas lágrimas (que não pudemos contar) e leu em seguida os belíssimos, os primorosos versos que vão publicados mais adiante.

João Perdigão falou em nome do Instituto Histórico, do qual faz parte Juvenal.

Por último falou Luiz Barreiros em nome da Mina Literária do Pará.

Juvenal respondeu a ambos, a chorar de alegria e gratidão.

Mais tarde, após longa e deliciosa palestra sobre letras, fomos conduzidos à sala de jantar onde se pompeava uma vasta mesa artisticamente enfeitada e suculentamente povoada de coisas capazes de escangalhar a abstinência de um santo e de saciar ao... (consintam que não estampemos aqui o nome de um de nossos companheiros, talentoso e excelente rapaz, mas que, pelos modos, sofre de fome canibal)

Encetou os brindes o Antônio Sales, que, com aquela negação que Deus lhe deu para as coisas da eloqüência, condensou num *toast* lacônico a sua saudação ao festejado.

Falou em seguida o Serpa. Não sabemos se ele já teve alguns momentos infelizes na sua vida de orador, mas estamos convencidos de que poucos momentos felizes terá tido como esse em que saudou o Juvenal. A sua alocução foi uma verdadeira torrente de frases de uma profunda emoção poética, lampejantes de imagens felicíssimas repletas de criteriosos conceitos sobre a individualidade literária do poeta de *Porangaba*.

O brinde do Serpa foi uma das notas culminantes da festa.

Voltando ao salão, fez-se música e espírito até a hora em que Antônio Sales, abrindo ao acaso a *Lira Cearense*, anunciou a leitura de algumas poesias do Juvenal.

Foram lidas a história do "Bargado" e "A Viola". Foi indescritível o efeito produzido por essas duas jóias da poesia popular. Palmas incoercíveis rebentavam a cada estrofe, e até o povo que se apinhava na calçada e disputava lugar nas janelas, manifestava com aplausos o seu entusiasmo.

E quando mais tarde dávamos em Juvenal Galeno o abraço de despedida, íamos mais que nunca convencidos da solidez da sua glória, da sobrevivência de seu nome e muito satisfeitos conosco por termos feito sentir que, em vez de neófitos iconoclastas, somos respeitadores de todo o crente que com verdadeira unção se ajoelha no templo da Arte.

Honra ao grande poeta!

À Padaria Espiritual

— recebendo o Diploma de Padeiro-Mor Honorário
que me conferiu no meu aniversário natalício. —

Quem não tem merecimentos,
Glórias não pode alcançar!"

São do povo ensinamentos
Nas cantigas do seu lar,
Que aprendi, desde menino,
Em busca do meu destino,
Principiando a trovar,
Que me serviram de abrigo
Das procelas no perigo,
Farol nas ondas do mar!
E, embora velho, senhores,
Das saudades na estação,
Inda me anima e consola
Boa cantiga, à viola,
Daqueles tempos... Então,
Fugindo à pátria cidade,
Procurei a soledade
Na praia, serra e sertão...
E, da natura no seio,
Do pobre povo no meio,
Cantei, ao som do baião,
Prazeres, melancolias,
Nossas noites, nossos dias,
Sendo mestre — o coração!
Ora, amores da morena,
À luz da lua serena;
Ora amores da jangada
Com sua vela enfunada
Na linha, longe, a brilhar;
E as lidas do jangadeiro,
E as canseiras do vaqueiro
Nas suas doces toadas,

Acompanhando as boiadas
Que às feiras iam levar;
Proezas das vaquejadas,
Perigos do campear...
Atrás da rês catingueira,
Vertiginosa a carreira,
Novilho arisco a topar!
Ou nas verdes serranias,
Ao gemer das ventanias,
Venturas que lá gozei...
Ah, quanto amor e remanso
No trabalho e no descanso!
Como feliz eu cantei,
As artes dos caiporas
No matagal, a desoras,
E as da mãe d'água também.
E das serranas faceiras,
Os encontros nas ladeiras.
Dos cafezais junto às eiras,
Nos rios... entre a cecém!
Conhecendo as feiticeiras...
Quem não invejou? Ninguém!
.....
Pois, bebam água, rapazes,
Ou então, sendo capazes,
Fujam p'ras serras de além!
Mas, desse tempo ditoso,
Só restam recordações...
Minhas singelas canções
Qu'inda repito, saudoso

D'almos afetos d'outrora,
Das minhas inspirações.
Mas, como as bendigo agora!
Pois lhes devo esta alegria...
Título de tanta valia,
Da Padaria gentil...
Virentes louros, colhidos
Nos jardins dos escolhidos
Para um colega senil!
Oh, bem sei que não me cabem
— Da juventude esperdícios —,
Mas os aceito e admiro,
Como o pobre em seu retiro,
Do Astro-Rei benefícios,
Na choça vendo-os entrar,
Qu'este diploma e louvores
Mais não são do que favores
De fidalguias sem par,
Que sinto ferir-me n'alma,
Da gratidão preso à palma,
Agudo espinho — o pesar
De, conforme ensinamentos
Não possuir documentos
Que os possa justificar
Ouvindo em muitos momentos:
"Quem não tem merecimentos,
Glórias não pode alcançar!

Juvenal Galeno
27 de setembro de 1895

EXPRESSÃO
GRÁFICA

Rua João Cordeiro, 1285
(85) **3464.2222** • Fortaleza-CE
www.expressaografica.com.br

FILIADA À CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO

CBL

20 anos